

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Revista Querubim

Letras – Ciências Humanas – Ciências Sociais

Edição 58

Ano 22

Volume Especial

América Latina em Revista

Luciana Marino do Nascimento

Luciano Mendes Saraiva

Valternir Soares de Abreu

(Org.)

Aroldo Magno de Oliveira

(Ed./Org.)

2026

2026

2026

2026

Niterói – RJ

Revista Querubim 2026 – Ano 22 – América Latina em movimento - vol. esp. – 85 p. (fevereiro – 2026)
Rio de Janeiro: Querubim, 2026 – 1. Linguagem 2. Ciências Humanas 3. Ciências Sociais Periódicos. I
- Título: Revista Querubim Digital ISSN 1809-3264

Conselho Científico

Alessio Surian (Universidade de Padova – Itália)
Darcília Simoes (UERJ – Brasil)
Evarina Deulofeu (Universidade de Havana – Cuba)
Madalena Mendes (Universidade de Lisboa – Portugal)
Vicente Manzano (Universidade de Sevilla – Espanha)
Virginia Fontes (UFF – Brasil)

Conselho Editorial

Presidente e Editor

Aroldo Magno de Oliveira

Consultores

Alice Akemi Yamasaki
Bruno Gomes Pereira
Carla Mota Regis de Carvalho
Elanir França Carvalho
Enéias Farias Tavares
Francilane Eulália de Souza
Gladiston Alves da Silva
Guilherme Wyllie
Hugo de Carvalho Sobrinho
Hugo Norberto Krug
Janete Silva dos Santos
Joana Angélica da Silva de Souza
João Carlos de Carvalho
José Carlos de Freitas
Jussara Bittencourt de Sá
Luciana Marino Nascimento
Luiza Helena Oliveira da Silva
Mayara Ferreira de Farias
Pedro Alberice da Rocha
Regina Célia Padovan
Ruth Luz dos Santos Silva
Shirley Gomes de Souza Carreira
Vânia do Carmo Nóbile
Venício da Cunha Fernandes

SUMÁRIO

01	Luciana Marino do Nascimento, Luciano Mendes Saraiva e Valtenir Soares de Abreu - Apresentação	04
02	Amanda Vieira de Souza, Luciano Mendes Saraiva e Jucileide Souza da Silva - Uma cartografia urbana por Cartagena: uma leitura da crônica <i>Dentro de las Murallas de Cartagena</i>	06
03	Willianice Soares Maia e Douglas Estrela - Alfonso Reyes e o brilho da estrela: uma leitura do conto “Estrela do Oriente”	16
04	Adelzita Pacheco, Luciana Marino do Nascimento e Jorge Eduardo Magalhães - Contribuições de Franz Tamayo na construção do sistema educacional boliviano	22
05	José Cabral Mendes e Fernanda Francisco de Lima - Leyenda mexicana e los Aztecas: um diálogo literário sobre a história mexicana	31
06	Valtenir Soares de Abreu, Paulo César Vieira de Toledo e Julia Vitória Vieira Lucas - Carnaval e o “Elogio do Cordão”: uma análise sobre a festa e sua relação com o texto de João do Rio	42
07	Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça - O feminino na dramaturgia de Gonçalves Dias	50
08	Cleiton França dos Santos e Brenda dos Santos Cerqueira - As muitas faces da Belle Époque: da insatisfação ao motim da revolta da chibata ocorrida em novembro de 1910	56
09	Saide Feitosa da Silva e Eduardo Guimarães Souza - A dialética da alienação e do encantamento na flânerie de Poe no conto O Predicamento	76

APRESENTAÇÃO

Apesar das constantes mudanças ocorridas ao longo dos anos, resultantes do processo de modernização aos quais estão condicionados os espaços, que influenciam as culturas e as identidades, segmentos que vivenciam trânsitos, contatos, alteridades e ressignificações, as representações sobre os países latino-americanos ainda são concebidas a partir de perspectivas marcadas por estereótipos, a exemplo de imagens vinculadas à tropicalidade, sensualidade e a diversão, bem como ao caminho para o eldorado, narrativas que podem produzir apagamentos, pois apesar de o território latino-americano constituir-se de múltiplos espaços e culturas, estes rótulos contribuem para que aquela macrorregião seja classificada como um bloco homogêneo, ignorando as peculiaridades e minimizando a sua riqueza cultural.

Cabe frisar que esta classificação ocorre por meio de práticas discursivas que atuam colaborando com políticas explícitas de imposição de discursos, ideologias e poder, reforçando a visão que o estrangeiro tem sobre aqueles espaços, sobretudo no tocante aos povos e culturas, conferindo-lhes um lugar de subalternização e inferioridade.

Partindo dessas premissas, os estudos publicados nesse volume temático demonstram resultados de pesquisas colaborativas, fomentando diálogos e reflexões que caminham na contramão de um pensamento tradicional que compreende a cultura e a identidade como fixa, única, exclusiva e homogênea, equívocos atribuídos a povos multifacetados como os latino-americanos. Nesse volume especial intitulado **AMÉRICA LATINA EM REVISTA**, os autores abordaram os mais variados gêneros discursivos em seus estudos sobre escritores e intelectuais latino-americanos.

Assim, na sessão **Olhares sobre a América Latina**, o trabalho de Luciano Mendes Saraiva, Amanda Vieira de Souza e Jucileide Souza da Silva intitulado **UMA CARTOGRAFIA URBANA POR CARTAGENA: uma leitura da crônica *Dentro de las Murallas de Cartagena***, faz um recorte da trajetória da escritora e jornalista colombiana Soledad Acosta de Samper, que no início do século XIX contribuiu por meio de suas escritas para a construção de narrativas históricas sobre Colômbia/*Cartagena*, destacando eventos vividos pela urbe durante o período colonial, ao tempo que apresenta descompassos na trajetória de um lugar marcado por adversidades resultantes da colonização, da exploração e de ataques de corsários, dissabores que retratam outros espaços da América Latina.

Na mesma direção, os autores Willianice Soares Maia e Douglas Estrela no texto **ALFONSO REYES E O BRILHO DA ESTRELA: uma leitura do conto estrela do oriente**, analisam o conto “Estrella de Oriente” de Alfonso Reyes, destacando seu simbolismo e relevância na literatura latino-americana. Reyes, um renomado escritor mexicano, usa a narrativa para explorar temas profundos de espiritualidade e autoconhecimento. O principal objetivo é interpretar os elementos simbólicos presentes no conto e entender como eles contribuem para a mensagem geral da obra.

Os autores Adelzita Valéria Pacheco de Souza, Luciana Marino do Nascimento e Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça, no estudo intitulado **CONTRIBUIÇÕES DE FRANZ TAMAYO NA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BOLIVIANO** descrevem a atuação do escritor, poeta e pedagogo Franz Tamayo e estudam a obra *Criação da Pedagogia Nacional* (1910), de mesmo autor, tendo como foco o projeto de nação do escritor ao pensar a educação boliviana. Como se estruturou o (s) sistema(s) educacional da Bolívia e que marcas Tamayo deixou nas diretrizes educacionais bolivianas.

Os autores José Cabral Mendes e Fernanda Francisco de Lima no texto **LEYENDA MEXICANA E LOS AZTECAS: um diálogo literário sobre a história mexicana**, exploram, por meio da comparação entre dois contos mexicanos, diversos períodos da rica história do México: desde os tempos remotos dos Astecas até o México colonial, conhecido como Nova Espanha. Nesta análise, examinam a perspectiva única de dois autores, Julio Torri e Ezequiel A. Chávez, que viveram

durante a Revolução Mexicana. Os contos em questão, *Leyenda Mexicana*, de Torri, e *Los Aztecas*, de Chávez, oferecem ao leitor uma visão intrigante do surgimento da nação mexicana.

Já os autores Valtenir Soares de Abreu, Paulo César Vieira de Toledo e Julia Vitória Vieira Lucas, em seu texto **CARNAVAL E O “ELOGIO DO CORDÃO”**: uma análise sobre a festa e sua relação com o texto de João do Rio, irão descrever a evolução histórica do carnaval, destacando suas origens mesopotâmicas e influências culturais, especialmente sua introdução no Brasil pelos imigrantes no século XVII. Ademais, abordam sobre a complexidade do carnaval Brasileiro, inicialmente associado a prazeres carnavais e, posteriormente, utilizado como instrumento político e religioso, retratando a tensão entre a elite e as classes populares.

O autor Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça em seu texto **O FEMININO NA DRAMATURGIA DE GONÇALVES DIAS**, faz uma breve análise acerca da opressão, cada uma de sua forma, vivida pelas personagens femininas dos dramas históricos *Patkull*, *Beatriz Cenci* e *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, destacando seus dilemas e conflitos.

Enquanto os autores Cleiton França dos Santos e Brenda dos Santos Cerqueira no texto **AS MUITAS FACES DA BELLE ÉPOQUE: da insatisfação ao motim da revolta da chibata ocorrida em novembro de 1910**, reconstroem a partir de sua leitura, a história da Revolta dos Marinheiros, mostrando faces da Belle Époque carioca retratadas em crônicas de circulação da época.

E, dando continuidade aos estudos sobre a América Latina em movimento, na seção *Varia*, os autores Saide Feitosa da Silva e Eduardo Guimarães Souza, com o texto **A DIALÉTICA DA ALIENAÇÃO E DO ENCANTAMENTO NA FLÂNERIE DE POE NO CONTO O Predicamento**, analisam a dualidade da experiência urbana moderna, onde progresso e caos coexistem. Inspirando em Ítalo Calvino e Luciana Nascimento, discute como Allan Poe retrata as cidades como espaços de fascínio e alienação. A pesquisa desvela os paradoxos da modernidade com suas tensões entre o desejo de progresso e as consequências sombrias causadas por ele.

Organização

Luciana Marino do Nascimento

Luciano Mendes Saraiva

Valtenir Soares de Abreu

UMA CARTOGRAFIA URBANA POR CARTAGENA: LEITURA DA CRÔNICA *DENTRO DE LAS MURALLAS DE CARTAGENA*

Luciano Mendes Saraiva¹
Amanda Vieira de Souza²
Jucileide Souza da Silva³

Abstract

Over the years, narrative studies have reaffirmed the role of literature as a potent historical source for understanding urban settings. Literary texts, in addition to fictionalizing events tied to specific times, spaces, and subjects, also serve as a repository of memories that can be read, studied, and retold - often recovering forgotten elements or offering new perspectives that reframe history. Within this framework, this article examines how the Colombian writer and journalist Soledad Acosta de Samper, in the early 19th century, contributed to the construction of historical narratives through her work *Los piratas en Cartagena*. So, this study aims to utilize the chronicle as a discursive genre to narrate events in Colombian history, shedding light on the adversities faced by a city shaped by colonization, exploitation, and pirate attacks - experiences echoed throughout Latin America. This is a qualitative, bibliographic, and descriptive study, focusing on Colombian territories through the lens of Soledad's chronicle, which unveils historical contexts and demonstrates how violence deeply permeated interactions among individuals inhabiting those spaces. For this analysis, we draw on the theoretical perspectives of Candido (1912), Bakhtin (2006), Voloshinov (2018 [1929]), and Ramos (2008). Among the findings, we highlight the visibility granted to women, particularly as educated and cultured writers, a path forged through the press, which offered an initial platform for publishing their work. Additionally, we underscore literature's ability to explore historical themes, inviting readers to reflect on the complexities of the colonization process in the Americas. The study also emphasizes the unique characteristics and identities of Latin American peoples, often marginalized by Eurocentric hegemonic discourses.

Keywords: Soledad Acosta de Samper. Cartagena. Chronicle. Colombia.

Dentre os diversos papéis assumidos pela literatura, destacamos a sua capacidade de demarcar, em suas narrativas, fatos ocorridos em determinado tempo e espaço, projetando denúncias sociais, assumindo engajamentos políticas e ideológicas e fomentando uma reflexão crítica do leitor. Essa incumbência teve início nos séculos passados e permanecem, atualmente, resgatando memórias e dando visibilidade a discursos, corpos e vozes que foram apagados para atender interesses de países imperialistas e do colonizador.

Ao ser questionado sobre o papel da literatura pelo jornal Público, Marios Vargas Llosa, escritor peruano, ressalta que:

A literatura não é apenas uma fonte maravilhosa de prazer. Cumpre, além disso, uma função social e histórica de primeira ordem que é a de desenvolver nos leitores um espírito crítico. Depois de termos lido uma grande obra literária, um grande romance, um grande poema, um ensaio, regressamos ao mundo real convencidos de que a realidade está mal feita, que está muito aquém daquela ficção que somos capazes de inventar através da fantasia e da palavra. Isso faz-nos olhar para a nossa envolvimento social, cultural e política com olhos muito críticos. (Jornal Público, 2014).⁴

¹ Universidade Federal do Acre (UFAC) - luciano.saraiva@ufac.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro - amandavieira@letras.ufrj.br

³ Universidade Federal do Acre (UFAC) - jucileide.silva@sou.ufac.br

⁴ *Jornal Público*, Lisboa, 26 jul. 2014.

A fala do escritor nos leva a refletir o quanto o texto literário perpassa os limites do entretenimento e da fruição, convertendo-se em uma valorosa fonte de reflexão sobre a vida, pois seus revêrberos podem ser percebidos na formação social, cultural e política do indivíduo, cuja postura pode contribuir com a resolução de problemas do cotidiano do/no ambiente que o cerca.

Outrossim, corroboramos Vargas Llosa (2014), quando afirma que o texto literário desenvolve o espírito crítico, contribuindo para a formação do sujeito, pois, dentre as possibilidades por ele ensejadas, podemos destacar sua capacidade de fomentar debates sobre temas específicos, refletindo e refratando o posicionamento político e ideológico do/a autor/a, pois, embora as vezes imperceptível aos olhos de um leitor desatento, os discursos presentes nos seus enunciados não são neutros.⁵ É nesse sentido que os gêneros discursivos novela e crônica podem constituir-se excelentes terrenos que nos permitem observar como as ideologias se refletem e se refratam na sociedade.

Efetivamente, no raiar do século XIX, as diversas colônias hispânicas, incluindo as localizadas na América do Sul, lutaram por independência política. Naquele cenário de tensões, nas primeiras décadas, a vida literária também se organizava e muitas narrativas sobre as histórias das nações que ali se formavam foram escritas e com elas fixaram literária e historicamente o perfil de cada país. Colômbia, por exemplo, não ficou ilesa aos processos que foram registrados nos gêneros discursivos produzidos no período, a exemplo das novelas e das crônicas, e dentre os escritores que se destacaram está a colombiana Soledad Acosta de Samper.

De acordo com Ramos (2008), a Literatura sempre se destacou como um elemento fundamental para a percepção e organização dos espaços urbanos no século XIX, o que resultou na elaboração de um projeto de consolidação das nações, momento em que escritores atuaram na descrição dos processos de (re)construção pelos quais passavam os espaços, o que reforça a importância dos intelectuais na “cidade das letras” naquele momento. Para o autor, dentre outras finalidades, o ato de escrever,

respondia à necessidade de superar a catástrofe – o vazio de discurso, o cancelamento das estruturas – que as guerras tinham provocado. Escrever, nesse mundo, era dar forma ao sonho modernizador; era civilizar, ordenar o sem-sentido da barbárie.⁶

Nas falas do autor, é possível perceber o quanto a escrita se configurava como lugar de refúgio e alento, de superação às catástrofes resultantes das guerras, mas também operava como um dispositivo que dava forma e materializava o processo de modernização dos espaços, quando os autores narravam positiva ou negativamente fatos históricos, descrevendo as mudanças que afetavam diretamente a vida dos indivíduos. São essas narrativas que demonstram como essa modernização ocorria em constantes descompassos e que nem todos acessavam as benesses daquele processo.

Com efeito, a produção escrita sempre colaborou para a descrição e formação dos Estados-nação, o que nos leva a perceber como os mecanismos de domínio e opressão reiteradamente estiveram intermediando as movimentações e discursos e, consecutivamente, propagando ideologias, geralmente capitalistas e motivadoras de práticas que atentam contra a liberdade, a igualdade e o direito à vida, na esteira de um discurso que preza pela dominação e manutenção do poder. No caso da obra em estudo, seja pela coroa espanhola, seja pelos piratas que adentraram os espaços de Cartagena.

⁵ VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. Américo, Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018 [1929].

⁶ RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina*. Trad. Rômulo Monte-Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 28.

Embasados na perspectiva do Círculo de Bakhtin, entendemos que o fenômeno geral das ideologias⁷ se materializa através da linguagem, na interação discursiva entre indivíduos socialmente organizados. Dentro desta concepção, Volóchinov destaca que “a própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social”. Nessas instâncias, ao analisarmos as crônicas de Soledad a partir de uma perspectiva dialógico-ideológica, obtemos subsídios para compreender quais discursos e ideologias orientam o pensamento da sociedade da época no que tange à construção identitária, bem como podemos perceber como as relações de poder ocorriam tanto a partir da coroa espanhola quanto dos piratas que usavam da força para dominar espaços e sujeitos, por meio da violência, fatos que serão evidenciados na obra de Soledad.

O gênero discursivo crônicas: conceitos e perspectivas

A crônica constitui um gênero textual que passeia entre o relato do cotidiano e o literário. De acordo com David Arrigucci Jr. (1987),⁸ a crônica está ligada à noção de tempo, representando uma forma de memória e um registro da vida cotidiana. O autor enfatiza que, apesar da aparente simplicidade temática e linguagem coloquial, definir a crônica é uma tarefa desafiadora devido à sua intrínseca ligação com a noção de tempo. Assim, se de um lado ela representa uma forma de memória, constituindo um registro da vida cotidiana, por outro cabe ao cronista moderno penetrar profundamente na essência de seu tempo, preservando, paralelamente, sua autenticidade ao longo dos anos.

Ao discorrer sobre o gênero crônica, Cândido (1992), destaca que ela “não foi feita para o livro e não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa”.⁹ Não obstante, Soledad Acosta eterniza as suas crônicas no livro intitulado *Los Piratas de Cartagena: Crônicas histórico-novelescas*, elevando a sua importância ao fazer com que a crônica alcance novos horizontes, deixando de ser exclusiva do jornal e se consolidando como capítulo de livros, fato que atribui ao texto uma durabilidade maior do que se poderia imaginar, pois ao perpetuar-se como obra, torna-se atemporal.

Em outras perspectivas, acreditamos que a crônica, por estar imersa em um contexto histórico complexo, reflete as transformações sociais e culturais advindas do processo de modernização do lugar onde foi escrita. Assim, os escritores, ao se dedicarem à crônica, se preparavam para um gênero aparentemente mais substancial e seguro, o romance. Em nosso estudo, evidenciamos o quanto a crônica exerceu o papel de narrar momentos históricos reais ou fictícios, acontecimentos do cotidiano, geralmente datando a cronologia e instigando reflexões críticas em seus leitores, como iremos encontrar nos entrelaçados textuais de Soledad.

Cabe destacar que a crônica de Soledad tem uma perspectiva de historicizar fatos que ocorreram na Colômbia do século XIX, porém, em contextos atuais, ela assume grande valor por nos permitir revisitar a história e os espaços onde ocorreram os relatos, mas também traçar perfis identitários sobre os sujeitos que fazem parte das narrativas. Esse movimento é importante para se pensar e repensar como as práticas discursivas atuam para revelar a lógica encoberta que impõe o controle, a dominação e a exploração, uma lógica oculta por trás do discurso da honra e glória

⁷ MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

⁸ ARRIGUCCI JÚNIOR, David. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁹ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio *et al.* *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

defendido pela coroa espanhola e de exploração e conquistas por parte dos Filibusteros¹⁰ em Cartagena, que travaram embates registrados na obra em estudo.

Discursos históricos nas escritas de Soledad Acosta Samper

Antes de fazer uma leitura analítica da crônica de Soledad Acosta, apresentaremos uma breve biografia da autora, destacando sua trajetória, o que nos auxiliará na compreensão de suas referências como escritora e suas condutas como um sujeito politizado que escreve sobre lugares e descreve fatos sobre temas diversos, balizando-se em discursos que possibilitam a leitura de uma Colômbia que sempre esteve marcada pela subordinação à coroa espanhola e às violências causadas pelos piratas.

Soledad Acosta de Samper, nasceu no dia 05 de maio de 1883, em Bogotá, Colômbia, e morreu no dia 17 de março de 1913 no mesmo local. Além de historiadora, foi jornalista e, neste papel, escreveu sobre a condição das mulheres de sua época, em particular na obra *La Mujer en la Sociedad Moderna* (1895). Em 1878 fundou o periódico *La Mujer*, que em seu prospecto esclarecia a intenção de ser uma revista produzida exclusivamente por mulheres.

Escreveu novelas históricas, como *Los piratas en Cartagena: crónicas histórico-novelescas* (Bogotá, 1886) e fez parte de Instituições importantes como a Academia Colombiana de História. Foi representante da Colômbia nas comemorações do quarto centenário da viagem de Colombo à América, na Espanha, em 1892. Sua vida evidencia a contribuição das mulheres na escrita das histórias nacionais no século XIX, atuação muitas vezes negligenciada – e porque não dizer apagada –, ainda que muito do trabalho dos historiadores naquele período envolvesse tarefas de revisão, tradução, escrita e cópia de documentos feitas por suas esposas e filhas, que nos autos não recebem os devidos reconhecimentos.

Dada a sua importância no cenário literário colombiano, Soledad Acosta teve suas obras lidas e descritas por diversos estudiosos, a exemplo de James Rodríguez Calle, que escreveu em seu artigo sobre “*Los piratas de Cartagena de Soledad Acosta: narración de la Colonia para los príncipes de la Regeneración*” destacando a relevância da obra na contextualização histórica colombiana. O autor destaca também a importância da obra de Soledad no contexto da Regeneração na Colômbia, quando a ala machista de escritores tentou a todo custo apagar o protagonismo das mulheres escritoras, Soledad apresenta uma poética de vanguarda realista, como é o caso de “*Los piratas de Cartagena*”, escrita por uma mulher. Na mesma direção, Paola Andrea Fonnegra Osorio e Claudia Patricia Fonnegra Osorio, em seu artigo intitulado “*Soledad Acosta: mujer, formación y virtud*”, retratam a importância da escritora colombiana na reivindicação das mulheres na sociedade do século XIX, enunciando como Acosta de Samper defendeu a inclusão das mulheres em um cenário intelectual, predominantemente masculino, por meio de sua atuação no jornalismo e na literatura. As autoras apontam que, “(...) el papel de Soledad Acosta de Samper no se centró exclusivamente en la exploración en torno a subjetividad femenina, sino también en incitar a otras mujeres a afirmar la escritura como un camino para el reconocimiento de ellas mismas, de sus costumbres y de su patria”.

Essas posturas, consideradas transgressoras para a época, são justificadas pela visão de Acosta Samper sobre o papel social das mulheres como formadoras de cidadãos e, por meio dela, as escritoras hispano-americanas ganham visibilidade e responsabilidade política significativas, pois suas obras desvelam a capacidade intelectual da mulher, colocando-as em condições de paridade ao homem.

¹⁰ Filibusteros – eram os membros de certas companhias de piratas ou bandidos do mar, uns ingleses, outros franceses, que tinham seus covis nas Pequenas Antilhas que os espanhóis não haviam tomado para si e onde planejavam expedições de ataque contra as colônias espanholas. (tradução nossa).

Outro ponto que merece destaque está relacionado ao fato de Acosta levar o leitor a refletir sobre as relações assimétricas existentes entre o homem branco, o negro e o indígena, personagens que compartilhavam espaços de Cartagena, à época um dos principais territórios de Colômbia, já que era parada obrigatória para aqueles que iam para o sul das Américas.¹¹ Ao realizar esse feito, demonstra a relação de dependência existente entre colonizador e colonizado, que em dado momento lutavam juntamente contra os piratas, momentos em que suas identidades eram reconstruídas por meio da alteridade.¹²

Alteridade, na concepção Bakhtin, é um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro que tanto pode ser a sociedade como a cultura, tendo a linguagem por elemento de ligação. “Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor”.¹³

Com efeito, o estudo da obra de Soledad Acosta é significativo para pensarmos nos países da América Latina, com constantes crises identitárias e ideológicas, que continuam sendo afetados de formas conflituosas pelas heranças deixadas pelo colonizador e suas práticas de opressão, realidade que pode ser vislumbrada especialmente quando Soledad faz duras críticas a este sistema, o qual ainda admite as mais diversas assimetrias sociais e discriminações, a exemplo de povos subjugados e considerados inferiores pelo colonizador, dos indígenas que sofriam com as violências por resistir à soberania europeia e negros escravizados que penavam nas mãos de seus amos. É válido mencionar que, embora estes sujeitos tenham sido fundamentais nas batalhas travadas entre o espanhol e os piratas, não ocupam lugar de destaque, sendo relegados à servidão nos trabalhos braçais ou com suas vidas nas batalhas travadas.

Certamente, apresentar essas temáticas, além de oportunizar aos leitores refletirem sobre o lugar de povos subjugados, mas que lutaram ombro a ombro com o seu colonizador, atribui à autora uma postura de transgressão, ao destacar sujeitos apagados pela pena historiográfica branca.

Contextualizando a obra

A obra *Los Piratas de Cartagena: Crónicas histórico-novelescas* tematiza a presença de piratas na cidade de Cartagena, na Colômbia, durante o período colonial. Enquadra-se no gênero literário da narrativa novelesca e, embora esteja organizada por capítulos, estes podem ser lidos e estudados separadamente. Como temática central, os textos giram em torno de como a coroa espanhola se instaura nos espaços colombianos, a luta pela manutenção da hegemonia eurocêntrica, mas, também, o protagonismo anti-herói dos piratas que atuavam utilizando as mais diversas formas de violência e opressão em busca de riquezas e poder.

Apresentaremos, a seguir, uma imagem das muralhas de Cartagena para que possamos ter melhor percepção da estrutura arquitetônica montada pela coroa espanhola, bem como dos desafios dos piratas para invadir as dependências guardadas pela armada conduzida por militares que defendiam os interesses da monarquia, levando-nos a percorrer as trilhas da cidade amuralhada e tentar recriar a trajetória feita pelos personagens descritos na obra.

¹¹ SAMPER, Soledad Acosta de. *Los piratas de Cartagena: crónicas históricos-novelescas*. Bogotá: Impenta de la Luz, 1886. p. 32.

¹² BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

¹³ BAKHTIN. *Estética da criação verbal*, p. 113.



Fonte: Pesquisa google¹⁴

Ao fazer uma imersão sobre as narrativas dos países latino-americanos, percebemos que a história da Colômbia foi similar à dos demais territórios, considerando que todos foram colonizados e explorados por países europeus. Nesse pressuposto, a corrupção na administração colonial parece ser uma característica comum, e não podemos deixar de mencionar a exploração intensiva de recursos naturais, minerais e mão de obra, que foi uma constante em várias colônias, resultando em impactos negativos significativos, não somente para a população indígena, mas para todos que vivem naqueles ambientes.

No século XVI, por conta da grande riqueza de metais e pedras preciosas, o Caribe e toda a costa da América Latina foi atacada por corsários, ou seja, os famosos piratas tão decantados nos filmes, a exemplo de “Piratas do Caribe”. Mas, na realidade, o grande pirata da Costa de Cartagena foi Francis Drake, um corsário inglês que em 1586 invadiu aqueles espaços, ainda que esta estivesse configurada urbanisticamente como cidade amuralhada.

Cartagena foi fundada por Pedro de Heredia em 1533, em uma ilha habitada pelos indígenas calamaris. A escolha do local se deu pelas excelentes condições para defesa e navegação, situando-se em uma ampla baía sobre o mar aberto. A cidade ganhou relevância na geopolítica da coroa espanhola, sendo um porto autorizado para o comércio exterior e entrada de negros escravizados. A riqueza da região, especialmente dos Sinúes, grandes ourives indígenas, e a atividade comercial, resultaram em prosperidade rápida. Contudo, essa prosperidade atraiu corsários e piratas, resultando na necessidade de fortificação.

Diante dos ataques, como o de Francis Drake em 1586, Felipe II solicitou aos engenheiros militares Batista Antonelli e Cristobal de Roda a elaboração de um plano de fortificação. Esse plano delineou um perímetro poligonal amuralhado com baluartes, configurando a malha reticular das ruas para conectar acessos, baluartes e praças. Assim, no século XVII, Cartagena tornou-se uma praça fortificada com muralhas, baluartes e fortes, que dificultava a entrada de estrangeiros, como os ingleses, que, na tentativa de invadir,

¹⁴ Disonível em: https://dicasdacolombia.com.br/cartagena/cidade-amuralhada-o-centro-historico-de-cartagena/#google_vignette.

Habían encomendado a los ingenieros ciertos trabajos preparatorios para para atacar la plaza de Cartagena; y como éstos tardasen mucho en aquellas operaciones, Vernon se enfureció, buscó al general Wentworth, que nada tenía que responder a la morosidade del ingeniero, y le dijo palabras recias e insultantes [...] ¹⁵ (grifos nossos)

A partir deste fragmento, podemos idealizar o nível de segurança da cidade amuralhada. Ainda assim, a cidade enfrentou desafios, não resistindo aos ataques do Barão de Pointis em 1697 e do almirante Vernon em 1741. Não obstante, cada invasão resultava na construção de novas defesas e na reformulação das existentes. Essa reconstrução reflete o quanto a cidade era estratégica e a importância dela para resistir os ataques dos piratas.

Seguindo a trilha da cidade amuralhada na obra de Soledad Acosta de Samper, pode-se observar que são explorados diversos elementos relacionados à história e aos acontecimentos ocorridos em Cartagena durante o século XVII. O texto em estudo detalha os ataques saqueadores conduzidos por piratas e invasores estrangeiros. Destacam-se as narrativas sobre a defesa corajosa liderada por figuras como Sancho Jimeno, que lutaram tenazmente para resguardar a cidade e seus habitantes. Além disso, são observadas as repercussões desses ataques, abrangendo a destruição, o sofrimento e a batalha pela sobrevivência enfrentada pelo povo colombiano de Cartagena.

Outrossim, a obra também descreve as intrigas e traições que permearam os eventos narrados, envolvendo personagens diversos, como piratas, franceses e os próprios habitantes de Cartagena. Tais aspectos proporcionam uma perspectiva dos acontecimentos históricos e das adversidades sofridas pelos moradores daquele lugar, como iremos apresentar na sessão seguinte.

Uma leitura do texto dentro de las murallas de Cartagena

A obra de Soledad Acosta de Samper, dentro de uma perspectiva dialógica, reúne os gêneros discursivos novela e crônica que operam narrando fatos históricos, levando o leitor a conhecer a atuação dos piratas na cidade de Cartagena. Para o desenvolvimento desse estudo, realizamos a leitura do capítulo VIII intitulado “*Dentro de Las Murallas de Cartagena*”, do livro *Os Piratas em Cartagena* publicado no ano de 1886.

A escritora narra a história de personagens que lutam contra os piratas em Cartagena, destacando a valentia, as intrigas em que se envolvem e lutas contra os piratas ou flibusteiros, representados pelos ingleses e franceses. Sua escrita aborda temas como coragem, lealdade e traição, bem como as repercussões das ações dos piratas e dos franceses na vida dos habitantes de Cartagena.

Os escritos históricos que tratam de personalidades que lutam pela nação sempre expressam atos heroicos e de coragem, esta peripécia se revela quando Soledad Samper narra o feito do Vice-rei do Novo Reino de Granada, Don Sebastián de Eslava, que se decidiu permanecer na Costa para defender de forma mais efetiva a colônia espanhola dos invasores estrangeiros. De acordo com os escritos de Samper, sua presença era forte e marcante a ponto de motivar os defensores da praça de Portobelo, além de ter respaldo para solicitar da Coroa provisões para necessárias para garantir a segurança daquele território, como podemos ver em uma de suas petições à coroa:

[...] pidió que le mandasen de España la tropa, municiones y petrechos de guerra que consideraba indispensables para defender aquella ciudad, assegurando que si lo enviaban lo que necesitaban él y el Teniente General Don Blas de Lezo, **respondían ambos con sus cabezas de la conservación de Cartagena**¹⁶ (grifos nossos).

¹⁵ SAMPER. *Los piratas de Cartagena*: crónicas históricos-novelescas, p. 250.

¹⁶ SAMPER. *Los piratas de Cartagena*: crónicas históricos-novelescas, p. 243.

No fragmento em destaque, ao anunciar defender com suas cabeças a conservação de Cartagena, fica evidente a coragem e bravura de Eslava, que estava disposto a dar sua cabeça, em outras palavras, sua vida, para defender o território então pertencente à Espanha. Tal postura reflete e refrata a ideologia⁵ do colonizador, ao colocar-se à disposição a sua vida, em nome da coroa. Destaca, também, a sua lealdade, valor humano relacionado com a capacidade de ser confiável, uma tentativa de demonstrar a retidão moral, honestidade e a capacidade de honrar compromissos, como foi o que caso de Eslava com a monarquia espanhola.

A lealdade também é manifestada nas falas do tenente General espanhol Don Blas de Lezo, o qual, ao se preparar para defender a todo custo o porto de Cartagena e sabendo o grande número de navios e combatentes prestes a atacar, disse aos seus subordinados: “Pero eso no importa. Juro á Dios que, con la protección, que no dudo nos dispensará Él, y la intervención de su Santísima Madre, hemos de rechazar á los Ingleses y **levantar en alto el estandarte que nos ha confiado Nuestro Señor el Rey de España**”.¹⁷ (grifos nossos).

Nas falas de Don Blas, identificamos dois perfis inerentes ao invasor das terras colombianas. O primeiro é o desejo de vencer a todo custo a luta contra os invasores e provar o seu valor perante o Rei, na esperança de ter seus nomes registrados nas narrativas heroicas. E o segundo, é a religiosidade, especificamente, a católica, caracterizada por um forte apego aos santos aqui representado pela “*Santísima Madre*”, ou em outras palavras, a “Virgem Maria”.

No que tange à religião, Karnal (2010) defende que foi um elo comum entre os diversos territórios que compõem a América Latina. É oportuno destacar que, no período da colonização, o catolicismo foi um dos fortes princípios de unidade que atuava por meio da espiritualidade, razão pela qual Don Blas se fortalece na fé, ao anunciar: “*Juro á Dios que, con la protección, que no dudo nos dispensará Él, y la intervención de su Santísima Madre, hemos de rechazar á los ingleses*”, como uma forma de influenciar os seus combatentes, dando-lhes a certeza de que estão protegidos e fortalecidos pela fé, pelas forças que vêm dos céus. Essa perspectiva é corroborada por Karnal (2010), quando afirma que “Para produzir um império era necessário ter uma só fé, um só rei e uma só língua”.¹⁸ Assim, por meio de um discurso de unicidade e fé, os subalternos da coroa, sejam europeus, indígenas ou negros escravizados, lutavam contra as ameaças estrangeiras.

É importante ressaltar que, naquele espaço hostil, as relações estabelecidas entre europeus e ingleses eram circundadas de tensões. Naquelas instâncias, houve práticas discursivas e negociações, atitudes de traição como estratégias de guerra para vencer o inimigo, como podemos contatar no seguinte excerto:

Pero si los ingleses habían sido tan descuidados, que no se tomaron el trabajo de averiguar con certeza cuál era la guarnición de las Plazas españolas, Don Blas de Lezo, al contrario, **había logrado introducir dos espías en la armada de Vernon**, los cuales, no bien hubo surgido la Escuadra en Playa-Grande, cuando, aprovechandose de una noche oscura y lluviosa, **lograran alejarse de las naves del enemigo, y desembarcar en la Playa-de-la-Canoa, y de allí, por veredas recônditas y excusadas, entrar en Cartagena y presentarse al bravo Don Blas**, que les aguardaba con mayor ansiedad.¹⁹ (grifos nossos)

¹⁷ SAMPER. *Los piratas de Cartagena: crónicas históricos-novelescas*, p. 246.

¹⁸ KARNAL, Leandro. Catolicismo na América Latina: período da conquista e da colonização. In: SILVA, E. M.; BELLOTTI, K. K; CAMPOS, L. S. *Religião e sociedade na América Latina*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 26.

¹⁹ SAMPER. *Los piratas de Cartagena: crónicas históricos-novelescas*, p. 244.

O fragmento destaca habilidades e táticas de condutas de combates avançadas por parte dos espanhóis em diversas ações, a exemplo de infiltrar nas tropas inimigas espões para registrar não só o contingente de navios, armamentos e combatentes inimigos, mas também descobrir estratégias de ataques, informações necessárias para montar planos de defesas e ataques. A partir dessas informações, era possível reorganizar os planos para receber os reforços e armamentos enviados pela coroa espanhola, até adentrar as muralhas de Cartagena, fortalecendo o exército espanhol e aumentando as chances de vencer a guerra contra os ingleses.

Dentre as variadas temáticas tratadas no Capítulo VIII, intitulado *Dentro de Las Murallas de Cartagena*, encontramos aspectos que nos levam a refletir como se (re)constroem as culturas e identidades dos povos colombianos que viviam em Cartagena naquele tempo e espaço.

Como já mencionado ao longo da obra e do texto em estudo, Cartagena se converte em um lugar de encontro de povos indígenas, africanos e europeus, dados contidos no enunciado abaixo:

El Gobernador de la Plaza, Don Melchor de Navarrante, había tenido cuidado en preparar con tiempo, enseñandoles sus deberes con la mayor actividad, á los **mil cien soldados españoles, quinientos criollos y seiscentos Índios de Trabajo** que tenía á su cargo, junto con las seis naves de guerra, tripuladas con cuatrocientos soldados y seiscentos marinos, que se hallaban en el puerto.²⁰ (grifos nossos)

Ao pensarmos nos aspectos identitários dos povos daquele lugar, é importante considerar a pluralidade linguística e identitária, resultante de corpos negros, indígenas, europeus ingleses, que contribuíram de maneira direta para a formação linguística e cultural, visto que as culturas que se alterizaram e as identidades se ressignificaram no choque e na diferença,²¹ um processo que ocorreu por meio das mesclas e trocas discursivas e culturais, que transgrediram fronteiras geográficas, ideológicas, culturais e identitárias.

Em nossa perspectiva, apresentar estes elementos se configura importante para repensarmos a formação cultural e identitária dos diversos povos de Cartagena, conferindo-lhe o caráter de espaço mestiço, híbrido e plurilíngue e pluricultural, em constante processo de (re)construção, cuja representação por vezes é reduzida, inventada, condensada e estereotipada. Em contrapartida, os escritos Soledad Acosta dão visibilidades à língua(gens), culturas e identidades de países que fazem parte do grande celeiro cultural chamado América Latina, na tentativa de romper barreiras ideológicas e dar notoriedade aos diferentes povos.

Considerações finais

O estudo da obra *Los Piratas de Cartagena: Crónicas histórico-novelescas*, de Soledad Acosta de Samper, revela uma rica interseção entre a narrativa novelesca, a crônica histórica e a história no sentido literal. A autora, além de destacar os eventos marcantes relacionados aos piratas e invasões em Cartagena durante o século XVII, também aborda temas profundos, como coragem, traição, lealdade e as consequências das ações dos personagens, além de culturas e identidades convivendo no mesmo espaço.

Ao explorar o Capítulo VIII, “Dentro de Las Murallas de Cartagena”, mergulhamos na história de Sancho Jimeno, testemunhando sua valentia, as intrigas em que se envolve e sua luta contra os franceses e flibusteiros. Soledad Acosta transcende o mero relato histórico, proporcionando uma visão aprofundada das vivências dos habitantes de Cartagena diante das adversidades.

²⁰ SAMPER, 1886, p. 243.

²¹ HALL, Stuart. *Identidade e diferença*. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

Com efeito, a obra de Soledad Acosta de Samper transcende seu contexto histórico específico, tornando-se um testemunho valioso da condição humana, das lutas e triunfos individuais, e da importância das mulheres na construção da identidade nacional e literária. Sua escrita, permeada por elementos da novela, crônica e história, oferece uma leitura multifacetada e enriquecedora dos eventos históricos e das figuras que moldaram o destino de Cartagena no século XVII.

A autora, além de suas contribuições literárias, foi pioneira ao fundar o periódico *La Mujer*, evidenciando seu compromisso com a visibilidade das pautas femininas. A partir desse horizonte, percebemos como Samper ressignifica o lugar da mulher/escritora em contexto latino-americano, principalmente em um cenário em que o patriarcado era alinhado com as convenções sociais que operava apagamento a competência e o protagonismo da mulher daquele século, e, ao lutar por um lugar de igualdade no âmbito intelectual, configura um reflexo de modernidade, conferindo à mulher empoderamento, atitude que aponta para a construção de novas identidades sociais urbanas.

ALFONSO REYES E O BRILHO DA ESTRELA: UMA LEITURA DO CONTO “ESTRELA DO ORIENTE”

Willianice Soares Maia²²
Douglas Estrela²³

Abstract

This article analyzes Alfonso Reyes' short story *Estrella de Oriente*, highlighting its symbolism and relevance within Latin American literature. Reyes, a renowned Mexican writer, uses the narrative to explore profound themes of spirituality and self-discovery. The primary objective is to interpret the symbolic elements present in the story and understand how they contribute to its overarching message. Furthermore, the study seeks to contextualize Reyes' significance in literature and his cultural impact. The analysis adopts a qualitative and analytical approach to examine the text in detail, considering literary, historical, and philosophical aspects. It is grounded in discourse and symbolism analysis, supported by general studies on symbolism and narrative to contextualize the examination of Reyes' work. Relevant literary criticism from secondary sources, such as academic articles, is also employed. *Estrella de Oriente* showcases Alfonso Reyes' mastery in crafting narratives that are both poetic and philosophical. The short story invites readers to reflect on the pursuit of knowledge and the meaning of life. This study underscores the enduring relevance of Reyes in literature and the depth of his intellectual contributions.

Keywords: short story. Mexican literature. Alfonso Reyes.

A literatura mexicana²⁴ do século XX teve início a partir de 1910, com a Revolução Mexicana, que foi um conflito armado em prol da revalorização da cultura indígena e a reforma agrária, ou seja, a distribuição de terras entre os camponeses. Essa necessidade de terras gerou o início da revolução que tinha como lema “*Tierra y Libertad*”. Tal conflito se opunha ao Governo ditatorial de Porfírio Díaz e contava com a adesão de muitos jovens intelectuais, dentre eles, Alfonso Reyes.

Como se pode observar o círculo intelectual se manifestou em prol da dar passagem às vozes oprimidas da sociedade e marcou um movimento de uma escrita autônoma que expressou em larga medida o desejo de “escrever a nação”. Assim, na história da literatura mexicana demarcou-se o “romance da Revolução” na década de 1930.

Alfonso Reyes, para além da sua participação intelectual na Revolução Mexicana, foi um notável escritor e manteve um estreito contato com os literatos brasileiros, em especial, no período em que foi Embaixador do México no Brasil. Alfonso Reyes (1889-1959) foi um proeminente escritor, diplomata e pensador mexicano, cuja influência se estendeu além das fronteiras de seu país, particularmente no Brasil, onde serviu como Embaixador do México. Nascido na Cidade do México, Reyes foi uma figura central no movimento intelectual pós-revolucionário do México. Sua formação acadêmica foi rica e diversificada, destacando-se desde cedo pela brilhante capacidade intelectual e literária.

²² Instituto Federal de Alagoas (IFAL) - willianice.soares@ifal.edu.br

²³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - douglas.estrela@outlook.com

²⁴ No período pré-colombiano, o escritor mexicano que se destacou foi o rei-poeta Nezahualcōyotl. No período colonial, a historiografia da literatura mexicana destaca Soror Juana Inés de la Cruz (1651-1695), uma freira que escreveu muitos poemas e ganhou fama pela sua defesa dos direitos das mulheres, e o dramaturgo Juan Ruiz de Alarcón.

Reyes teve uma carreira diplomática notável, servindo em vários países, incluindo Espanha, Argentina e Brasil. Durante seu período como Embaixador no Brasil, entre 1930 e 1936, ele estreitou laços com importantes figuras literárias brasileiras, como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, enriquecendo o intercâmbio cultural entre o México e o Brasil. Sua amizade e correspondência com esses escritores brasileiros contribuíram significativamente para a promoção da literatura latino-americana.

Além de sua carreira diplomática, Reyes foi um dos fundadores do Colégio de México, uma instituição chave para o desenvolvimento das ciências sociais e humanas no país. Ele também foi membro da Academia Mexicana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, uma honra que sublinha a profundidade de sua influência literária, intelectual e política.

Papel dos intelectuais na Revolução Mexicana

O trecho destaca a importância dos intelectuais como precursores da Revolução Mexicana, enfatizando o papel central do clube de debate El Ateneo de la Juventud, fundado por José Vasconcelos, Isidro Fabela e Alfonso Reyes. Esse clube tinha como objetivo combater o cientificismo, o dogmatismo e o positivismo, correntes filosóficas predominantes da época, e promover uma renovação cultural e intelectual no México.

Contexto histórico

No final do século XIX e início do século XX, o México estava sob a ditadura de Porfirio Díaz, um regime marcado por autoritarismo e desigualdades sociais. Os intelectuais, inspirados pelo liberalismo do século XIX, começaram a questionar o regime de Díaz e buscar alternativas que incluíssem a democracia, o anticlericalismo e a livre empresa.

Os intelectuais tiveram um papel fundamental como precursores da Revolução Mexicana. O clube de debate El Ateneo de la Juventud, fundado por José Vasconcelos, Isidro Fabela e Alfonso Reyes, tinha por finalidade superar o cientificismo, o dogmatismo e o positivismo. Foi na cidade de San Luis Potosí, em 1900, que um pequeno grupo de intelectuais começou a se organizar em torno das ideias do liberalismo do século XIX: democracia, anticlericalismo e livre empresa. Camilo Arriaga tornou-se o grande líder desse movimento contra Porfirio Díaz.²⁵

Fundado em 1909, viria a torna-se um fórum crucial para a discussão de ideias progressistas. Seus membros visavam superar as limitações do positivismo, uma filosofia que enfatizava a ciência e a ordem, mas que também justificava a manutenção do status quo e a repressão.

Influência de José Vasconcelos e Alfonso Reyes

José Vasconcelos: Futuro Ministro da Educação, Vasconcelos promoveu a educação pública como um meio de transformação social, enfatizando a importância da cultura e das artes na formação de uma identidade nacional.

Alfonso Reyes: Um dos mais importantes intelectuais mexicanos, Reyes contribuiu significativamente para a literatura e a crítica cultural, defendendo uma visão humanista e liberal.

²⁵ RAMPINELLI, Waldir José. A Revolução Mexicana: seu alcance regional, precursores, a luta de classes e a relação com os povos originários. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, ano XI, n. 126, p. 94, nov. 2011.

Camilo Arriaga e a organização intelectual

Camilo Arriaga é identificado como um líder chave no movimento intelectual contra Porfirio Díaz. Ele e outros intelectuais em San Luis Potosí começaram a organizar-se em torno das ideias liberais, promovendo a democracia e o anticlericalismo, que seriam fundamentais para a agenda revolucionária.

Impacto na Revolução Mexicana

Os debates e as ideias promovidas por El Ateneo de la Juventud e outros grupos de intelectuais prepararam o terreno ideológico para a Revolução Mexicana (1910-1920). Eles ajudaram a disseminar a crítica ao regime de Díaz e a mobilizar apoio para as mudanças sociais e políticas que a revolução buscava implementar.

Os intelectuais tiveram um papel fundamental na Revolução Mexicana, não apenas como críticos do regime existente, mas também como visionários que articularam uma nova visão para o México. Através de clubes de debate e movimentos organizados, eles disseminaram ideias de liberdade, justiça e renovação cultural, que seriam centrais para o processo revolucionário.

Principais obras de Alfonso Reyes

Embora Alfonso Reyes seja amplamente conhecido por sua poesia, sua obra literária é multifacetada, abrangendo ensaios, críticas literárias, traduções e prosa ficcional. Entre suas principais obras, destacam-se: *Visión de Anáhuac* (1917): Um ensaio poético que reflete sobre a paisagem e a cultura do México antigo, combinando erudição com uma profunda sensibilidade estética; *Ifigenia cruel* (1924): Uma peça teatral que revisita o mito grego de Ifigênia, trazendo novos elementos e interpretações ao enredo clássico; *La X en la frente* (1952): Uma coleção de ensaios que aborda temas variados, incluindo a identidade mexicana e a literatura; *Memorias de cocina y bodega* (1953): Um livro de memórias que combina recordações pessoais com reflexões sobre a cultura e a gastronomia mexicana; e *El deslinde* (1944): Um estudo crítico que investiga os limites entre a literatura e a filosofia, refletindo sobre a natureza da criação literária.

Reyes também é conhecido por suas traduções e adaptações de clássicos da literatura mundial, contribuindo para a difusão de obras fundamentais na literatura hispano-americana. Sua habilidade em transitar entre diferentes gêneros literários e sua profunda compreensão das culturas e literaturas latino-americanas e europeias fazem de Alfonso Reyes uma figura indispensável na história literária do século XX.

O Conto “Estrela do Oriente” (1913), de Alfonso Reyes faz parte dos chamados contos “místicos” do autor, no qual a personagem principal é a estrela do oriente que é personificada por uma criatura de extrema humildade e, ao mesmo tempo, traz o sobrenatural. Este foi um conto que Reyes escreveu em homenagem ao escritor Martín Luis Guzmán.

Figura: Alfonso Reyes



Fonte: https://memoria.bn.gov.br/pdf/164526/per164526_1934_00001.pdf

Um brilho de estrela

O conto “Estrella do Oriente” tematiza a busca por um símbolo de orientação e esperança. O texto de Reyes se caracteriza pela brevidade e arcabouço relativamente simples, uma marca do gênero literário conto. O conto, nas suas origens, conforme discutido por Nadia Battella Gotlib, apresenta uma estrutura concisa e uma narrativa direta, como exemplificado nas tradições orais.

Ao invocar a oralidade do conto, Alfonso Reyes recria a “estrela do Oriente” como um símbolo de orientação e esperança. Essa recriação reflete a tradição oral, onde histórias são passadas de geração em geração, carregando consigo valores e ensinamentos culturais. Reyes utiliza uma narrativa simples e direta, típica dos contos orais, para explorar temas profundos e universais. A estrela do Oriente, portanto, não é apenas um guia físico, mas também uma metáfora para a busca interior e a iluminação espiritual, evidenciando a habilidade de Reyes em fundir tradição e inovação em sua obra. “Estrella do Oriente” é um conto que evoca a figura de Guzmán, um escritor que serve como uma “estrela guia” para seus contemporâneos. A narrativa desenvolve-se em torno da trajetória de Guzmán, que, como membro do grupo do Ateneu Mexicano, se envolve na Revolução Mexicana, um período de intensas transformações sociais e políticas. Reyes utiliza a figura de Guzmán para simbolizar a busca por direção e sentido em tempos de mudança. Como Foucault sugere, “os discursos são práticas que sistematicamente formam os objetos de que falam”,²⁶ assim, a narrativa de Reyes pode ser vista como uma prática discursiva que constrói uma complexa rede simbólica e filosófica, refletindo temas de espiritualidade e autoconhecimento.

No conto, Reyes emprega a palavra “turbador” para descrever Guzmán. O termo, que significa “o que agita” ou “o que perturba”, é usado para capturar a capacidade de Guzmán de provocar reflexões e questionamentos profundos entre seus leitores e colegas. Esta característica o transforma em uma figura de grande influência, capaz de “agitar” o status quo e promover a mudança.

A dualidade entre o lírio e a estrela no conto serve para aprofundar a simbologia associada a Guzmán. O lírio, com sua conotação de pureza e renovação, contrapõe-se à estrela, que representa orientação e constância. Juntas, essas imagens reforçam a ideia de que Guzmán, através de sua escrita e participação no Ateneu Mexicano, oferece tanto a pureza de novas ideias quanto a orientação necessária durante a Revolução.

Guzmán é descrito como a “estrela do Oriente” não apenas por seu papel de guia intelectual, mas também pela sua capacidade de inspirar e liderar. Sua adesão ao grupo do Ateneu Mexicano, que desempenhou um papel significativo na Revolução, exemplifica sua influência e importância. A estrela do Oriente, no contexto do conto, simboliza a liderança visionária de Guzmán, cuja luz orienta seus seguidores através das incertezas e turbulências da época revolucionária.

O conto “Estrella do Oriente” de Alfonso Reyes, através de sua narrativa rica e simbologia profunda, explora temas de orientação, influência e renovação. Guzmán, como uma figura “turbadora”, exemplifica a capacidade de um indivíduo de provocar mudanças significativas em tempos de transformação, oferecendo tanto direção quanto inspiração a seus contemporâneos. Santiago sugere, “a narrativa literária latino-americana é um campo privilegiado para a análise das tensões entre o discurso poético e o discurso social”,²⁷ assim, a obra de Reyes deve ser vista como uma construção que reflete e questiona as realidades sociais e espirituais de seu tempo.

²⁶ FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 54.

²⁷ SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa*: ensaios sobre questões político-culturais. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 45.

Um questionário da obra nos faz entender melhor o propósito do autor ao escrever a obra:

¿Cuándo adquirió un prestigio de talismán la palabra turbador?

La palabra “turbador” adquirió un prestigio de talismán desde que se mencionó en la historia de Alfonso Reyes. El término genera una impresión profunda y misteriosa, evocando sensaciones y emociones complejas.

¿Qué significa esta palabra?

La palabra “turbador” se refiere a algo o alguien que provoca turbación, es decir, que causa inquietud, confusión o desasosiego. En el contexto del cuento, denota una presencia que altera y perturba.

¿Cuándo era turbador el hombre que conoció el autor de este cuento?

El hombre era turbador cuando hablaba de ciertos temas o en ciertos momentos específicos que despertaban una inquietud especial en los demás, posiblemente debido a su tono, sus palabras o su presencia.

¿Dónde solía encontrar el señor Alfonso Reyes al hombre turbador?

Alfonso Reyes solía encontrar al hombre turbador en reuniones Sociales, o lugares donde se discutían temas intelectuales y filosóficos, espacios propicios para la reflexión y la conversación profunda.

¿Dónde le buscaban?

Le buscaban en estos mismos espacios de reunión, lugares donde se reunían personas interesadas en la literatura, la filosofía y la discusión intelectual.

¿Dónde se encontraba Estrella de Oriente?

Estrella de Oriente se encontraba en un lugar simbólico, posiblemente representado como un punto geográfico o una idea abstracta que guiaba la búsqueda del protagonista.

¿Qué ocupación tenía allí?

Estrella de Oriente no tenía una ocupación específica; su rol era más bien el de un símbolo o una guía espiritual que representaba el objetivo de la búsqueda del protagonista.

¿Por qué era inútil el deseo de prosperar de Estrella de Oriente?

El deseo de prosperar de Estrella de Oriente era inútil porque su existencia y significado transcendían el éxito material o tangible. Su verdadero valor residía en su significado simbólico y espiritual.

¿Por qué no le mimaron?

No le mimaron porque su importancia no radicaba en el reconocimiento o la recompensa externa, sino en el impacto profundo y significativo que tenía en aquellos que lo buscaban y lo comprendían.

¿Cómo hizo un viaje a su tierra?

Estrella de Oriente hizo un viaje a su tierra de manera simbólica, a través de la reflexión y la búsqueda espiritual del protagonista, quien seguía la guía de la estrella hacia un entendimiento más profundos de sí mismo y de la vida.

¿A dónde se fue al fin?

Al fin, Estrella de Oriente se fue a un lugar de realización espiritual, un punto de entendimiento y paz interior alcanzado por el protagonista al completar su búsqueda.

¿Por qué le hicieron catedrático en Orono?

Le hicieron catedrático en Orono debido a su sabiduría, su conocimiento y su capacidad de inspirar y guiar a otros en su búsqueda de la verdad y el conocimiento.

¿Cómo era la casa en que vivía?

La casa en que vivía era acogedora y estaba llena de libros, objetos de estudio y elementos que reflejaban su amor por el conocimiento y la reflexión intelectual.

¿Qué les hacía la huésped a los profesores cuando tenían frío?

La huésped les ofrecía calor y confort, probablemente encendiendo una chimenea o proporcionando mantas, creando un ambiente propicio para la discusión y la reflexión.

Por fin, ¿qué hacía Estrella de Oriente?

Por fin, Estrella de Oriente seguía guiando a aquellos que buscaban conocimiento y entendimiento, sirviendo como un símbolo eterno de la búsqueda espiritual y la iluminación personal.

Considerações finais

Em “Estrella de Oriente”, Alfonso Reyes nos apresenta uma narrativa rica em simbolismo e reflexão, explorando temas profundos como a busca pelo conhecimento, a espiritualidade e a inquietação humana. Através da figura enigmática de Estrella de Oriente, Reyes convida o leitor a embarcar em uma jornada tanto física quanto espiritual, onde a meta é uma compreensão mais profunda de si mesmo e do mundo ao seu redor.

Ao longo do conto, Reyes utiliza uma linguagem poética e evocativa, que enriquece a experiência de leitura e submerge o leitor em um ambiente de mistério e introspecção. A presença do “turbador” e a busca contínua pelo significado sublinham a complexidade das emoções humanas e a constante busca por algo maior.

Alfonso Reyes é uma figura central na literatura latino-americana do século XX, conhecido por sua versatilidade como ensaísta, poeta, crítico e diplomata. Sua obra é marcada por uma erudição vasta e uma profunda capacidade de reflexão, que lhe permitiram abordar uma ampla gama de temas com profundidade e sensibilidade.

“Estrella de Oriente” é um exemplo perfeito da habilidade de Reyes em combinar narrativas envolventes com questões filosóficas e culturais. Através desta obra, ele consegue provocar uma reflexão sobre a natureza da busca humana e a necessidade de encontrar um propósito e significado na vida.

Esta história, embora breve, encapsula a essência do estilo de Reyes: uma fusão de prosa lírica, simbolismo e introspecção filosófica. “Estrella de Oriente” destaca-se não apenas como uma peça literária, mas como um convite para os leitores explorarem suas próprias jornadas pessoais e espirituais.

O legado de Alfonso Reyes permanece relevante, e sua obra continua a inspirar e desafiar leitores e estudiosos, demonstrando a capacidade da literatura de transcender o tempo e o espaço, tocando aspectos universais da condição humana.

CONTRIBUIÇÕES DE FRANZ TAMAYO NA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA EDUCACIONAL BOLIVIANO

Adelzita Valéria Pacheco de Souza²⁸

Luciana Marino do Nascimento²⁹

Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça³⁰

Abstract

Latin America shelters histories, languages, culture and traditions that are very different from one place to another. Sometimes, we look at our own culture as being the one. However, in a single country there are multiple cultures present in each region, states and cities. Sometimes, as Brazilian researchers, we look outward without yet understanding the full complexity that is highlighted in our historiography constructed by many hands. The approaching with literature sometimes allows us to widen the lens and look towards other horizons. Living in the Acre State, differently of living in Rio de Janeiro, which was a scene place from the imperial period and used to be the stage for dialogues and literary discussions with an outward focus; encourages us to look outside, but being inside, in intercessions with those outside, based on its historical construction. Once in the capital Rio Branco, we are awakened to note the differences circulating in the streets, squares and shops. The preponderant mixed appearance often leads us to see many cultural views that appear on the Brazilian face permeated by Brazilians, Bolivians and Peruvians indigenous. It also allows us to observe in the same way the strong presence of Northeastern, Lebanese, among others peoples. In this context, within the proposal of an interdisciplinary thematic project that will meet several researchers focusing on the discussion about Latin America, from its colonization to its “increasingly open veins”, as Eduardo Galeano said so well. In this way, the thematic project predict research in the most different areas of knowledge, among them: culture, literature, music and education, with special attention to the countries bordering the Acre State, where is the Federal University of Acre. Having worked in Professional Education in the Acre State and working since 2007 in college education as professor at the Federal University of Acre in the area of Education, in my thematic project execution “América Latina em Movimento”, I intend to research the act of the writer, poet and pedagogue Franz Tamayo, whose main avenue in the Cobija City, on the Acre-Bolivia border, is called Franz Tamayo. In the perspective of discourse studies, I intend to study in the work *Criação da pedagogia nacional* (1910), by Franz Tamayo, what elements structured his idea of nation when thinking about Bolivian education? What identitarian elements did he think about within his education proposal? How was Bolivia's educational system structured? Propose reflection on the implementation of a national pedagogy and the impact of its ideals in the historiographic memory printed in one of the provinces, institutions and avenues, as a landmark of the statesman legacy that lived the life of the place even in an in-between place.

Keywords: Education. Educational System. Border. Acre. Bolivia.

A América Latina abriga as mais diversas histórias, línguas, culturas e costumes bem diferenciados de uma localidade para outra. Por vezes, olhamos a própria cultura como sendo única, mas, há uma imensa diversidade cultural a ser conhecida e desvendada.

No entanto, em um único país há múltiplas culturas estampadas nas suas regiões, nos seus estados e municípios. Por vezes, enquanto pesquisadores brasileiros, ficamos olhando para dentro sem ainda entender a totalidade da complexidade que está estampada na nossa historiografia construída a muitas mãos.

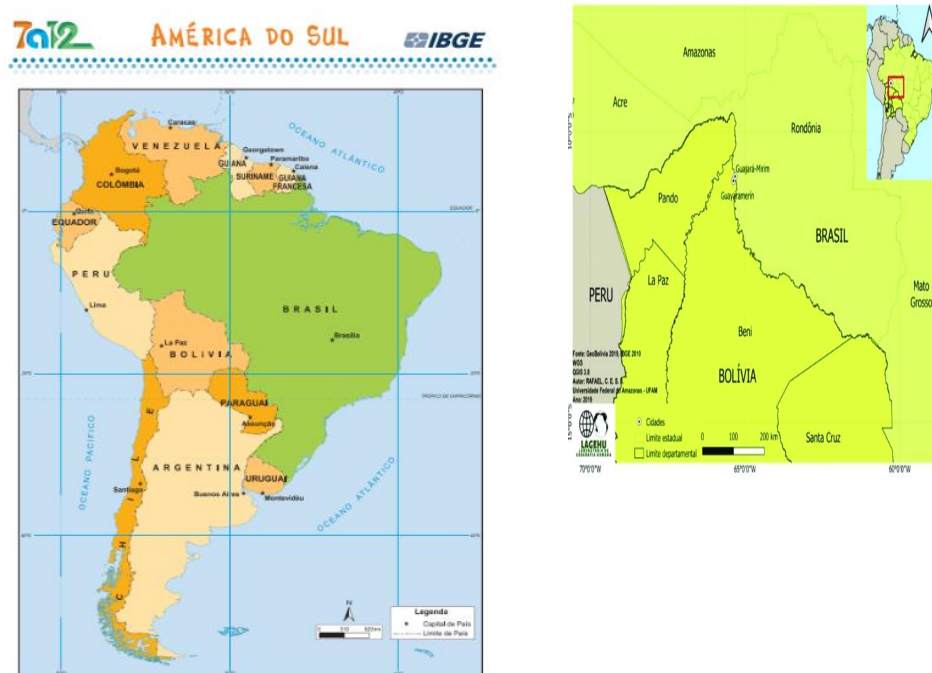
A cartografia da América do Sul aponta que o Brasil é o maior país da América do Sul e, podemos observar que existem diferentes fronteiras no Brasil que dão acesso à Bolívia. Só no Estado do Acre, observamos pelo menos três fronteiras situadas nos Municípios de Brasileia, Capixaba e Plácido de Castro. Nos Estados do Amazonas, Rondônia e Mato Grosso, identificamos outras fronteiras que conectam o Brasil à Bolívia, conforme podemos observar nos mapas abaixo.

²⁸ Universidade Federal do Acre (UFAC) - Adelzita.souza@ufac.br

²⁹ Universidade da Força Aérea (UNIFA) - zen.sansara@uol.com.br

³⁰ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - jemagalhaes@yahoo.com.br

Figura 1: Mapa da América do Sul e Fronteira Brasil-Bolívia



Fonte: Brasil, IBGE, 2024

Nota-se ainda que, ao observar a geografia da América Latina, através dos mapas apontados acima, focalizando os limites entre Brasil e Bolívia, nos dá a ideia da multiforme diversidade, ali explicitada. Pando, com dupla fronteira com Brasil: Acre e Rondônia. Beni, fronteiro com Rondônia e Mato Grosso, bem como Santa Cruz fazendo fronteira também com o extenso estado de Mato Grosso. Havendo sido observado a diversidade cultural em uma das principais fronteiras Brasil/Bolívia, que é a de dois municípios do Estado do Acre, Brasileia e Epitaciolândia, fazendo fronteira com a Bolívia no Município de Pando. Entre as fronteiras, os países abrigam suas peculiaridades e diversidades.

A aproximação com a literatura, por vezes, permite-nos ampliar a lente e olhar em direção de outros horizontes. Como, por exemplo, observar as fronteiras, as culturas e os costumes que são enunciados pelos diferentes povos. Desde povos ribeirinhos, indígenas, estrangeiros, nordestinos, dentre outros, que vivem entrelaçados nas terras brasileiras, a exemplo do que é vivenciado no Estado do Acre.

Em outros tempos, vivendo no estado do Acre, na cidade de Rio Branco, percebe-se que, diferentemente da vida no Rio de Janeiro, que abriga cenários do período imperial e costumou a ser palco de diálogos e discussões literárias, com olhar voltado para fora; incita-nos a olhar para fora, mas estando dentro, em intercessões com os de fora, a partir de sua construção histórica. Uma vez que da capital Rio Branco, somos despertados a visualizar as diferenças circulando nas ruas, nas praças e nos comércios. Brasileiros – nordestinos, paraenses, cariocas, nortistas em sua diversidade ribeirinha, indígenas, intelectuais, militares, dentre outras especificidades da cultura peculiar brasileira, que vive no Acre.

A aparência miscigenada preponderante nos leva a ver com frequência os muitos vieses culturais que se estampam na face brasileira permeada por indígenas brasileiros, bolivianos e peruanos. Bem como nos permite perceber de igual modo a forte presença dos povos nordestinos, libaneses, dentre outros.

Neste contexto, dentro da proposta de um projeto temático interdisciplinar e que reunirá vários pesquisadores tendo como foco a discussão sobre a América Latina, desde a sua colonização às suas “veias cada vez mais abertas”, como bem se expressou Eduardo Galeano. Assim, o projeto temático prevê pesquisas nos mais variados campos do saber, dentre eles: a cultura, a literatura, a música e educação, com especial atenção para os países fronteiriços com o Estado do Acre, onde está localizada a Universidade Federal do Acre.

Viver no Acre, permitiu ver outras nuances da realidade brasileira. Havendo atuado na Educação Profissional naquele estado e atuando, desde 2007, na educação superior como docente na Universidade Federal do Acre na área da Educação, na minha execução do projeto temático “América Latina em Movimento”, pretendo pesquisar a atuação do escritor, poeta e pedagogo Franz Tamayo, cuja principal avenida da cidade Cobija, na fronteira Acre-Bolívia é chamada Franz Tamayo.

Na perspectiva dos estudos do discurso, pretendo estudar na obra *Criação da pedagogia nacional* (1910), de Franz Tamayo, que elementos estruturaram sua ideia de nação ao pensar a educação boliviana? Que elementos identitários ele pensava dentro da sua proposta de educação? Como se estruturou o (s) sistema(s) educacional da Bolívia?

Assim, propor reflexão sobre a implantação de uma pedagogia nacional a impressão de seus ideais na memória historiográfica impressos em uma das províncias, instituições e avenidas, como um marco do legado estadista que viveu a vida do lugar mesmo em um entrelugar.

Franz Tamayo foi um importante intelectual e educador boliviano que desempenhou um papel fundamental na construção do discurso do sistema educacional do país. Suas contribuições foram significativas e sua visão da educação influenciou profundamente as políticas educacionais bolivianas.

Uma das principais contribuições de Franz Tamayo foi a defesa da educação como meio de fortalecer a identidade cultural e nacional dos povos indígenas da Bolívia. Ele acreditava que a educação deveria ser um instrumento de valorização das tradições e línguas nativas, permitindo que os povos indígenas se reconhecessem como parte integrante da nação boliviana.

Além disso, Franz Tamayo enfatizou a importância da educação como um instrumento de transformação social e desenvolvimento humano. Ele defendia uma educação inclusiva e democrática, que garantisse oportunidades iguais para todos os cidadãos, independentemente de sua origem social ou étnica. Sua visão da educação como um direito fundamental e como um pilar para o progresso do país foi fundamental para a construção de um sistema educacional mais equitativo e acessível.

Por fim, Franz Tamayo também contribuiu para a valorização da educação como um meio de promoção da cidadania e da participação cívica. Ele acreditava que a educação não deveria se limitar apenas à transmissão de conhecimentos, mas que também deveria formar cidadãos críticos e conscientes de seu papel na sociedade. Sua defesa de uma educação que formasse indivíduos responsáveis e comprometidos com o bem comum teve um impacto significativo nas políticas educacionais bolivianas.

As significativas contribuições de Franz Tamayo, na construção do discurso do sistema educacional boliviano, foram fundamentais para a formação de uma visão mais inclusiva, democrática e transformadora da educação no país. Sua defesa da valorização da identidade cultural, da igualdade de oportunidades, e da formação de cidadãos críticos e conscientes continuam a influenciar o debate educacional na Bolívia até os dias atuais.

Neste trabalho, discutiremos as contribuições de Franz Tamayo na construção do discurso do sistema educacional boliviano. Franz Tamayo foi um importante intelectual boliviano do século XX, que teve um papel fundamental na reforma e modernização do sistema educacional do país. Analisaremos suas principais ideias, propostas e influências na educação boliviana, bem como os impactos que suas ideias tiveram na prática educativa no país.

Biografia de Franz Tamayo

Franz Tamayo Solares nasceu em La Paz, Bolívia, em 28 de fevereiro de 1879, filho de Solares, descendente indígena, e Isaac Tamayo Sanjinez, deputado, diplomata e Ministro de Estado. Viveu seus primeiros anos entre as fazendas de seus pais e no exterior. Estudou Humanidades.

Era um intelectual multifacetado, atuando como educador, escritor, poeta, político e diplomata. Tamayo foi um dos principais líderes do Movimento Renovador na Bolívia, que buscava modernizar e reformar a sociedade boliviana, nas primeiras décadas do século XX. Segundo a autora boliviana, “El calendario recuerda que era un 28 de Febrero de 1879 cuando nació Frans Tamayo Solares, em la ciudad de La Paz. Hoy, es recordado como **una de las figuras principales de la literatura y la pedagoga boliviana** del siglo XX.”³¹ (CAHUSA, 2023). Sendo considerado um dos principais literatos, Tamayo deixou importante legado na educação boliviana.

Figura 2: Busto e lápide de Frans Tamayo



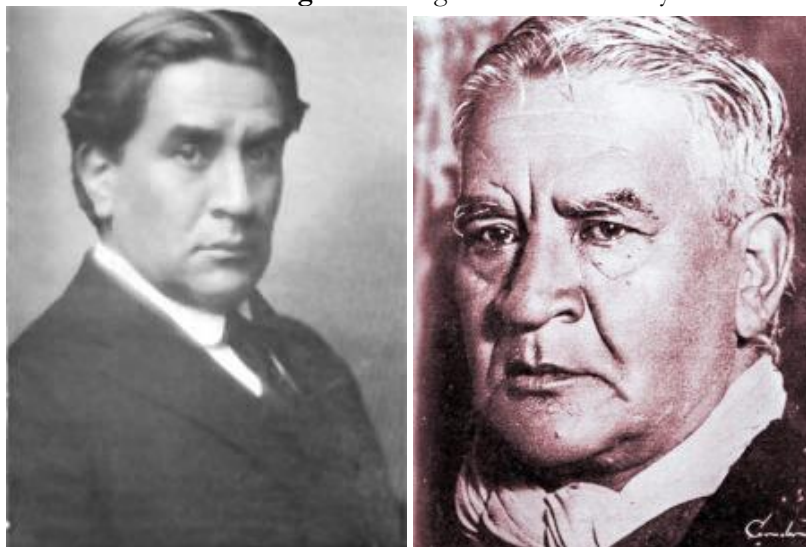
Fonte: UNIFRANS³²

Tamayo é considerado o principal defensor da educação como meio de transformação social e cultural na Bolívia. Constituindo como o mais respeitado “inspirador e impulsor del despertar em la Educación nacional”, conforme apontado por CAHUSA, (2023). Estudos apontam que ele acreditava que a educação deveria ser o centro de qualquer projeto de desenvolvimento nacional, e dedicou grande parte de seu trabalho à reforma do sistema educacional boliviano.

³¹ CAHUSA, Paula Beatriz. *Franz Tamayo, inspirador e impulsor del despertar en la educación nacional*. Bolívia: UNIFRANS, 2023.

³² Busto e lápide de Tamayo. Disponível em: <https://unifranz.edu.bo/blog/franz-tamayo-inspirador-e-impulsor-del-despertar-en-la-educacion-nacional/>. Acesso em: maio 2024.

Figura 3: Imagem de Frans Tamayo



Fonte: wipikedia - https://es.wikipedia.org/wiki/Franz_Tamayo

O legado de Tamayo na literatura é incontestável, havendo deixado inúmeros livros, sendo reconhecido por sua poesia, havendo sido um escritor e diplomático boliviano conhecido por sua poesia e seus discursos filosóficos. Abaixo citamos algumas das suas obras que se destacaram:

Título	Ano	Do que trata
Cuentos amatorios	1901	Coleção de contos que abordam o tema do amor e das relações amorosas.
La danza de las sombras	1905	Trata-se de uma pintura que retrata uma paisagem surrealista, onde sombras de diferentes formas e tamanhos dançam em um cenário misterioso e enigmático. A obra é característica do estilo artístico de Tamayo, que mistura elementos do realismo e do surrealismo para criar imagens impactantes e cheias de simbolismo.
Canto del Trópico” (1916):	1916	Coleção de poemas sobre “exuberância e diversidade natural na América Latina
El Pensamiento Vivo de Montaigne	1926	Obra que analisa a filosofia e o estilo literário do escritor francês Michel de Montaigne.
Páginas íntimas	1931	Recompilação de textos autobiográficos e reflexões pessoais sobre a vida e a criatividade
Viejo con ángel	1935	A obra “Viagem com o Anjo” trata sobre a interação entre ancião solitário que vive em um asilo e um anjo que aparece e lhe faz companhia lhe dando consolo. Aborda sobre solidariedade, espiritualidade e busca do significado da vida.
La Lira de Frans Tamayo	1942	Antologia poética que reúne o melhor da sua obra lírica
Gênesis del Derecho Internacional Americano	1956	Estudo acadêmico sobre a história e evolução dos direitos Internacionais no continente americano

No seu acervo literário, Tamayo apresenta poesias e ensaios, mostrando sua profunda inquietude por temas existenciais e sociais. Seu estilo destaca sua delicadeza, sensibilidade e profundidade filosófica.

Tamayo utiliza o personagem de um anjo como representação da bondade e da esperança em meio a diversidade e, através do conto, convida a refletir sobre a importância da amizade, da fraternidade, da compaixão, e da fé no caminho da redenção e serenidade das pessoas que vivem em uma dada condição social.

Dentre seus muito textos filosóficos, poemas e provérbios, destacamos alguns para exemplificar seu interesse pelas questões da terra, sobre o amor, dentre outros:

EL ULTIMO HUAYNO	LA VIBORA INVISIBLE
Guarda la tierra larvas	Romance aymara
y el aire giros.	Qué sabor tiene el perfume
Pasan leves suspiros	que exhala tu oscura tez
y sombras parvas.	Como una flor se consume
Así al destino	mi beso en tu oscura tez.
canto el último huayño	Qué, tibio imán invencible
el cierzo andino!	envuelve tu oscura tez?
LAS KHANTUTAS	Una víbora invisible
Regia flor escarlata	virtió su magia en tu fez!
del Ande innata,	
su tinte en que el sol brinca	Desmayan en pleno vuelo
consagra al Inca.	Las aves si oyen tu voz.
Toda doncella	Dulce envenenado anhelo,
de fiera sangre India	la muerte fluye en tu voz.
renace en ella!	Qué caricia aborrecible
 	rompe en cristales tu voz?
BEETHOVEN	Una víbora invisible
Jamás dolor más noble	baila enloquecida en ti!
vibró en la fibra!	
Así insonora vibra	Amor tu cadera enarca
el alto roble!	y vierte tu fiebre en ti!
Era Beethoven	Como en mecedora barca
dolor siempre sonoro	mi afán apareja en ti!
y siempre joven!	
 	Qué sortilegio terrible
PROVERBIO	Sacude tu cuerpo así?
Luz de la tarde, tórtola que añora	Una víbora invisible
Plañir del mar, otoño que se dora!	baila enloquecida en ti!
Nada hay más dulce ni más triste a un tiempo	
Que ese amor de mujer que ruega y llora!	

<http://www.bolivian.com/literatura/27amayo.html>

Os contos exploram diferentes aspectos do amor, como paixão, desejo, ciúmes, traição e redenção, oferecendo uma visão profunda e diversificada sobre esse sentimento universal. A obra de Tamayo é conhecida por sua perspicácia psicológica e estilo literário único, tornando-a uma leitura cativante e instigante para os amantes da literatura.

Ideias e propostas educacionais de Franz Tamayo

Franz Tamayo era um crítico contundente do sistema educacional tradicional boliviano, que ele considerava ultrapassado e inadequado para as demandas de uma sociedade moderna e democrática. Ele propunha uma reforma educacional radical, que colocasse a educação no centro do projeto de desenvolvimento nacional. Sua influência na educação boliviana ocorreu principalmente durante o período entre as décadas de 1920 e 1940. Durante esse período, Tamayo foi Ministro da Educação e promoveu diversas reformas no sistema educacional boliviano, buscando modernizá-lo e adaptá-lo às necessidades do país. Defendendo com afino a educação mais inclusiva e democrática, que valorizasse a cultura e a identidade boliviana. Ele também foi um dos principais defensores da educação bilingue, promovendo o ensino das línguas indígenas além do espanhol.

Além disso, Tamayo foi responsável por introduzir novas metodologias de ensino e modernizar a infraestrutura das escolas bolivianas. Sua influência na educação do país foi duradoura e suas ideias continuaram a influenciar as políticas educacionais bolivianas mesmo após sua morte em 1956.

Uma das principais ideias de Franz Tamayo era a valorização da cultura e da identidade nacional boliviana. Ele acreditava que a educação deveria ser um instrumento para fortalecer a identidade cultural dos bolivianos, promovendo o orgulho e o conhecimento das tradições e valores do país.

Tamayo também defendia uma educação democrática e inclusiva, que garantisse o acesso de todos os cidadãos à educação de qualidade, independentemente de sua origem social ou étnica. Ele era um crítico da exclusão e da desigualdade no sistema educacional boliviano, e propunha medidas para democratizar o acesso à educação e promover a igualdade de oportunidades para todos.

Além disso, Franz Tamayo era um defensor da educação integral, que considerava o desenvolvimento intelectual, emocional, cultural e físico dos alunos. Ele acreditava que a educação deveria formar cidadãos completos e críticos, capazes de pensar de forma independente e contribuir para o progresso da sociedade.

No Brasil, resguardada as devidas proporções, alguns teóricos se assemelharam a exemplo de Paulo Freire, que não direcionou a sua prática para intelectuais, mas para as populações carentes, defendendo a educação popular, enfatizando a educação como ato de liberdade e posteriormente, sendo visto e considerado por outros intelectuais da educação, como Moacyr Gadotti, que puderam endossar as orientações de Freire, redirecionando os discursos educacionais, visando uma educação democrática que, em décadas posteriores veio a suscitar a consolidação da educação como direito de todos, conforme preceitua a Constituição Federal do Brasil.

A implantação de uma pedagogia nacional é um tema complexo e que envolve diversas questões, como os ideais educacionais que devem ser promovidos, a forma como o conhecimento é transmitido e a importância de se preservar a memória histórica de um país.

Ao refletirmos sobre a possibilidade de estabelecer uma pedagogia nacional, é fundamental considerar a diversidade cultural e social de um país, bem como respeitar as particularidades de cada região. Nesse sentido, é importante que os ideais educacionais sejam pautados na valorização da identidade local, sem perder de vista a necessidade de formar cidadãos críticos, éticos e comprometidos com a transformação social.

A memória historiográfica, por sua vez, desempenha um papel fundamental na construção da identidade de um povo, pois é por meio dela que se preservam as experiências passadas e se constroem os valores e as crenças que orientam a sociedade no presente. Assim, é imprescindível que a pedagogia nacional promova o resgate e a valorização da história de um país, contribuindo para a formação de uma consciência coletiva e para o fortalecimento da identidade cultural.

A implantação de uma pedagogia nacional pode ser marcada por instituições de ensino, como escolas e universidades, que se tornaram espaços privilegiados para a difusão dos ideais educacionais estabelecidos pelo Estado. Além disso, a criação de avenidas, monumentos e espaços públicos que representem os valores e as conquistas do país pode contribuir para a consolidação desse legado estadista na memória coletiva.

Dessa forma, a implementação de uma pedagogia nacional requer o envolvimento de diferentes atores sociais, como educadores, gestores públicos, estudiosos e comunidade em geral, para que seja possível construir um projeto educacional inclusivo, democrático e comprometido com a formação de cidadãos conscientes e atuantes em sua realidade. A preservação da memória historiográfica e a valorização dos ideais que a marcaram são fundamentais para garantir que o legado estadista perdure no tempo e se faça presente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Influências intelectuais de Franz Tamayo e impactos das suas ideias na prática educativa boliviana

As ideias educacionais de Franz Tamayo foram influenciadas por diversas correntes de pensamento, tanto nacionais quanto internacionais. Ele era um admirador da pedagogia de John Dewey, que defendia uma educação centrada no aluno, ativa e participativa. Tamayo também se inspirava no pensamento de filósofos como Jean-Jacques Rousseau e Friedrich Nietzsche, que valorizavam a liberdade, a criatividade e a autonomia do indivíduo. Além disso, Tamayo se baseava nas tradições culturais e espirituais dos povos indígenas da Bolívia, que ele considerava fontes de sabedoria e inspiração. Ele acreditava na importância de resgatar e valorizar a cultura e a história dos povos originários bolivianos, como parte integrante da identidade nacional do país.

As ideias de Franz Tamayo tiveram um grande impacto na prática educativa boliviana, influenciando as políticas educacionais do país e a formação de professores e educadores. Sua defesa de uma educação democrática, inclusiva e integral inspirou reformas no sistema educacional boliviano, visando a garantir o acesso à educação de qualidade para todos os cidadãos. Também contribuiu para a valorização da cultura e da identidade nacional boliviana na educação, promovendo o ensino das tradições e valores do país nas escolas. Sua influência pode ser vista em programas educacionais que buscam resgatar e preservar a diversidade cultural boliviana, promovendo o respeito à pluralidade étnica e cultural do país.

Além disso, a defesa de uma educação crítica e reflexiva por parte de Franz Tamayo influenciou a formação de professores e educadores na Bolívia, incentivando práticas pedagógicas mais participativas e interativas. Ele destacava a importância da formação contínua dos professores, para que pudessem acompanhar as mudanças e desafios da sociedade contemporânea.

Considerações finais

A título de considerações finais, enfatizamos que as contribuições de Franz Tamayo na construção do discurso do sistema educacional boliviano foram fundamentais para a modernização e democratização da educação no país. Suas ideias e propostas influenciaram a reforma do sistema educacional boliviano, promovendo uma educação democrática, inclusiva e integral, que valoriza a cultura e a identidade nacional boliviana.

A contribuição de Franz Tamayo para a educação boliviana foi significativa, uma vez que suas ideias foram fundamentais para impulsionar mudanças no sistema educacional do país. Tamayo acreditava que a educação deveria ser acessível a todos, independentemente de sua origem social ou econômica, e que ela deveria ser voltada para o desenvolvimento integral do indivíduo, estimulando o pensamento crítico, a criatividade e o senso de responsabilidade cívica.

Suas propostas educativas influenciaram diretamente as políticas educacionais, adotadas na Bolívia, promovendo uma educação mais inclusiva e democrática, que valorizasse a diversidade cultural e promovesse a equidade e a igualdade de oportunidades. Além disso, as ideias de Tamayo impactaram a formação de professores e educadores no país, incentivando práticas pedagógicas inovadoras e a adoção de metodologias participativas e centradas no aluno.

Graças ao legado de Franz Tamayo, a educação na Bolívia passou por transformações significativas, buscando garantir uma formação de qualidade para todos os cidadãos e promover o desenvolvimento humano e social. Suas ideias continuam sendo uma fonte de inspiração para os educadores bolivianos, que buscam construir uma sociedade mais justa, igualitária e democrática por meio da educação. Suas principais ideias continuam sendo relevantes e inspiradoras para a educação boliviana, incentivando a formação de cidadãos críticos e comprometidos com o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse contexto, seu legado intelectual e pedagógico permanece como um ponto de referência para educadores e gestores educacionais na Bolívia, que buscam promover uma educação de qualidade e relevante para os desafios do século XXI.

LEYENDA MEXICANA E LOS AZTECAS: UM DIÁLOGO LITERÁRIO SOBRE A HISTÓRIA MEXICANA

José Cabral Mendes³³
Fernanda Francisco de Lima³⁴

Abstract

Considering literature to be an epistemological field closely linked to historical factors, the purpose of this article is to compare two Mexican short stories, entitled “Los Aztecas”, by writer Ezequiel A. Chávez, and “Leyenda Mexicana”, by writer Julio Torri, both texts present in the book “Cuentos Mejicanos”, organized by J. H. Cornyn, published in 1925 by Johnson, in Richmond, Virginia, United States. In this comparative work, we seek to immerse ourselves in the culture of a country with a rich history, Mexico, whose history, long before the arrival of the Spanish, was inhabited by the Aztecs, Toltecs and Mayans, which currently corresponds to Mexican territory. It was the Spanish conqueror Hernán Cortés who ruined the Aztec civilization in the period between 1519 and 1521 in the Mexican colonial period. From then on, Mexico became part of the viceroyalty of New Spain. Our focus is the cultural formation of the Mexican people through two literary texts and others that deal with the historical process of the civilization of that country, which was built under the hegemonic power of the Spanish colonizers. It is, therefore, a methodologically analytical, qualitative and bibliographical research, guided by some theorists, such as: Herzog (1960), Katz (1990), Carvalhal (1992), Said (1995), Rajagopalan (2003), Bauman (2005), Bhabha (2005), Quijano (2005), Escobar (2005), Geertz (2008), Bakhtin (2009), Marín (2010), Reis (2010), Quintero, Figueira and Paz (2019). Work of this type is valuable, with a view to contributing, through literature, to information about the historical-cultural formation of a very promising Latin American country.

Keywords: Literature. Tale. Mexico. History. Culture.

Neste trabalho, temos por objetivo explorar, por meio da comparação entre dois contos mexicanos, diversos períodos da rica história do México: desde os tempos remotos dos Astecas até o México colonial, conhecido como Nova Espanha. Nesta análise, examinamos a perspectiva única de dois autores, Julio Torri e Ezequiel A. Chávez, que viveram durante a Revolução Mexicana. Os contos em questão, *Leyenda Mexicana*, de Torri, e *Los Aztecas*, de Chávez, oferecem ao leitor uma visão intrigante do surgimento da nação mexicana.

Em *Leyenda Mexicana*, Torri mergulha na época dos nobres espanhóis com o fundo de um México colonial, utilizando ironia e humor para retratar como essas figuras se expressavam ou, talvez, como o autor imagina que elas o fizeram. Mostra um lado mesquinho, quando somente os títulos importavam e demonstravam a superioridade sobre o outro. No microconto, dois nobres se encontram no beco da Condessa, conhecido por uma lenda sobre a mulher do Conde, que se enclausurou após ser envergonhada por ele. É nesse lugar que, na narrativa, encontramos dois grandes nomes da história da Espanha: Juan de Padilla Guardiola y Guzmán e Agustín de Echeverez y Subiza.

Ambos ganharam títulos de autoridades dadas pelo rei na Nova Espanha. Devido a um pequeno desacerto, as carruagens dos dois se encontram nesse lugar estreito, onde recuar seria demonstrar fraqueza e assumir que o outro seria superior. Os nobres ficam três dias nesse entrave até que o vice-rei entra em cena, ordenando que ambos recuem ao mesmo tempo e sigam por ruas diferentes. Esse episódio, tão banal e bobo, é digno de uma batalha por pessoas que parecem não ter muito o que fazer na vida além de defender a sua honra. Assim, Torri ri do passado, do conservadorismo que, no final das contas, não leva a nada. A brevidade do autor deixa para o leitor

³³ Universidade Federal do Acre (UFAC) - jose.mendes@ufac.br

³⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - fernandafdelima@letras.ufrj.br

descobrir a lição de moral, refletindo sobre o passado e a imaginação ilimitada do autor ao colocar duas pessoas extremamente ricas e influentes em uma briga ridícula, beirando ao absurdo.

Em *Los Aztecas*, de Ezequiel A. Chávez, a narrativa difere da história de Torri. Sendo um conto mais extenso e com um caráter histórico, também apresenta uma moral no desfecho da trama ao narrar a derrocada do Império Asteca. Chávez oferece ao leitor um vislumbre de um aspecto talvez menos conhecido desse povo. Muitos podem perceber os impérios pré-colombianos como compostos apenas por indígenas, desprovidos de uma cultura avançada que só teria surgido após a chegada dos europeus. No entanto, o conto revela a falsidade desse estereótipo, destacando a complexidade e desenvolvimento dos Astecas. Eles erigiram a cidade de Tenochtitlán sobre um lago, tornando-se uma das metrópoles mais populosas do século XVI. Com templos, escolas e palácios, sua estrutura era comparável à de Veneza. No entanto, nada disso impediu a destruição perpetrada por Hernán Cortés com o apoio de povos subjugados pelos próprios Astecas. O educador Chávez destaca o ponto central da história: uma sociedade não pode sobreviver se não for amistosa com seus vizinhos, se não respeitar o outro. Essa lição transcende não apenas as fronteiras de um país, mas também tem relevância em nossas vidas diárias. Como seres sociais, a falta de empatia impede o progresso, pois não estamos isolados; somos interdependentes e a coexistência requer respeito mútuo.

Em conclusão, ao explorar esses contos, percebemos que tanto Torri quanto Chávez abordam aspectos distintos da rica história mexicana. Enquanto Torri satiriza a rigidez social da época colonial, Chávez destaca a complexidade e queda de uma civilização pré-colombiana. Ambos oferecem uma visão única que nos convida a refletir sobre os eventos passados e as lições que podem ser extraídas para o presente. Said (1995) afirma que “a invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente”.³⁵ Assim sendo, com base nessa assertiva do autor, o que nos suscita não é somente a discrepância quanto ao que realmente aconteceu no passado e como foi esse passado, em se tratando do que é tratado nos dois contos, mas também a imprecisão se o passado é de fato passado ou se perdura, mesmo sendo de outra maneira.

Nessa busca por informatividades históricas do passado, entram em cena as tradições culturais de determinadas localidades e povos que, de acordo com Homi Bhabha (2005),³⁶ é impossível encontrar uma originalidade identitária e tradicional culturalmente, pois a cultura também é dinâmica, visto que, nessa reencenação cultural da tradição, surgem novas probabilidades de concepções acerca da formação identitária de algum grupo étnico, a qual está muito atrelada à culturalidade, além das fronteiras étnicas, as quais também contribuem para o reconhecimento da identidade de um povo. Quando trazemos o passado para a cena, estamos inserindo outras temporalidades culturais infindáveis no invento da tradição. Além disso, como a construção cultural do povo mexicano foi processada na lógica do binarismo entre colonizadores europeus e colonizados, houve uma maior contingência de subversões e transgressões, pois conforme Bhabha (2005), “as formas de rebelião e mobilização popular são frequentemente mais subversivas e transgressivas quando criadas através de práticas culturais oposicionais”.³⁷

Ainda falando de cultura, Geertz (2008)³⁸ faz uma indagação acerca do padrão de cultura evidenciado por uma sociedade de um determinado país. Nessa concepção, a proposta é incontestável, pois a política francesa, segundo o autor, só pode existir na França? Asseverar essa proposição é suscitar incertezas, tendo em vista, desde 1945, a Indonésia englobar sucessivos fatores os quais são característicos da formação cultural desse país, dentre os mais relevantes, podemos citar:

³⁵ SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

³⁶ BHABHA, Homi. K. *O compromisso com a teoria*. In: _____. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila e outras. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

³⁷ BHABHA, *O compromisso com a teoria*, p. 44.

³⁸ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

revolução, democracia parlamentar, guerra civil, autocracia presidencial, assassinato em massa e dominação militarista. Nessa situação, onde está, questiona o autor, o modelo? Dessa mesma maneira, podemos mencionar o México, país tratado nesta pesquisa, que, embora tenha se libertado das adversidades da colonização espanhola, ainda enfrenta incessantes conflitos internos e uma multiculturalidade que não o classifica com um modelo peculiar e padronizado de uma nação particularmente latino-americana, onde, segundo Katz (1990),³⁹ desde o período colonial, é palco de inúmeros conflitos armados, dentre os quais destacamos: entre o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e o governo nacional, entre o Exército Popular Revolucionário (EPR) e o governo nacional, entre os grupos de autodefesa e o governo nacional. Ademais, ressaltam-se, também, nessa nação, os embates entre as Forças Armadas e os cartéis de drogas, gerando um alto índice de mortandade e de pessoas feridas por todas as partes do país, sem deixar de evidenciar os grupos paramilitares que se organizaram sobretudo no Estado de Chiapas. Todos esses fatores não classificam o México com uma cultura específica, formadora de uma identidade latino-americana.

Nesse sentido, verificamos que o processo formativo identitário está intrinsecamente ligado ao cultural, levando Clifford Geertz a conceber que o homem é um animal atrelado a teias de significações, construídas por ele mesmo. Essas teias, de acordo com esse autor, simbolizam a cultura, as quais se tornam objetos de estudos e análises como uma ciência interpretativa, visando ao significado, e não como uma ciência experimental em busca de leis, classificando a cultura como essencialmente semiótica.⁴⁰ Nesse entendimento do autor, observamos que o povo mexicano foi resistente em se tratando da aceitação da cultura do outro, trazida pelo estrangeiro na formação cultural, a qual era impregnada de muito requinte e discursos odiosos de poder. Nesse processo de resistência, os mexicanos tentaram preservar seus fatores culturais, bem como suas crenças e lendas. Para tanto, foram pertinazes, para que, dessa maneira, pudessem realizar a construção de suas próprias teias de significação, sem a absorção do modelo cultural agressivo e impositivo do colonizador espanhol, contribuindo, assim, para que diversos conflitos viessem à tona, dentre os quais a Revolução Mexicana.

Quando estamos lidando com textos envolvendo um passado, principalmente muito distante, podemos questionar a veracidade do que é dito sobre esse passado, sobretudo quando se trata da formação histórica da América Latina, que foi construída sob o poder discursivo do colonizador em detrimento das vozes dos colonizados, as quais, de certa forma, foram apagadas nesse processo construtivista, quando a historiografia era baseada nas instituições e nas elites, de uma forma positivista, sem se levar em conta as camadas sociais menos favorecidas, contrariando a Escola dos Annales, criada na primeira metade do século XX na França, quando, a partir de então, o novo movimento historiográfico tornou-se muito impactante e renovador, pondo em questionamento a historiografia tradicionalista e apresentando novos e importantes fatores para o conhecimento das sociedades de um modo geral. Nesse pressuposto, José Carlos Reis⁴¹ questiona a possibilidade de se afirmar, com precisão, a respeito do que ocorreu no passado com significação lógica e descrição objetiva. E caso seja possível, quais são as limitações para essa possibilidade. Ademais, ele questiona ainda a função do historiador, seu verdadeiro interesse em explicitar fatos passados e a significância intelectual de uma pesquisa tratando de historicidade.

Não é possível, portanto, ser historiador sem tomar o conhecimento histórico como problema, sem avaliar o tamanho das dificuldades do empreendimento historiográfico. Se o conhecimento histórico é a construção de um sujeito, este não pode praticá-lo surda e cegamente, precisa pôr em dúvida a sua capacidade de tocar o seu objeto, os “homens no tempo”, e partir da possibilidade do nada ao ser. Admitamos, portanto, que, embora exista há cerca de 2.500 anos, o

³⁹ KATZ, Friedrich. *Revolução, rebelião e revolução: a luta rural no México do século XVI ao século XX*. Cidade de México: Editorial Era, 1990.

⁴⁰ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*, p. 4.

⁴¹ REIS, José Carlos. *O desafio historiográfico*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

conhecimento histórico é epistemologicamente muito problemático. Há autores que o consideram impossível. Os argumentos céticos são inúmeros e todos muito fortes.⁴²

Convém ressaltar que o autor não discorda da legitimidade do trabalho histórico de historiadores e nem tampouco tem o interesse de pôr a história em crise, ele apenas questiona a possibilidade do conhecimento histórico que os historiadores enfrentam constantemente, se realmente as fontes são precisas ou, como já dito, os fatos foram escritos priorizando-se politicamente os ideais das classes dominantes, pois, quando se volta ao passado, segundo o autor, é possível que não haja respostas consensuais e definitivas, sobretudo para potencializar o trabalho do historiador. O autor corrobora ainda que o “pensar” não está restringido à busca de respostas, é um trabalho constante e transformador, tendo em vista proporcionar possíveis soluções em novos enigmas.

A mesquinhez humana

Ambos os contos apresentam uma perspectiva humanista, apesar de terem como pano de fundo a queda de um império ou conflitos entre nobres. Os autores exploram de maneira profunda como a mesquinhez humana, alimentada pelo ego e pela soberba, pode conduzir a caminhos sombrios. Eles ressaltam a ideia de que sucumbir ao orgulho excessivo não apenas leva à ruína pessoal, mas também pode desencadear a decadência de uma nação.

Um questionamento provocante emerge: se os Astecas não tivessem subjugado os povos vizinhos, como seria o México hoje? Poderia ter se tornado um império mais poderoso, rivalizando com países como Estados Unidos, Inglaterra e França? A influência do México foi fundamental na colonização espanhola, proporcionando considerável riqueza à Espanha. Como seria a história desse país europeu sem a contribuição do México?

Sin embargo, los aztecas eran muy crueles, muy amigos de la guerra contra los demás indios; aun por motivos fútiles iban a guerrear contra ellos. Cuando los vencían quemaban sus ciudades, maltrataban a sus mujeres y se traían a los hombres a quienes no habían matado durante las refriegas, para sacrificarlos en medio de piedras enormes, abriéndoles el pecho con navajas de pedernal, a fin de sacarles el corazón que ofrecían en seguida a las divinidades. Los aztecas llegaron a ser los indios más poderosos gracias a que, entre sí, estaban unidos.^{43, 44}

Os Astecas lutando contra os demais índios, adquiriram muitas terras. Os vizinhos traziam-lhes comida, roupas, metais preciosos, pérolas e tudo o que quisessem. Mas os dominadores eram odiados universalmente por sua crueldade e guerras perpétuas. Assim, quando os espanhóis chegaram ao México, centenas de milhares de índios juntaram-se a eles para destruir os Astecas; e apesar do heroísmo de Cuitláhuac e Cuauhtémoc, os dois grandes defensores dos mexicanos, seus inimigos roubaram as riquezas, demoliram os templos, queimaram as casas, reduziram a cidade a escombros e mataram seus habitantes, em grande parte porque eles nunca teriam sido capazes para inspirar afeto.

⁴² REIS, O desafio historiográfico, p. 13.

⁴³ CORNYN, J. H. *Cuentos mejicanos*. Richmond, Virginia: Johnson Publishing Company, 1925. p. 37-38.

⁴⁴ Porém, os astecas eram muito cruéis, gostavam muito da guerra contra os outros índios; mesmo por razões fúteis, eles iam guerrear contra eles. Ao derrotá-los, queimavam suas cidades, maltratavam suas mulheres e traziam os homens que não haviam matado durante os combates, para sacrificá-los no meio de enormes pedras, abrindo-lhes o peito com facas de sílex, para arrancar-lhes os corações que ofereciam em seguida às divindades. Os astecas tornaram-se os índios mais poderosos graças ao fato de estarem unidos entre si (CORNLYN. *Cuentos mejicanos*, p. 37-38). (tradução nossa)

É, portanto, necessário nunca esquecer que o requisito essencial para que as sociedades sobrevivam em boas condições é que nunca causem danos a outros povos. Por não ter cumprido esse requisito, a outrora próspera cidade do México, a bela cidade onde governava Cuauhtémoc, desapareceu facilmente.⁴⁵

Além disso, o conto *Leyenda Mexicana*, de Julio Torri, destaca a disputa entre nobres, na segunda metade do século XIX, quando a teimosia e a busca pela superioridade resultam em um impasse de três dias. Essa narrativa também aponta para a mesquinhez individual, evidenciando como as ações de poucos podem reverberar nas dinâmicas sociais mais amplas. Como teria sido a história desses nobres se tivessem priorizado o bem comum acima de seus egos?

Tres días con sus noches se suceden, y aún están allí los linajudos magnates, sin que ninguno ceda el paso al otro. Al cabo de estos tres días, – y para que no sufrieran mancilla ninguno de ambos linajes, – mandó el Virrey que retrocedieran las carrozas al mismo tiempo; y la una volvióse hacia San Andrés y la otra fuese por la calle del Puente de San Francisco.^{46, 47}

Essas duas carruagens, tratadas pelo autor no referido conto, pertenciam a dois grandes nobres mexicanos desse período: uma pertencia a “Don Juan de Padilla Guadiola y Guzmán”, marquês de “Santa Fé de Guardiola”, ouvidor da Corte Real do México; a outra, pertencia a “Don Agustín de Echeverz Subiza y Espinal”, marquês da “Villa de San Miguel de Aguayo”, cujos ancestrais guerrearam, por sua majestade “Cesárea”,⁴⁸ na Hungria, Transilvânia e Perpilhã.⁴⁹

Ambos os autores nos convidam a refletir sobre as consequências da mesquinhez humana, seja em escala pessoal ou no contexto mais amplo de uma nação. Essa abordagem humanista adiciona camadas de significado aos contos, conectando as experiências individuais à trajetória coletiva de uma sociedade. E em se tratando do processo comparativo de significação entre os dois contos em questão, não podemos deixar de citar Tânia Franco Carvalhal, autora de diversas obras que tratam da Literatura Comparada (LC). Ela designa esse campo de estudo como uma forma investigativa de literatura que confronta dois ou mais textos, possibilitando uma multiplicidade de investigações com distintas metodologias, além de uma diversificação dos objetos de análise, o que conferirá à LC uma vasta área de atuação e estudo.⁵⁰ Dessa maneira, no processo de leitura de um texto, muitas vezes, podemos fazer o cotejo, confrontando-o com outros textos pertencentes a outros escritores, para estabelecermos a possibilidade dialógica, levando-se em conta, nessa confrontação, tanto os fatores similares como os contrastivos. É nessa perspectiva que desenvolvemos a nossa pesquisa, priorizando também o dialogismo de Bakhtin, pois, segundo este autor:

⁴⁵ CORNYN. *Cuentos mejicanos*, p. 38-39.

⁴⁶ CORNYN. *Cuentos mejicanos*, p. 43.

⁴⁷ Três dias e três noites se passaram, e os nobres magnatas ainda estão lá, sem dar lugar um ao outro. Ao cabo destes três dias, – e para que nenhuma das linhagens sofresse mancha, – o vice-rei ordenou que as carruagens retrocedessem ao mesmo tempo; e uma voltasse em direção a San Andrés e a outra fosse pela rua da Ponte de São Francisco (CORNYN. *Cuentos mejicanos*, p. 43). (tradução nossa)

⁴⁸ Sacra Cesárea Católica Real Majestade (abreviatura SCCRM), foi um tratamento exclusivo ostentado pelo imperador Carlos V, que era também soberano do Reino da Espanha como Carlos I.

⁴⁹ É uma cidade da França. Está localizada no departamento dos Pirineus Orientais, sendo a capital de departamento mais meridional da França continental.

⁵⁰ CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1992. p. 5.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal.⁵¹

Assim, Bakhtin concebe o dialogismo como um processo vital para o ser humano em todos os sentidos, sobretudo na aplicabilidade da palavra, falada ou escrita, isto é, na interação verbal entre indivíduos social e historicamente situados. Para ele, quando nos pronunciamos, estamos inseridos em um contexto, o qual é chamado de evento e nunca será igual a outro, pois, segundo o autor, o evento é único e irrepetível, mesmo o discurso sendo o mesmo, ainda que utilizado na interatividade textual, na polifonia.⁵² As distintas vozes podem se relacionar em um texto abordando um mesmo discurso. O processo polifônico de Bakhtin compreende certos fatores, dentre os quais, podemos elencar: história, subjetividade, tempo, ideologia, espaço, enunciação, enunciado, discurso, linguagem, língua, fala. Alguns desses fatores foram confrontados em nosso cotejo, os quais serão evidenciados a seguir.

Ao lermos esses dois contos e fazermos uma análise comparativa entre eles, confirmamos a concepção teórica preconizada por Tânia Franco Carvalhal, ou seja, da possibilidade de múltiplas investigações com distintas metodologias. E o nosso objetivo, neste trabalho, como já dito, é o cotejo entre eles. Nessa perspectiva, segundo essa autora, há a necessidade do registro não somente dos aspectos generalizantes, mas também dos totalizadores, envolvendo, também, os contrastes, pois, quando se faz um cotejo entre dois textos, é preciso apontar tanto os aspectos similares quanto os contrastantes.

No cotejo, podemos observar algumas similaridades entre os dois contos, como: a) o **período literário** em que se inserem: os dois textos são escritos durante um mesmo período literário, o modernismo mexicano, o qual é correspondente ao final do século XIX e início do século XX, publicados em 1925 em um livro organizado por J. H. Cornyn, na editora Johnson, em Richmond, Virgínia, Estados Unidos; b) a **mesquinhhez**: os personagens nos contos são mesquinhos, muito apegados ao dinheiro e a bens materiais, visando apenas a interesse próprio e que não partilham algo com outrem; c) o **espaço**: ambos os autores são originários de um mesmo país, o México, os quais tratam de questões históricas mexicanas; d) o **discurso**: no modernismo latino-americano, os autores se voltam para as situações locais, desprendendo-se dos moldes característicos eurocêtricos e, por essa razão, os dois textos são críticos discursivamente, tratando da mesma temática: uma crítica à formação histórica mexicana, pois, nesse movimento literário, os autores têm e mostram uma visão mais crítica e íntima da realidade nacional e da identidade que vai se construindo paulatinamente durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, uma vez que, de acordo com Rajagopalan,⁵³ já não se acredita mais em identidades prontas e acabadas, por estarem constantemente se transformando e se reconstruindo, quando a alteridade entra em jogo, tendo em vista ela ser o alicerce para definições identitárias, necessitando, portanto, da oposição a outras identidades para essa construção,⁵⁴ confirmando, dessa maneira, as identidades dos colonizadores espanhóis como opositoras dos nativos mexicanos no processo civilizatório do México; e) o **dialogismo bakhtiniano**: o dialogismo se evidencia entre esses dois contos, pois ambos tratam de uma mesma questão discursiva, uma crítica a dois períodos históricos mexicanos, um antes e o outro depois da

⁵¹ BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2009. p. 348.

⁵² A polifonia pode ser entendida como “a multiplicidade de vozes equipolentes, as quais expressam diferentes pontos de vista acerca de um mesmo assunto” (BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 4).

⁵³ RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

⁵⁴ RAJAGOPALAN. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*, p. 71-76.

colonização; f) o **narrador**: os dois autores utilizam narradores oniscientes, pois desenvolvem a trama em terceira pessoa, permitindo algumas intromissões narradas em primeira pessoa, com o uso do discurso indireto livre, tornando o enredo plenamente conhecido, já que esse tipo de narrador conhece todos os aspectos do enredo e de seus personagens, podendo descrever seus pensamentos e emoções.

Nos dois contos existem também alguns contrastes, dentre os quais destacamos: a) o **tempo** na trama: o tempo é cronológico em ambos os textos, mas ocorre em diferentes épocas, o conto “Los Aztecas”, de Ezequiel A. Chávez, retrata as lutas dos povos astecas em defesa de suas terras contra os outros índios, assim chamados pelo autor, e também contra os invasores espanhóis antes do processo colonizatório; o conto “Leyenda mexicana”, de Julio Torri, trata de um episódio, já dito anteriormente, ocorrido no século XVII, durante a colonização do México, praticado por dois nobres marqueses: Juan de Padilla Guardiola y Guzmán (1643-1691) e Agustín de Echeverz Subiza y Espinal (1646-1699); b) o **nível social** dos personagens: o nível social dos personagens se contrasta nos dois contos, isto porque em “Los Aztecas”, o autor trata dos povos astecas, toltecas e maias, os quais são chamados por ele de índios, e contribuíram, de certa maneira, para as formações social e identitária mexicanas; em “Leyenda mexicana”, o autor trabalha com a Nobreza: os marqueses e o vice-rei; c) a **influência política** dos personagens: os personagens do conto “Los Aztecas” são influenciados pelo feudalismo, sistema de governo da Idade Média, quando a economia girava em torno do feudo⁵⁵ e da exploração da terra, a transição do feudalismo para o capitalismo ocorreu no século XV na Europa e esse momento marcou o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna; ao passo que, no conto “Leyenda mexicana”, os personagens são influenciados pelo capitalismo e pelos ideais renascentistas e humanistas, quando a Nobreza juntamente com o Clero eram os detentores do poder.

O México de Torri e Chávez

Na narrativa de Chávez, somos transportados para um período pré-colonial, em um lugar que ainda não era chamado de México e não estava situado no continente americano. Tais denominações eram inexistentes para esses povos, e rotular os Astecas como indígenas é um equívoco, uma vez que esse termo só surgiu após a descoberta da América com a chegada dos colonizadores espanhóis. Isso foi uma maneira de subjugar-los, agrupando todos os povos que, para os europeus, eram considerados bárbaros e necessitavam de salvação.

Contudo, ao colaborarem com os espanhóis, esses povos não sabiam que estavam se aliando a um inimigo ainda mais prejudicial. Um inimigo que os forçou a renunciar às suas crenças religiosas, línguas e terras, apagando suas histórias e reduzindo-os a uma categoria inferior. Enfrentaram morte, exploração e, hoje, os descendentes desses povos constituem uma das camadas mais pobres do país. Essas comunidades lutam por direitos básicos, como educação na língua nativa, e batalham pela posse da água, uma vez que seus rios e fontes foram estatizados ou vendidos para empresas estrangeiras.

Assim como no passado, essas comunidades indígenas enfrentam desafios para sobreviver e manter suas terras, legítimas. Atualmente, são tratados como estranhos indesejados em suas próprias casas. Apesar dessas adversidades, o México é o país das Américas com o maior número de indígenas, totalizando 17 milhões, seguido pelo Peru, Bolívia e Guatemala. Isso ressalta a resistência desses povos, que, apesar de todas as adversidades, continuam a lutar por sua identidade e direitos. E em se falando de identidade, verificamos que esse é um assunto muito debatido na modernidade, não somente por intelectuais e pesquisadores atraídos por essa temática, mas também por pessoas anônimas, o que Zygmunt Bauman⁵⁶ classifica como “consciência comum” em seu livro, intitulado *Identidade*, no qual ele afirma: “Há apenas algumas décadas, a “identidade” não estava nem perto do

⁵⁵ Feudo era uma grande propriedade territorial medieval que se baseava no feudalismo, um sistema comum na Europa.

⁵⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

centro do nosso debate, permanecendo unicamente um objeto de meditação filosófica. Atualmente, no entanto, a “identidade” é o papo do momento, um assunto de extrema importância e evidência.⁵⁷

Mesmo sendo um assunto muito evidenciado e discutido na atualidade, isso não o apaga das construções identitárias passadas, sobretudo no processo formativo identitário do povo mexicano durante os períodos de colonização e independência. Conforme Bauman, os resultados das transformações comportamentais dos seres humanos são perceptíveis e contribuintes para um processo construtivo identitário instável dentro de uma modernidade classificada pelo autor como “líquida”. E essa inconstância condicionante identitária não pode mais ficar velada.⁵⁸ Essa transformação identitária inconstante, evidenciada nos dois contos, foi construída sob tensões conflitantes provocadas pela empáfia e pela austeridade dos personagens.

Já Torri traz o México colonial, uma consequência do domínio espanhol, o país agora chamado de Nova Espanha. A Nova Espanha era uma colônia espanhola que se localizava na América do Norte. Sua organização social era vigorosamente hierarquizada, composta por classes categorizadas da seguinte maneira: “**peninsulares**” (os nascidos na Espanha) os quais eram os mais poderosos socialmente; “**criollos**” (os nascidos na Nova Espanha); “**mestizos**” (os originários da mistura étnica entre espanhóis e indígenas) e “**indígenas**” (os menos favorecidos). Existiam ainda os **negros** e **mulatos**, os quais, juntamente com os indígenas, faziam parte da estratificação social mais baixa. Segundo Guillermo Ruiz Marín,⁵⁹ essas histórias são uma “tragédia” para muitos conquistadores que foram substituídos pelos burocratas e cortesãos que começaram a chegar à Nova Espanha. O caso mais óbvio é o do Hernán Cortés, o qual tinha problemas com o vice-rei Antonio de Mendoza, como também abusava dos excessos para com os seus inimigos, contribuindo para que ele tivesse um final de vida muito problemático. Vale enfatizar que foi o conquistador espanhol Hernán Cortés quem arruinou a civilização asteca no período entre os anos de 1519 e 1521 no período colonial mexicano. Ele morreu na Espanha em 2 de dezembro de 1547, aos 62 anos, sem qualquer glória, pobre e perseguido pela justiça, já que seus inimigos o sujeitaram a um longo e burocrático “julgamento de residência”.⁶⁰

El período colonial, lejos de vivir una resignada paz, fue una escabrosa adaptación de un pueblo que había vivido en soberana libertad por miles de años, transitando a través de una sólida educación familiar y una rígida y escrupulosa estructura social; con respetadas y antiquísimas normas morales, sociales, éticas y religiosas, con antiguas leyes, con solventes instituciones y con honestas autoridades reconocidas y aceptadas; A una nueva realidad, en la que los pueblos invadidos y vencidos, no tenían ningún derecho. Su Leyes, Instituciones y Autoridades fueron brutalmente destruidas y desmanteladas, en su lugar el invasor impuso aquellas que les servían para la explotación. Durante los últimos quinientos años, primero los indígenas y luego los mestizos han creado, recreado y mantenido una amplia y compleja “cultura de resistencia”.^{61, 62}

⁵⁷ BAUMAN. Identidade, p. 23.

⁵⁸ BAUMAN. Identidade, p. 22

⁵⁹ MARÍN, Guillermo Ruiz. *Historia verdadera del México profundo*. Ciudad de México: toltecayotl.org, 2010.

⁶⁰ Procedimento judicial do direito castelhano e indiano, o qual consistia em que, no final do desempenho de um funcionário público, suas ações eram analisadas, como também eram ouvidas todas as acusações contra ele.

⁶¹ MARÍN. *Historia verdadera del México profundo*, p. 202.

⁶² O período colonial, longe de viver uma paz resignada, foi uma dura adaptação de um povo que viveu durante milhares de anos em liberdade soberana, passando por uma sólida educação familiar e por uma estrutura social rígida e escrupulosa; com antiquíssimas normas morais, sociais, éticas e religiosas respeitadas, com leis antigas, com instituições solventes e com autoridades honestas reconhecidas e aceitas; para uma nova realidade, em que os povos invadidos e derrotados não tivessem direitos. Suas Leis, Instituições e Autoridades foram brutalmente destruídas e desmanteladas, em seu lugar o invasor impôs aquelas que lhes serviam para exploração. Durante os últimos quinhentos anos, primeiro os povos indígenas e depois os mestiços criaram, recriaram e mantiveram uma ampla e complexa “cultura de resistência” (MARÍN. *Historia verdadera del México profundo*, p. 202). (tradução nossa)

O período colonial representa para as comunidades indígenas um verdadeiro holocausto. A história de rebeliões permanentes não foi registrada na “história oficial”. No entanto, os povos, de diferentes formas, mantiveram diferentes táticas de resistência, pois apesar da mesma matriz cultural dos derrotados, eles não agiram homogeneamente. Torri introduz em seu conto personagens reais, com exceção dos indígenas, negros e mestiços, priorizando a classe abastada, por meio de representantes da coroa espanhola, que, obviamente eram de linhagem pura e branca, como Juan de Padilla Guardiola y Guzmán, um nobre nomeado como ouvidor pelo rei Carlos II, com o título de Marquês de “Santa Fe de Guardiola”, o qual nasceu em Sevilha e governou não apenas o México, mas também a Venezuela, e Agustín de Echeverz Subiza y Espinal, o qual foi Marquês de “San Miguel de Aguayo”, título dado pelo Rei Carlos II, casado com Francisca de Valdés y Alcega, bisneta de Francisco de Urdíola y Larrumbide, um latifundiário dono dos maiores pedaços de terra na Nova Espanha.

Esses dois personagens eram envolvidos por títulos que, para Torri, vivendo na época da revolução, não significavam nada. Contudo, nesse período, eram considerados autoridades, quase como deuses na terra, cujas vontades deveriam ser cumpridas. Toda a história se torna mais irônica, visto que essas figuras se comportam como crianças birrentas, uma visão influenciada pela época de Torri durante e após a Revolução Mexicana, liderada por Emiliano Zapata, um herói nacional, quando o México se libertou do governo de Porfirio Díaz. Não há nada mais revolucionário do que rir das autoridades, algo que naquela época não poderia ser zombado sem punição.

A Revolução Mexicana teve seu início em fins do ano de 1910 e encerrou, de acordo com os historiadores mexicanos, em 1917, quando foi promulgada uma nova Constituição Federal. Foi um grande movimento revolucionário, tendo em vista o largo tempo de duração, sete anos, o qual ocorreu simultaneamente à Primeira Guerra Mundial (de 1914 a 1918), e antecedeu à Revolução Russa (de 1917 a 1923), contribuindo para o encerramento da longa ditadura de Porfirio Díaz, quando as forças sociais menos favorecidas, os camponeses e os indígenas, vieram à tona, e passaram a ter, de certa forma, o direito de voz. Ademais, abriu caminho para o desenvolvimento de novas configurações relacionais entre o Estado e a sociedade civil, suscitando enfrentamentos devido às demandas dos setores populares por terra, aos direitos trabalhistas, à educação, bem como a posições políticas incisivas mediante a ambição econômica dos Estados Unidos e da Igreja Católica nas riquezas do país. A Revolução Mexicana foi crucial também para o despontar de um grande desenvolvimento artístico e cultural no México, com destaque para a pintura, a fotografia e a literatura.

Según el Censo de Población de 1910, había en el país 840 hacendados, 411.096 personas clasificadas como agricultores y 3.096.827 jornaleros del campo. La población total del México ascendía a 15.160.369 habitantes. La cifra relativa a jornaleros del campo no puede servir para calcular con exactitud matemática el número de familias campesinas, porque en algunas de ellas trabajaban y trabajan el padre y los hijos mayores, clasificados todos como jornaleros; pero sí es útil para estimar el número de individuos que dependían del salario rural y que cabe estimar en 12.000.000, o sea, aproximadamente el 80 % de la población.^{63, 64}

⁶³ HERZOG, Jesús Silva. *Breve historia de la revolución mexicana*: Los antecedentes y la etapa maderista. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1960. p. 9.

⁶⁴ Segundo o Censo Demográfico de 1910, havia no país 840 proprietários de terras, 411.096 pessoas classificadas como agricultores e 3.096.827 trabalhadores rurais. A população total do México era de 15.160.369 habitantes. O número relativo aos trabalhadores do campo não pode ser utilizado para calcular com exatidão matemática o número de famílias camponesas, porque em algumas delas trabalhavam e trabalham o pai e os filhos mais velhos, todos classificados como trabalhadores; mas é útil para estimar o número de indivíduos que dependiam dos salários rurais e que pode ser estimado em 12 milhões, ou seja, aproximadamente 80% da população (HERZOG. *Breve historia de la revolución mexicana*: Los antecedentes y la etapa maderista, p. 9). (tradução nossa)

Destarte, observa-se que o México, nas primeiras décadas século XX, passou por uma grande transformação, sobretudo em se tratando de eventos históricos os quais contribuíram para uma modelagem sociopolítica. Em um período compreendido desde a Revolução Mexicana, ocorrida no início desse século, até o estabelecimento do sistema político, controlado pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), o país passou por significativas transformações econômicas e socioculturais. Contudo, esse período histórico mexicano também foi marcado por instabilidades políticas, dentre as quais: a crise dos anos 70 e 80, bem como a luta por direitos civis e sociais. Mesmo com algumas desestabilizações, no decorrer de todo o século XX, o México se converteu em uma grande potência não só para a América Latina, mas também para o mundo.

Ambos os autores, por meio de suas narrativas, conferem um valor significativo ao nacionalismo. Eles contribuem para a transição do México de uma colônia para um país independente, onde emergem narrativas autênticas e impactantes. Essas histórias não apenas oferecem uma visão única do passado, mas também moldam as consequências que reverberam no presente e futuro desse país.

O Decolonialismo

Decolonialismo é um novo conceito que ganha espaço nas ciências sociais, sendo o estudo da história sob a perspectiva do colonizado, e não do colonizador. Trata-se de uma abordagem crítica que busca apresentar uma visão diferente dos acontecimentos, contada por aqueles que, muitas vezes, sofreram as consequências dos atos dos países europeus. Essa perspectiva visa enriquecer a história, dando voz aos povos explorados e permitindo que o país seja o dono de sua própria narrativa.

A partir do final da década de 1990, mediante as pesquisas de Aníbal Quijano⁶⁵ (1928-2018) a respeito da colonialidade, vários estudos começaram a ser estruturados, nos quais se buscavam resgatar inúmeros problemas histórico-sociais, vistos como passivos de resolução no campo das ciências sociais latino-americanas. Dessa maneira, a reavaliação do formato histórico moderno e de seu processo transformador na América Latina foram os entraves, quando, a partir dos quais, os problemas se vincularam de acordo com o entendimento de a colonialidade ser uma oposição à modernidade. Nesse contexto, Escobar (2005) considera o tripé modernidade/colonialidade/decolonialidade como um projeto, o qual ele o chama de (MCD) e que contribui para um estudo minucioso e amplo desses três fatores. Assim sendo, as concepções relativas a esses temas se intensificaram e se expandiram para outros locais fora da América Latina, passando a ser, aos poucos, motivo de discussões mundialmente em várias instituições de ensino. Na atualidade, existem inúmeros estudiosos de diversas disciplinas que estão empenhados nas pesquisas envolvendo a colonialidade e seus correspondentes (Quintero, Figueira e Paz, 2019, p. 3). Nessa perspectiva, Aníbal Quijano³⁰ (2005) classifica a América como um novo padrão de poder mundial e a raça, submetida ao capitalismo e ao mercado externo, como uma categoria da modernidade.

A América constitui-se como o primeiro espaço/tempo de um padrão de poder de vocação mundial e, desse modo e por isso, como a primeira identidade da modernidade. Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. Nessas bases, conseqüentemente, foi classificada a população da América, e mais tarde do mundo, nesse novo padrão de poder. Por outro lado, a

⁶⁵ QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. Buenos Aires: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial.⁶⁶

No Continente Americano, a concepção de raça, segundo Quijano (2005), foi um modo de legitimar as relações de soberania estabelecidas pela conquista territorial, quando as instituições europeias e americanas, na formação do processo identitário, bem como a expansão do colonialismo europeu às demais partes do mundo, proporcionaram a implementação de uma perspectiva eurocêntrica do conhecimento, no qual houve um engendramento teórico a respeito de raça nas relações coloniais, de hegemonia dos colonizadores sobre os colonizados, que, historicamente, foi um novo modo de legitimação dos já antigos pensamentos e práticas de relacionamentos de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados, confirmando ser a mais potente e duradoura forma de domínio social no mundo durante o processo colonizatório.

Nos contos em questão, Chávez adota uma visão dos Aztecas que não os retrata como bárbaros ou inocentes, evitando tanto a vilanização quanto a romantização. Ele conta a história, mesmo que parte dela ainda contenha resquícios da visão europeia. Aqui, os Aztecas são os protagonistas, motivo de estudo, em vez dos espanhóis. Essa escolha reflete o início da formação de uma identidade nacional, mantida viva em celebrações como o Dia de los Muertos. Essa tradição, iniciada pelos Aztecas, celebrava a Dama da Morte, acreditando que os espíritos retornavam ao mundo dos vivos, marcando um ciclo de celebração da vida, morte e renascimento. Atualmente, o Dia de los Muertos é reconhecido pela UNESCO.

Da mesma forma, Torri adota uma abordagem decolonial ao tratar os nobres espanhóis na história mexicana com humor, em vez de reverência. Ele questiona a ideia de que o México deve algo a esses nobres e à Espanha, retratando suas figuras como algo risível, convidando à reflexão sobre a validade de tais representações. Essa visão crítica contribui para desconstruir narrativas eurocêntricas e reafirma a autonomia do México na construção de sua história.

Considerações finais

Ao finalizarmos a leitura e a comparação desses dois contos, somos conduzidos por perspectivas únicas que revelam distintas fases da história mexicana. Chávez nos transporta para um período pré-colonial, desvendando a complexidade da formação do país intrinsecamente ligada ao povo Asteca. Por outro lado, Torri nos apresenta a elite nobre espanhola no México colonial. Ambos os textos evidenciam como a mesquinhez humana pode moldar o destino de uma nação ou mudar um dia comum em uma briga que se desenrola em um beco, levando-nos a refletir sobre a dinâmica que esculpiu o México contemporâneo.

No desfecho, os contos nos imergem na alma mexicana, contada pelos próprios mexicanos. Suas visões, suas histórias entrelaçadas e, ao término da leitura, percebemos quão encantador é o México, um país rico e diverso. Essas narrativas nos oferecem uma compreensão mais profunda das nuances que compõem a identidade mexicana, despertando em nós uma apreciação mais ampla por essa terra rica em cultura e tradição. Dessa forma, ao fecharmos as páginas desses dois contos, carregamos conosco não apenas as histórias de Chávez e Torri, mas também uma conexão mais profunda com a história e a alma do México, um país que, por meio de suas vicissitudes e triunfos, continua a inspirar e cativar.

⁶⁶ QUIJANO. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*, p. 117.

CARNAVAL E O “ELOGIO DO CORDÃO”: UMA ANÁLISE SOBRE A FESTA E SUA RELAÇÃO COM O TEXTO DE JOÃO DO RIO

Valtenir Soares de Abreu⁶⁷
Paulo César Vieira de Toledo⁶⁸
Julia Vitória Vieira Lucas⁶⁹

Abstract

This text addresses the historical evolution of carnival, highlighting its Mesopotamian origins and cultural influences, especially its introduction in Brazil by immigrants in the seventeenth century. The tension between the elite and the popular classes is discussed, focusing on the chronicle “Elogio do Cordão”, by João do Rio, which emphasizes the struggle for the conquest of public space during the festivity. This work highlights the importance of cordões as central elements, and the relationship between the carnival described in the chronicle and the contemporary one is evidenced by the preservation of fundamental characteristics. In short, this article addresses carnival, its history, and how this celebration is held in Brazil – both in ancient times and in the present day.

Keywords: Origin of Carnival. Brazil. In praise of the Cord. Afro-Brazilian. Rio de Janeiro. João do Rio.

O carnaval é uma festa popular com influências mesopotâmicas, gregas e romanas, além de guardar relações com festividade e rituais encontrados em muitas partes do mundo ao longo da história. A comemoração, que ocorre num período de três dias antes da quaresma, com o objetivo de despedir dos prazeres da carne – por isso a etimologia da palavra –, traz a essência dessa celebração, pois seu significado *carne* vem de *carne* e *vale* faz menção à palavra *prazer*. Essa festividade chegou ao Brasil com influência dos imigrantes portugueses, franceses e italianos, no século XVII (Brasil; Folberg, 2015). Contudo, com o passar do tempo, passou a ser utilizada por religiões pagãs a fim de festejar os prazeres carnis pelos nobres e, mais tarde, também começou a ser símbolo de posicionamento político, religioso, étnico e classista, principalmente pelas classes sociais subalternizadas.

Inicialmente, podemos remontar à Babilônia, onde uma série de festividades de verão eram organizadas com a principal característica de inverter a ordem social vigente durante a duração das celebrações; um prisioneiro era escolhido para performar a figura do rei na festa chamada *Saceia*. Nesse esse período, ele comia, bebia e também dormia com as esposas do rei. Quanto ao fim do prisioneiro, não era tão positivo quanto a abundância que aproveitava durante a festa. Findos os rituais festivos, o escolhido era chicoteado, morto ou empolado. Entretanto, no século IX, o carnaval europeu se aproxima mais da celebração que é comemorada no Brasil. No período fértil para a agricultura, homens jovens saíam fantasiados de mulheres e adentravam nas casas – com consentimento dos que ali moravam – para se alimentar e também conseguir beijos das belas moças.⁷⁰

⁶⁷ Universidade Federal de Roraima (UFRR) - valtenir.abreu@ufrr.br

⁶⁸ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - pcvieiradetoledo013@gmail.com

⁶⁹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - julialucasletras@ufrj.br

⁷⁰ SOUSA, Rainer Gonçalves. *O Carnaval na Antiguidade*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/o-carnaval-na-antiguidade.htm>. Acesso em: 9 jun. 2024.

No Brasil, o carnaval chega em um contexto semelhante ao que foi mencionado. O entrudo, nome inicialmente dado ao carnaval no Brasil, é trazido pela corte portuguesa. Tal nomeação vem dos europeus, que originam a primeira prática carnavalesca em território Brasileiro. A brincadeira era praticada por escravos que usavam lama, farinha, urina e entre outras impurezas para sujarem umas às outras. No latim, significando dessa forma, “a entrada”, que foi denominado pela igreja para comemorar o início da quaresma.⁷¹

Ainda que o carnaval Brasileiro tenha origem popular, o surgimento dessa comemoração está interligado com um protesto político de minorias sociais desde o princípio. Apesar do carnaval nacional ser diferente dos outros por diversos motivos, é imprescindível considerar o contexto histórico de miscigenação, repressão das religiões de matriz africana, indígenas, assim como esses povos já mencionados.

Por isso, o carnaval no Brasil, além de movimentar a economia desde o princípio, também é uma festa que visa comemorar os prazeres que as religiões católicas e cristãs reprimem em seus fiéis. Dessa forma, a análise da propagação do carnaval, de suas letras e também da influência de religiões de matriz africana, é um ponto indispensável para se pensar em como o carnaval se tornou uma festa tão importante para a cultura Brasileira.

Elite, alforria e espaço

Como dissemos anteriormente, o carnaval vem da elite, mas é abraçado pelo povo. Essa tensão entre povos esteve presente desde o carnaval na Mesopotâmia, Europa e no Brasil. O contexto do carnaval brasileiro ocorre com a chegada da corte portuguesa que sai fugida da Europa ameaçada por Napoleão. No território nacional havia um forte empenho para se manter os africanos escravizados, pois era lucrativo.

Segundo Ortiz,⁷² o carnaval tem uma característica bipolar: em certos momentos é mais quente e em outros mais frio, a ordem e desordem estão juntos. A elite brasileira e a periferia sempre estiveram em conflito. Em 1906, quando a crônica *O elogio do cordão* publicada, o Brasil estava na sua segunda onda carnavalesca, sendo este local o espaço que seria conquistado no centro da cidade. Diferente da primeira época do carnaval, que foi focada no entrudo, a crônica mostra em sua narrativa como esse espaço foi apropriado:

se há uma interrelação entre o espaço e o social, deve haver efeitos do espaço sobre o social”, apesar de isto não significar “conferir autonomia ao espaço nem cair no seu fetichismo”. A todas as modificações sócioespaciais do período, o Carnaval carioca irá reagir, seja refletindo-as seja questionando-as.⁷³

O trecho de Vilaça⁷³ complementa o ponto de vista defendendo por Ortiz⁷², no sentido de questionar o espaço central da cidade, até então destinado aos prazeres da elite. Ao propor uma inversão da ordem vigente, mesmo que por um curto período, o carnaval propicia a ocupação, pelas classes inferiorizadas, destes locais que, no cotidiano citadino, não lhes oferece qualquer possibilidade de pertencimento.

⁷¹ PRIORE, Mary Del. A Serração da Velha: charivari, morte e festa no mundo luso-brasileiro. In: JANCÓS, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Hucitec: Ed. Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. v. I.

⁷² ORTIZ, Renato. Reflexões sobre o carnaval. *Ciência e Cultura*, v. 28, n. 12, p. 1407-12, 1976.

⁷³ VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 1998. p. 46.

No começo da crônica, o trecho de um cordão de carnaval – que é utilizado até os dias de hoje –, faz uma breve lembrança da primeira época do carnaval em que o entrudo era utilizado. Essa crônica ilustra, desde o começo, a importância de reincidir espaços e lutar contra as repressões, já que o entrudo foi reprimido pela elite colonial. Contudo, a nova elite, que rege a segunda época do carnaval, surge para popularizar e distanciar-se do carnaval colonizador. Por isso, o cordão de carnaval, apesar de ter apenas 4 versos curtos, demonstra a mudança da primeira época para a segunda.

Oh! abre ala!
Que eu quero passá
Estrela d'Alva
Do carnavá⁷⁴

Logo no começo da narrativa, o personagem principal revela sua aversão sobre o carnaval. As imagens bem ilustradas, das figuras fantasiadas com semblante fechado, estabelecem uma relação de contraste com a folia que está acontecendo na cena. Enquanto o narrador-personagem descreve o quanto detesta o carnaval sem fundamento, um carnavalesco o escuta e rebate seus protestos. Seu argumento é embasado em aspectos religiosos, pois o mesmo afirma que o carnaval é uma festa pagã e também com diversos elementos culturais, como os dias sagrados da Aphrodita e Dionisos.

Aphrodita é conhecida como a deusa do amor e Dionisos o deus da colheita das uvas, da fabricação do vinho, dos excessos, da loucura e teatro. A esses dois deuses gregos é atribuída a origem do carnaval; apesar da festividade ter sido oficializada pela igreja católica, a origem do carnaval é pagã, como o personagem responde ao narrador: “os cordões saíram dos templos”. A elite, apesar de ter sido a responsável por popularizar o carnaval, acabou por criar estigmas que ainda os afetam diretamente.

O novo carnaval é ousado e zomba da elite. As fantasias de membros de regimes monárquicos, os bobos da corte viram os palhaços. Entretanto, figuras que antes eram oprimidas e exploradas, viram personagens empoderadas ao utilizar as vestimentas de grupos marginalizados como um adereço, apesar das problemáticas – de cunho misógino – envolvendo homens se vestindo de mulher. Naquele período, tais atitudes de afronta aos usos e costumes tradicionais e conservadores foi importante por trazer a essência do carnaval criado na Itália e também para mostrar que essa festa nunca deixou de pertencer ao povo, como é comentado nesse trecho de Quo Vadis:

O último domingo teve a sensaboria de uns mascarados a percorrer as ruas, termos dos mais rudimentares espíritos, e o barulho de um entrudo de pó de arroz, confetes etc. Era de ver homens polvilhados, sem ser com o polvilho antisséptico Silva Ferraz, com as roupas dos tais discozinhos de papéis multicores, a andarem apressados como quem feriu um grande combate e leva em si o atestado de que se não excursão da luta; era de ver umas senhoras e senhoritas, meninos e meninas com os cabelos ordenados dos mesmos papeizinhos e as faces empoadas, com uma graça que os homens nunca são capazes de ter, porque manda a verdade se o diga, só crianças e mulheres são interessantes quando brincam.⁷⁵

⁷⁴ DO RIO, João do. Elogio do Cordão. *Boletim Social da União Brasileira de Compositores*, Rio de Janeiro, v. 53, p. 8-10, 1958. Disponível em: <https://x.gd/q1YKG>. Acesso em: 31 maio 2024.

⁷⁵ PEREIRA, Kívia Mirrana. Num Abre Alas que Eu Quero Passar de Ensurdecer: Identidade e Distinção das Elites nos Carnavais do Ideal Clube (Manaus, 1906-1920). *Em Tempo de Histórias: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UnB*, Brasília-DF, n. 40, p. 35-56, jan./jun. 2022.

O excerto acima pode nos dar uma dimensão do poder das celebrações carnavalescas, pois, durante os dias de folia, todas as mazelas, desigualdades e injustiças sociais são colocadas em questionamento, gerando incômodo nas elites dominantes e permitindo que o subalterno assuma lugar de protagonismo. Pode-se dizer, portanto, que o carnaval é momento de embates na arena social. Valores, procedimentos, pontos de vista, tudo desnudado diante dos olhos de quem queira ver.

A obra “Elogio do Cordão”

Em sua obra “Elogio do Cordão”, João do Rio apresenta ao leitor a história de dois personagens em meio à época de Carnaval. Ambos os personagens não tiveram seus nomes revelados pelo autor. Com isso, neste texto, serão denominados como “narrador”, o personagem que narra o texto, e “amigo”, o amigo do narrador.

No início da história, o narrador começa descrevendo o movimento massivo de pessoas por algumas das ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro em época de fim de carnaval. No seguinte trecho, ele descreve como estavam: “A rua convulsionava-se como se fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho”.⁷⁶ Diante disso e de outras falas, esse personagem deixa explícito seu descontentamento com os cordões, visto que, de acordo com ele, trata-se de uma forma de animalização do ser humano, ao permitir-se participar de tamanha balbúrdia. Assim questiona o personagem: “Pois é possível louvar o agente embrutecedor das cefalalgias e do horror?”.⁷⁷

A partir deste descontentamento, o amigo do narrador começa a contra-argumentar os argumentos levantados pelo outro personagem e entrega-lhe seus conhecimentos sobre a festa e sobre os cordões, mostrando para o outro personagem a importância tanto da celebração quanto dos cordões:

Achas tu que haveria Carnaval se não houvesse os cordões? (...) O Carnaval teria desaparecido (...) se não fosse o entusiasmo dos grupos da Gamboa, do Sacco, da Saude, de S. Diogo, da Cidade Nova, esse entusiasmo ardente, que mezes antes dos tres dias vêm queimando como pequenas fogueiras (...) para acabar no formidável e total incendio que envolve e estorce a cidade inteira.⁷⁸

Outros dois pontos importantes que o amigo do narrador aborda são: a dinâmica de organização dos grupos, tendo, dentro deles, várias repartições: “Para as danças, ha dois fiscaes, dois mestre-salas um mestre de canto, dois porta-machados, um *achi-nagu* ou homem da frente, vestido ricamente.” (DO RIO: 2) e como são denominados os grupos que desfilam nesta época do ano:

Vae-se aos poucos detalhando a alma nacional nos estandartes dos cordões. (...) Mas, se ha Flores, Teimosos, Caprichosos e Harmonias, o que querem espantar com riquezas e festas nunca vistas, ha também os preocupados com as victorias e os triumphos, os que antes de sair já são Filhos do Triumpho da Gloria, Vitoriosos das Chamas das Bellas, Triumpho das Morenas.⁷⁹

Após ensinamentos e contra-argumentos, os dois personagens começam a dialogar sobre os cordões e seus temas. Para o narrador, os cordões perderam seu propósito e sua sensibilidade, a partir do momento em que esses, em suas líricas, abordam temas contemporâneos sensíveis para a sociedade. No fragmento a seguir, o narrador explicita a sua opinião:

⁷⁶ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 1.

⁷⁷ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 2

⁷⁸ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 3.

⁷⁹ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 4.

Era horrível. Fixei bem na faixa entumecida dos cantores. Nem um d’elles sentia ou sequer comprehendia o sacrilegio, com os hystericos em crise de hypnose. A dor mais colossal do anno estava sendo recordada entre zabumbadas, gritos e gargalhadas por uma menippéa desavairada – para maior attestado de que os cordões são bem a expressão da nossa alma ligar o soffriemento e o goso na mesma lei da fatalidade.⁸⁰

Logo após evidenciar a sua opinião no texto e em outro momento durante conversa que estava tendo com seu amigo, esse outro personagem o responde, dizendo que muitos grupos utilizam de temas sensíveis para arranjar as líricas de seus cordões, dando a ele, um exemplo de lírica, do grupo <<Mina de Ouro>>, menos escandaloso e mais respeitoso:

Corremos, corremos
Povo Brasileiro
Para salvar do “Aquidaban”
Os patriotas marinheiros.⁸¹

Ao final do texto, o narrador dá razão ao seu amigo e revela que entende que o cordão é o Carnaval e que essa festa não é para ser formal; nela, tudo pode acontecer. Diante de seu parecer no penúltimo parágrafo da página 6, depois de receber tantos bons argumentos de seu amigo quanto às suas críticas aos cordões, ele entendeu o porquê de sua existência e qual a sua importância nessa festa marcante para a cidade inteira. No trecho a seguir, ele esclarece sua decisão de “cair na folia”:

Oh! sim! elle tinha razão! O cordão é o Carnaval, é o ultimo élo das religiões pagã é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual; o cordão é a nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa babando lascivia pelas mulheres e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, barbara, lamentável.⁸²

A relação entre o carnaval da obra “Elogio do Cordão” e o carnaval contemporâneo

O texto *Elogio do Cordão*, de João do Rio, apresenta, como seu tema principal, a festividade do Carnaval Brasileiro. Como pode ser observado durante o texto, os personagens argumentam e contra-argumentam sobre a importância dessa festa para o Rio de Janeiro e como tudo o que a compõe é de grande relevância para que ela ocorra. Pode-se notar que, em alguns trechos dessa conversa, há pontos que nos permitem fazer uma conexão com o carnaval contemporâneo, visto que a festividade não mudou, ela apenas foi modificando-se e transformando-se, porém nunca deixou sua essência originária. No seguinte trecho, vê-se uma fala que exprime essa mudança:

A dança foi sempre uma manifestação cultural. Não ha danças novas, ha lentas transformações de antigas attitudes de culto religioso. (...) O Carnaval é uma festa religiosa, é o mixto dos dias sagrados de Aphrodita e Dyonisos, vem coroado de pampanos e cheirando á luxuria.⁸³

No decorrer da leitura, pode-se perceber mais semelhanças entre o carnaval de época e o carnaval contemporâneo: o modo como a festa acontece, a formação dos grupos, os cordões – atualmente chamados de “marchinhas” –, a denominação dos grupos – atualmente chamados de “blocos” e a abordagem de temas político-sociais dentro da festa, por exemplo, nas líricas dos cordões dos grupos. Verifica-se, durante a leitura, que um ponto deve ser ressaltado: a festividade é feita e aproveitada pelas massas populares. Por mais que a elite Brasileira possa aproveitar a festa, não é do mesmo jeito que as massas populares aproveitam. Enquanto as elites aproveitam a festividade em

⁸⁰ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 5-6.

⁸¹ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 6.

⁸² DO RIO. O elogio do Cordão, p. 6.

⁸³ DO RIO. O elogio do Cordão, p. 4.

camarotes e em espaços excludentes, as massas populares estão “pulando” carnaval nas ruas, aproveitando o momento para aliviar-se das dores da rotina cansativa e árdua e celebrar a alegria coletiva que a comemoração proporciona.

Nas ruas, a diversidade de cores, ritmos e sorrisos reflete a riqueza cultural do povo Brasileiro. Nesse contexto, as ruas se transformam em palco para a expressão autêntica da identidade nacional, onde a música, a dança e a descontração se tornam um escape bem-vindo das preocupações diárias. É um momento em que a coletividade transcende as barreiras, proporcionando uma pausa necessária para renovar as energias e fortalecer os laços comunitários.

Outro aspecto importante que aparece no excerto acima é o caráter religioso, sagrado, da festa carnavalesca; tendo sido originado como celebração de datas sagradas, o carnaval, mesmo nos dias atuais, segue guardando uma relação de muita proximidade com os rituais, entidades e festividades ligadas às mais diversas expressões da espiritualidade, principalmente das classes sociais menos favorecidas, pessoas pretas, praticantes de religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé. A representatividade de tais cultos reforça ainda mais a ideia de que, mais do que tudo, trata-se de uma festa do povo, um momento em que é possível – ainda que por pouco tempo – esquecer as mazelas e vestir-se, comportar-se... viver como verdadeiros reis e rainhas, donos e donas dos seus próprios destinos.

Religião, burguesia e o carnaval carioca

O cordão é vida delirante, é o último elo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sobre a belbutina e o reflexo dischrônico das lantejoulas, tradições milenares”

Cordão de carnaval

A crônica de João do Rio não esconde a origem do carnaval, mas mostra o estigma do preconceito direcionado a quem comemorava o carnaval. Ainda no século XIX – período em que a crônica foi escrita – ainda estavam presentes os dogmas europeus que foram trazidos à festa carnavalesca no Rio de Janeiro. Dessa forma, no momento que o carnaval mescla com religiões de matrizes africanas e indígenas, o senso doutrinador dos colonizadores é ferido pela ótica de que a religiosidade que é propagada no carnaval está longe de ser a cristã e sim de povos não-hegemônicos

Cordão, palavra que facilmente pode ser lembrada como bordão, levava nas cantigas do carnaval o motivo de sua comemoração. Lembrava o entrudo, época em que a festividade era comemorada em menor escala e nos traz ao rio de janeiro, onde a festa é adaptada diretamente de Paris. Contudo, essa adaptação não é tão bem sucedida como imaginam; a festa, que adora e celebra a carne, é utilizada como um divisor de águas entre religiões de matrizes africanas e indígenas.

Quando um personagem da crônica fala sobre as inspirações dos cordões de carnaval, como o Afoxé africano – gênero que se popularizou como Axé na Bahia –, leva até os cucumbis, que foram os primeiros padroeiros que incentivaram a incorporação dos santos, abre-se um leque de inspirações que o carnaval carrega até os dias de hoje, com as fantasias que por vezes homenageiam orixás como Oxum (deusa das águas e do ouro) e também Oxóssi (que lembra um indígena na mata), entre outras fantasias que as pessoas vestem para assumir determinadas personas.

Segundo Ferreira,⁸⁴ o período de 1850 a 1902 marca as ações deliberadas da burguesia no sentido de criar uma festa carnavalesca livre do passado colonial e mais integrada a seus anseios internacionalistas. Dessa forma, o carnaval se torna cada vez mais uma ferramenta para mostrar a todos o incômodo entre classes sociais através da religião. Enquanto religiões católicas e protestantes assumem a imagem de um Jesus branco, europeu, que desdenha dos pobres, temos, por outro lado, o Cristo Redentor, construído na França pelo engenheiro Albert Caquot entre 1922 e 1931; a imagem desse cristo que abraça todos, passa a ser usada como ferramenta para incomodar a burguesia protestante e católica sobre a hipocrisia de sua religião, que, via de regra, não abraça os que precisam.

Destacamos, por exemplo, a escola de samba Beija Flor, que se utiliza do monumento do Cristo Redentor para chegar às bases da sociedade cristã que se afirmava “semelhante a Jesus” para gerar incômodo e dessa forma os deixar declararem seus estigmas sociais. Quando Cristo é mostrado como um mendigo no desfile da escola beija flor, a igreja rebate, afirmando que “a imagem de Cristo não é própria para alegorias, mas para devoção”. Mesmo proibida pela Igreja, a alegoria desfilou no carnaval coberta com uma lona preta. O carnavalesco colocou em seu peito a inscrição: “Mesmo proibido, olhai por nós”. Ao analisar a censura praticada pela igreja conta a alegoria carnavalesca, a pesquisadora Fátima Costa de Lima assevera:

A igreja, suspeitando o mau uso de seu panteão imagético no ambiente carnavalesco, abusou do poder institucional de representante terreno de Deus: esqueceu-se de que toda instituição é necessariamente humana, nunca divina. Nesse esquecimento, contudo, se revela seu caráter humano. Sem a compaixão que Deus dispensaria a um pecador cristão, a Cúria carioca censurou a alegoria⁸⁵ (Lima, 2011, p. 112).

Trata-se de uma importante virada de chave em relação à época em que muitos fiéis protestantes e católicos que seguiam Jesus estavam, na verdade, apenas utilizando sua imagem para doutrinar aqueles que tinham uma crença diferente da sua, pois estavam interessados em arrebanhar um número cada vez maior de fiéis. Foi o que ocorreu com os indígenas no período de colonização do Brasil e o que ocorreu também com os povos de matrizes africanas.

A religião era utilizada, assim como nos dias de hoje, como ferramenta para doutrinação ideológica, mas o carnaval consegue encontrar um recurso que a burguesia não esperava: o carnaval como uma ferramenta para demonstrar a desigualdade social que existe no Brasil. Através das artes, fantasias, brincadeiras e cordões, o povo brasileiro constrói a sua narrativa utilizando da sagacidade da burguesia contra eles mesmos.

A folia gera recursos financeiros, mas também questionamentos culturais e ideológicos. De um lado, religiões de matrizes africanas expõem sua fé e, de outro, os cristãos julgam e afirmam que não desejam participar de algo mundano, mesmo que Jesus Cristo seja, biblicamente falando, o deus dos pobres, prostitutas, miseráveis e todos aqueles que grande parte dos atuais cristãos negam nos dias de hoje.

Outro exemplo dessa virada é a figura a figura do caboclo no carnaval, que se torna, de acordo com Ferreira (2009), uma ferramenta de luta cultural. Em seu estudo sobre carnaval e identidade brasileira, o pesquisador destaca: “O índio de saioté de penas e cocar circular na cabeça procura traduzir e acomodar a imagem do selvagem americano como entendido pelo olhar europeu

⁸⁴ FERREIRA, Luiz Felipe. *Rio de Janeiro, 1850-1930: A Cidade e seu carnaval*. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura, 2013.

⁸⁵ LIMA, Fátima Costa de. *Alegoria Benjaminiana e alegorias proibidas no sambódromo carioca: O cristo mendigo e a carnavalesca trindade*. 2011. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95077>. Acesso em: 25 jun. 2024). p. 112.

(Ferreira, 2009, p. 2175)”. Por conta das alegorias carnavalescas, cria-se o ensejo de controle da narrativa pelos povos que eram oprimidos pelos colonizadores e têm, nestes momentos, o poder de confrontar e expor aqueles que criaram os estereótipos racistas. Na maioria das vezes que Jesus é associado com povos de menos prestígios (pretos, pobres, lgbs, prostitutas) causa um incômodo em seus fiéis. Mesmo com diversas censuras durante a história das escolas de samba, elas sempre atingiram o seu objetivo de causar incômodo na burguesia e destacar para todos a desigualdade evidente no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro.

Considerações finais

Ao analisar-se a jornada histórica do carnaval, desde suas raízes mesopotâmicas até sua consolidação no Brasil, é notável que essa manifestação vai além de sua função de entretenimento. Na verdade, é um reflexo do contexto social, cultural e político de cada período distintivo. A chegada do carnaval ao território Brasileiro, influenciado por variadas culturas e adaptado aos cenários locais, evidencia a habilidade de absorção e metamorfose dessa comemoração através dos séculos.

O carnaval, inicialmente utilizado como um meio de festejar os prazeres carnavais, evoluiu para se tornar um fenômeno complexo, abraçando aspectos políticos, religiosos, étnicos e classistas. A tensão entre a elite e o povo, evidenciada desde as primeiras manifestações, continua a desempenhar um papel considerável, com o carnaval sendo, ao mesmo tempo, uma expressão popular que é um momento em que as relações de poder são exploradas e contestadas.

A obra “Elogio do Cordão” de João do Rio, ao abordar a relação entre o carnaval e a sociedade carioca no início do século XX, destaca a importância dos cordões como elementos fundamentais dessa festividade. A dualidade entre ordem e desordem, representada pelo carnaval, espelha os conflitos sociais e a busca por espaço e reconhecimento. A transformação dos cordões, inicialmente associados a manifestações populares, em uma expressão mais elaborada e contestadora reflete a constante evolução e reinvenção do carnaval ao longo do tempo.

A partir da observação da relação entre o carnaval descrito na obra e o carnaval contemporâneo, percebe-se uma continuidade nas características fundamentais da festa. A preservação de elementos como as marchinhas, os blocos de rua e a abordagem de temas sociais evidencia a resistência e a resiliência dessa tradição ao longo das décadas. O carnaval contemporâneo, assim como seu predecessor do início do século XX, mantém sua natureza democrática e a capacidade de refletir sobre a diversidade cultural Brasileira.

Em conclusão, o carnaval no Brasil não é apenas uma festa de exuberância e folia, entretanto um fenômeno cultural profundamente enraizado na história e na identidade do país. Sua evolução ao longo dos séculos revela a capacidade de adaptação e reinvenção de uma celebração que, apesar das mudanças sociais e culturais, permanece como um dos pilares da cultura Brasileira.

O FEMININO NA DRAMATURGIA DE GONÇALVES DIAS

Jorge Eduardo Magalhães de Mendonça⁸⁶

Abstract

The romantic aesthetic of philosophic circles from Schiller Germany, quickly spreads in different rhythms and styles by Europe, coming into Brazil, marking a deeply and wide revolution in all over European culture. In the guidelines of romantic aesthetics, it was postulated a concept of individual creative genius, in which the author or artist imagination transcends the traditional limits of reason. The first theatrical manifestations in Brazil, according with the literacy historiography, emerged in the XVI century with the religious play and little by little the theatral art was being developing. Only in the XIX century that theatre pass to represent matters related to our nationality and the formation of our nation. In that regard, this study aims to make a brief analysis about the oppression, each one in its form, living by the female characters from the historical dramas *Patkull*, *Beatriç Cenci* e *Leonor de Mendonça*, by Gonçalves Dias, each one with their dilemmas and conflicts. To achieve our goals, we used as methodological support the bibliography research, using the literature review on the theme, from reading the works by the author Gonçalves Dias and the historiographic and critical works that have made us a support, such as Bosi (1994); Faria (2001); Almendra (2009); Gomes (1941); Magaldi (1962). It was possible to observe during the written of this text, the multiples females' representations in the Gonçalves Dias dramas.

Keywords: Gonçalves Dias; Female; Dramaturgy.

No ano de 1781, Schiller publica *Os salteadores*, dando início ao passado histórico e, posteriormente, o drama *Guilherme Tell*, transformando sua personagem em herói nacional, em sua luta pela independência. Provavelmente, o marco inicial das encenações dos dramas históricos na Europa e, algum tempo depois, no Brasil.

Em Portugal, em 1838 é apresentada, no Teatro dos Condes, a peça Um auto de Gil Vicente, de Almeida Garrett; assim como no mesmo ano é encenado no Teatro Constitucional Fluminense, no Rio de Janeiro, o drama histórico Antônio José ou o poeta da Inquisição, de Gonçalves Magalhães, tendo o ator João Caetano interpretando a personagem principal.

A partir de 1838, tornou-se comum as encenações de dramas históricos nos teatros brasileiro, muitos dos quais com temas europeus, pois até Martins Pena, famoso por suas comédias de costumes, arriscou-se a escrever tal modalidade, como foi o caso de *D. Leonor Teles*.

Seguindo a linha e inspirado pelo português Almeida Garrett, Gonçalves Dias escreveu alguns dramas históricos, como foi o caso de *Patkull* (1843), *Beatriç Cenci* (1844-1845) e *Leonor de Mendonça* (1846), objetos de estudos deste trabalho e que dão ênfase, principalmente, à opressão e à figura feminina.

Patkull: duas mulheres, um único amor

Quando falamos sobre Gonçalves Dias, logo vem em nossa mente o poema “Canção do exílio”; entretanto, o célebre escritor maranhense foi muito além deste emblemático poema; aliás, foi muito além da poesia, sendo romancista, historiador, dicionarista e tradutor, além de se dedicar ao teatro. Segundo João Roberto Faria:

⁸⁶ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - jemagalhaes@yahoo.com.br

Ao voltar para o Brasil, em 1845, ele traz entre os seus papéis os dramas *Patkull* e *Beatriz Censi*. No ano seguinte, radicado no Rio de Janeiro, escreve a primeira obra-prima do teatro brasileiro *Leonor de Mendonça*. Tendo vivido na Europa, ele conhecia a obra de Shakespeare, modelo dos dramaturgos românticos, o teatro alemão e o francês como nenhum outro escritor brasileiro.⁸⁷

Podemos perceber, ao lermos a sua dramaturgia, a influência de Gonçalves no teatro shakespeariano, ao levar em conta que o dramaturgo inglês também influenciou os autores europeus, inclusive o português Almeida Garrett, mestre do escritor maranhense e ferrenho leitor de Shakespeare.

É importante destacar, como já foi dito, que Gonçalves Dias foi um ferrenho leitor do português Almeida Garrett e, certamente, sofreu uma forte influência em sua obra, principalmente ao que tange em sua poesia nacionalista e a volta ao passado histórico, pois, assim como em *Camões* (1825), Garrett recorria ao autor de *Os Lusíadas* como firmamento de uma identidade nacional, Gonçalves Dias se baseava na figura do indígena brasileiro como herói nacional e o símbolo do passado. Pode-se sugerir que o autor de *Canção do exílio* também sofreu influência do escritor português em sua dramaturgia.

Observemos esta afirmação de Alfredo Bosi:

Gonçalves Dias compôs o drama com os olhos postos na restauração do teatro português empreendida por seu mestre Garrett desde 1838 com *Um Auto de Gil Vicente* até a publicação de *Frei Luís de Sousa* em 1843. E o drama garrettiano não só pela elegância da prosa levemente guindada como pelo uso livre de sucessos, urdidos em função de constantes românticas: o amor fatal, o peso dos preconceitos, a força resolutiva das grandes paixões.⁸⁸

Pode-se sugerir que o fato de *Patkull* também ter sido escrito em 1843, assim como *Frei Luís de Sousa*, não foi uma mera coincidência, tendo em vista, inclusive acerca da temática, tendo em vista que assim como Madalena de Vilhena e Maria de Noronha, personagens do drama garrettiano sofrem com o preconceito e a intolerância da sociedade, as personagens da dramaturgia de Gonçalves Dias também, das mais diversas formas, também são vítimas dessa sociedade, propondo até que ambos fazem analogias históricas, abordando em tempos pretéritos a questão de suas respectivas atualidades.

Dentro deste contexto, *Patkull* foi a primeira obra dramática de Gonçalves Dias, ambientada em 1707, baseando-se na vida do político livônio Johann Reinhold Patkull, um homem solícito e bondoso que ao se ausentar, devido a uma guerra, deixa sua noiva Namry em companhia de Paikel, um falso amigo, que no passado fora seu namorado e, aproveitando a ausência de Patkull, tenta reconquistá-la.

Mesmo amando Paikel, Namry resiste às suas investidas, mantendo-se fiel a Patkull. Devido à ira por causa da resistência de sua antiga namorada, Paikel forja toda uma trama para que Patkull acredite que sua noiva realmente o traiu, desencadeando-se a um desfecho dramático.

No passado, Namry e Paikel tiveram um namoro, mas o pai da moça, devido à nobreza de sua família, não aceita o relacionamento da filha pelo fato de Paikel ser um alquimista. A mágoa de Namry se dá pela covardia do então namorado de ter se calado diante da recusa de seu pai. Fica claro que Namry não ama Patkull, mas tem muito respeito pelo noivo, um homem mais velho, honrado e que fora amigo de seu pai.

⁸⁷ FARIAS, João Roberto. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 44.

⁸⁸ BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 151.

É válido ressaltar que Bertha, a criada de Namry, no passado, foi seduzida e desonrada por Paikel. abandonando sua família, riqueza e nobreza, sendo abandonada por seu amante e tendo que trabalhar como criada de Namry para sobreviver, conforme podemos perceber nesta fala da personagem:

BERTHA – Não, Senhora. – Nasci feliz e rica. – Meus pais me amavam – e faziam o que lhes eu pedisse. – Nunca contei com piedade – porque nunca supus carecer dela. – Então me apareceu Paikel – e disse que me amava – eu o acreditei enquanto não fui traída. Finalmente deixou-me só e abandonada.

NAMRY – Que te importa! Crê-me, Bertha, por mais forte que seja o amor nunca dura por toda a vida. – Esquece-te dele.

BERTHA – Fugi com ele – e por ele abandonei tudo quanto neste mundo me era mais caro. Abandonei meus pais e minha fortuna – e depois ele pretextou uma viagem e partiu – nem mais ouvi falar dele.⁸⁹

Verifica-se que o caráter de Paikel é duvidoso, tendo em vista que depois de seduzir e desonrar Bertha, abandonou-a, deixando-a à mercê de sua própria sorte, envergonhando a sua tradicional família, saindo da condição da nobreza para uma simples serviçal para sobreviver.

Tanto Bertha quanto Namry são mulheres que sofrem a opressão daquela sociedade, a primeiras por ser considerada desonrada e Namry por ter de se casar com um homem mais velho que, embora o respeite, não o ama. Ambas amam o mesmo homem que, de certa formas, abandonou-as, gerando diferentes consequências, mas não menos drásticas.

O incesto e o parricídio como temáticas em *Beatriz Cenci*

Beatriz Cenci foi o segundo dos quatro textos dramáticos de Gonçalves Dias e, sem sombra de dúvidas, o mais polêmico. Escrito entre 1844 e 1845, o drama aborda duas temáticas problemáticas e consideradas abomináveis até em nossos dias: o parricídio e o incesto. O drama gonçalviano “foi baseado em um processo de incesto célebre, datado de 1599, que destruiu a nobre família romana Cenci”.⁹⁰

Baseado em um fato ocorrido na Itália, no final do século dezesseis, *Beatriz Cenci* retrata a trajetória de uma jovem pertencente à nobreza italiana, que passa grande parte da vida enclausurada e desejada por seu pai, D. Francisco Cenci que, ao conseguir a liberdade, apaixona-se pelo jovem Márcio, tendo um desfecho trágico, dividindo opiniões entre o público, conforme podemos verificar nesta afirmação de Eugênio Gomes:

Com os partidos de opinião que, de um lado, procuravam reabilitar, a todo o transe, Beatriz Cenci, transformando-a em mártir, e, do outro, se cingiam à evidência dos fatos apresentando-a à execração pública como uma criminosa do pior estofo, a imparcialidade tornara-se difícil, senão impossível.⁹¹

⁸⁹ GONÇALVES DIAS, A. *Beatriz Cenci*. In: *Teatro de Gonçalves Dias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 71.

⁹⁰ GIRON, Luís Antônio. As pateadas da posteridade. In: DIAS, Gonçalves. *Teatro de Gonçalves Dias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. XI.

⁹¹ GOMES, Eugênio. Os dramas de Shelley e Gonçalves Dias sobre *Beatriz Cenci*. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1944. p. 61.

Certamente, o citado drama histórico de Gonçalves Dias dividiu opiniões contra ou em prol a atitude da protagonista, inclusive sendo a obra censurada pelo Conservatório Dramático, “tendo duas razões como possíveis justificativas, o tema escabroso e a linguagem vulgar”.⁹²

O drama é ambientado na Itália do século dezesseis e retrata a paixão incestuosa que D. Francisco Cenci nutre por sua filha Beatriz e alimenta um enorme ciúme pela jovem, principalmente de um fidalgo chamado Márcio, por quem Beatriz se apaixona e todas as noites canta sob a janela de seu quarto.

D. Francisco, em sua incessante tentativa de seduzir sua própria filha, promove um suntuoso sarau; entretanto, D. Lucrécia, sua esposa e madrastra de Beatriz logo percebe as intenções escabrosas do marido, como podemos concluir neste diálogo de Lucrécia como o marido:

D. FRANCISCO

Agora que estamos sós, D. Lucrécia, quereis tomar o trabalho de me explicar a vossa repugnância de comparecer num sarau, para o qual tão instantemente vos convidou?

[...]

D. LUCRÉCIA

É porque é uma infâmia, D. Francisco, queredes vós mesmo seduzir a vossa filha!⁹³

No trecho acima, certifica-se a verdadeira intenção de D. Francisco e o repúdio de sua esposa no pomposo sarau. A fala de Lucrécia nos dá uma deixa acerca da temática do drama histórico e o trágico desfecho. Inclusive, no decorrer do texto, fica claro que o nobre não tem o menor respeito por sua esposa.

Devido ao ciúme possessivo do pai, que não queria que tivesse contato com o mundo externo, Beatriz viveu muitos anos enclausurada, mas conseguiu a liberdade. Contudo, devido às investidas do pai, pede para voltar a viver em paz em seu antigo isolamento.

Observemos esta fala de Beatriz ao seu pai:

BEATRIZ

Num recanto do vosso palácio há um aposento estreito e feio, tem apenas uma porta baixa e uma fresta esguia por onde dificilmente se pode ver o céu, porém nunca a terra. Ali vivi durante muitos meses – durante muitos anos – só e abandonada – bem o sabeis. Vós mesmo, D. Francisco, vós mesmo apesar do sentimento desnatural que hoje dizeis sentir por mim só me visitáveis de quando em quando para que eu não morresse de fome. Se me quereis conceder a graça que vos pedi e que já me concedestes, acabarei ali meus dias, sem que ninguém me possa visitar a não ser D. Lucrécia.⁹⁴

A pseudoliberdade de Beatriz tem um preço alto, tem plena consciência disso, por isso, prefere retornar ao antigo claustro e viver em paz eternamente, sem ser importunada, do que ser obrigada a ceder aos caprichos de seu pai. Nesse diálogo podemos perceber toda a angústia da protagonista.

⁹² GUIMARÃES, Jéssica de Oliveira. Conceitos schillerianos presentes na obra *Beatriz Cenci*, de Gonçalves Dias. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/159715>, p. 193.

⁹³ GONÇALVES DIAS, A. *Beatriz Cenci*, p. 167.

⁹⁴ GONÇALVES DIAS, A. *Beatriz Cenci*, p. 232.

A trama de envenenamento do pai que também tem como consequência as mortes de Márcio e de Lucrécia acentuam o desfecho trágico da obra, à qual, podemos afirmar que as maiores vítimas são a filha e a esposa que vivem submissas a um patriarca tirano e tentam se insurgir, ocasionando sérias consequências, abordando, principalmente, as mazelas sofridas por mulheres.

Leonor de Mendonça: a desdêmona gonçálviana

O drama histórico *Leonor de Mendonça*, de Gonçalves Dias, apesar de ser ambientado no Portugal do século dezesseis, indiscutivelmente, é uma das obras mais emblemáticas do teatro brasileiro e um verdadeiro divisor de águas da dramaturgia nacional.

Segundo João Roberto Faria:

Esse drama baseia-se num fato histórico: a morte de Leonor de Mendonça por seu marido, D. Jaime, duque de Bragança, em 1512. Segundo os relatos do tempo, D. Jaime teria sido introduzido a falsos indícios de adultério cometido pela esposa que demonstrava grande estima pelo jovem Antônio Alcoforado. Gonçalves Dias transcreveu ao final do drama a passagem que o inspirou, colhida na *História Genealógica da casa Real Portuguesa, Vida do Duque D. Jaime*, para dizer que talvez aqueles indícios não fossem tão falsos.⁹⁵

Seguindo os passos dos dramas históricos europeus, Gonçalves Dias, não só em *Leonor de Mendonça*, mas também nos outros textos do gênero, foi à fonte de documentos para se basear nos verdadeiros fatos, para ficcionalizar, de forma verossímil, acontecimentos e personagens históricas.

Escrito em 1846, o drama é ambientado em Portugal, no ano de 1512, em Vila Viçosa. *Leonor de Mendonça* retrata um suposto triângulo amoroso entre D. Jaime, o Duque de Bragança; sua esposa, Leonor de Mendonça e o jovem fidalgo, Antônio Alcoforado.

Tanto D. Jaime quanto Leonor se casaram sem amor, pois o primeiro sonhava ser padre, mas foi obrigado a obter matrimônio devido às convenções sociais, enquanto a Duquesa também se casou por pura conveniência. O casamento dos dois é uma mera farsa social, como podemos verificar nesta fala da Duquesa com sua criada:

O rei seu tio, a rainha sua avó, a duquesa sua mãe, todos o constrangeram a celebrar este casamento bem contra a sua vontade. Ele o não queria, a ponto de tentar evadir-se disfarçado. Reputa-me a causa de haver ele mentido à sua vocação, e ainda me não pôde perdoar.⁹⁶

Assim como em *Patkul* e em outras obras do século dezenove temos a abordagem do casamentos arranjados pelas famílias, motivados por interesses e/ou conveniências sociais e, apesar de ser ambientada no século dezesseis, de certa forma, Gonçalves Dias retrata a sociedade de seu tempo.

A Duquesa tem uma dívida de gratidão ao jovem Alcoforado por tê-la salvado de um ataque de javali; este, por sinal, apaixona-se perdidamente por Leonor de Mendonça, querendo a todo custo declarar o seu amor, ao mesmo tempo em que ir à guerra para receber honrarias.

⁹⁵ FARIAS, João Roberto. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2001. p. 44-45.

⁹⁶ GONÇALVES DIAS. *Beatriz Censi*, p. 309.

Uma série de equívocos, como o fato de Alcoforado colocar uma fita que pertence a Leonor em seu barrete, dá a impressão de que os dois são amantes, traindo a confiança de D. Jaime, deixando indícios da inspiração shakespeariana por parte do autor, mais propriamente a tragédia *Otelo*, conforme podemos verificar nesta afirmação de Alfredo Bosi: “E por certo é de uma leitura romântica de Shakespeare que derivam uma atmosfera turva de presságios, iminente sobre os protagonistas, e a extrema crueza do desenlace em que o próprio Duque, novo Otelo enfurecido se dispõe a executar sua vingança”.⁹⁷

Assim como Otelo ao ser envolvido nas intrigas de Yago, com falsas evidências forjadas de uma suposta traição de Desdêmona, o Mouro a assassina, no caso de D. Jaime, o destino se encarrega de forjar situações que o levam a deduzir que existe um adultério por parte de Leonor.

Pode-se sugerir que o drama *Leonor de Mendonça* apresenta uma forte intertextualidade com *Otelo*, de Shakespeare, tendo em vista que ambas são vítimas de uma sociedade em que o homem dita as regras, matar para lavar a honra é um dever e tanto Leonor quanto Desdêmona são vítimas dos seus respectivos maridos.

Observemos esta afirmação de João Roberto Faria:

Gonçalves Dias demora-se em considerações sobre as personagens do drama e estabelece um paralelo instigante entre D. Jaime e Otelo, uma vez que ambos agem motivados por indícios de adultério. Mas as semelhanças quase que param por aí, porque a maior diferença entre as personagens é que Otelo ama Desdêmona e D. Jaime não ama Leonor. (...) Otelo mata a Desdêmona, mas chora antes de a matar e depois de a ter morto; o duque mata a Leonor de Mendonça, mas sem lágrimas, porque o orgulho não as tem.⁹⁸

Desdêmona e Leonor têm como algozes a truculência e o ciúme de seus respectivos cônjuges; somente que enquanto Shakespeare aborda a intriga e a traição, motivadas pela inveja de Yago; Gonçalves Dias elenca os perigos de um matrimônio sem amor, cujo destino, típico de uma tragédia grega, provoca um desfecho trágico, mas, que, de qualquer forma, ambos abordam a opressão sofrida pela mulher.

Considerações finais

Nas três obras abordadas neste artigo, podemos verificar, de certa forma, o protagonismo feminino. Gonçalves Dias se remete a tempos pretéritos e a lugares longínquos; todavia, retrata muito bem a sua atualidade e a situação em que as mulheres viviam no passado, no seu presente e, por que não arriscar, até nossos dias, enfatizando a universalidade de sua obra.

Assim como Almeida Garrett que em seu romance *O Arco de Santana* e em seu texto dramático *Frei Luís de Sousa*, em que retorna ao passado histórico de Portugal para abordar os questionamentos do seu tempo ou Shakespeare, cujos textos são ambientados em Veneza, Dinamarca ou Escócia, retratam os problemas da Inglaterra de sua época, Gonçalves Dias enfoca o universal e a atemporalidade em sua obra, levantando assuntos, principalmente em relação ao feminino que serão atuais em qualquer época ou local.

⁹⁷ BOSI. *História concisa da Literatura Brasileira*, p. 152.

⁹⁸ FARIAS. *Ideias teatrais: o século XIX no Brasil*, p. 46.

AS MUITAS FACES DA BELLE ÉPOQUE: DA INSATISFAÇÃO AO MOTIM DA REVOLTA DA CHIBATA OCORRIDA EM NOVEMBRO DE 1910

Cleilton França dos Santos⁹⁹
Brenda dos Santos Cerqueira¹⁰⁰

Abstract

In the dawn of the 20th century, the city of Rio de Janeiro was undergoing significant development. However, alongside urbanization and the adoption of new habits, the city became the stage for the outbreak of two major revolts, namely the Vaccine Revolt in 1904 and the Chibata Revolt in 1910. In this work, we intend to reconstruct the history of the Sailor's Revolt, revealing another aspect of Belle Époque in Rio de Janeiro. By intertwining literature and history, our goal is to study the chronicles about the Sailor's Revolt published in the following periodicals: *Correio da Manhã*, N° 1220 - 1904; *Revista O Malho*, 1910, N° 428, 429, 430, 431, 432, and 433; and *Revista Careta*, 1910, n° 131, 132, 133. We conducted documentary research in the collections of the National Library's Hemeroteca, in conjunction with bibliographical research, using historiographical and theoretical texts, such as those by Nascimento (2013), Marinho (2011), Morel (2009), Velloso (1988), Candido (1993), and Benjamin (1989).

Keywords: Periodicals; Brazilian Literature; Chibata Revolt; Belle Époque; Urbanization.

No despontar do século XX, vivia-se no Brasil, um clima de euforia com a *Belle Époque* e a sociedade carioca de então, vivia sob a influência dos padrões da modernidade de matriz francesa e a cidade se urbanizava a passos largos.

A *Belle Époque* foi um período de relativo otimismo, progresso e prosperidade que abrangeu aproximadamente as duas últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX, antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial. Este período de efervescência cultural e social teve influência em muitas partes do mundo, incluindo a França e a cidade do Rio de Janeiro, que na época era a capital do Brasil. A modernidade francesa e a cidade do Rio na *Belle Époque* são dois contextos distintos, mas podem ser relacionados para entender como as ideias e as mudanças da época se refletiram em diferentes partes do mundo.

A modernidade francesa da *Belle Époque* foi marcada por uma série de transformações políticas, sociais e culturais. A França já era um centro importante de inovação e cultura no século XIX, com figuras notáveis como Gustave Eiffel, que projetou a Torre Eiffel, e o pintor Henri de Toulouse-Lautrec, cujas obras capturaram a vida boêmia de Paris. Além disso, o desenvolvimento tecnológico e industrial estava mudando a sociedade, com a disseminação de novas tecnologias, como a eletricidade e o telégrafo, que conectavam as pessoas e aceleravam as comunicações.

O *Art Nouveau*, um estilo artístico caracterizado por linhas curvas e inspiração na natureza, era uma expressão proeminente da modernidade francesa. Esse estilo influenciou a arquitetura, a decoração e as artes plásticas, e foi um reflexo da busca por uma estética inovadora na época. Além disso, a França era um importante centro intelectual e filosófico, com pensadores como Henri Bergson e Émile Durkheim contribuindo para a discussão sobre a natureza da sociedade e da individualidade.

⁹⁹ Universidade Federal do Acre (UFAC) - cleiltonfranca@letras.ufjf.br .

¹⁰⁰ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Brendacerqueira98@hotmail.com

No Brasil, a *Belle Époque* correspondeu a um período de crescimento econômico e urbanização, impulsionado em parte pela exportação de café. A cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, passou por uma transformação significativa. Foram realizadas reformas urbanas que modernizaram a cidade, incluindo a construção de avenidas largas, a expansão da infraestrutura de saneamento básico e a criação de edifícios emblemáticos, como o Theatro Municipal.

A *Belle Époque* carioca também foi marcada por uma cena cultural efervescente. A cidade se tornou um centro de atividade intelectual, artística e literária, com escritores como Machado de Assis e Olavo Bilac contribuindo para a literatura brasileira. As apresentações de ópera, teatro e música eram frequentes, e o Carnaval do Rio de Janeiro começou a adquirir a forma que conhecemos hoje, com desfiles de escolas de samba e festas de rua.

Além disso, a influência francesa na cultura carioca era evidente. O estilo arquitetônico *Art Nouveau* também encontrou eco na cidade, e a influência da moda, da gastronomia e das artes era perceptível, graças aos laços culturais e comerciais com a França.

Tendo como pano de fundo a cidade que se modernizava, duas grandes revoltas eclodem no Rio de Janeiro: em 1904, a Revolta da Vacina e em 1910, a Revolta da Chibata. Dessa maneira, especificamente antes dos acontecimentos que levaram à Revolta de novembro é preciso compreendermos que o momento era de agitação política e social na Capital Federal, local onde aconteceu a Revolta dos Marinheiros de 1910. É importante ressaltarmos que a cidade do Rio de Janeiro passava por um processo de modernização de inspiração europeia e a história da República é inseparável da História da cidade, pois sua influência foi significativa sobre a vida cultural, social e literária:

O período de reajustamento político-social, que sucedeu à Proclamação da República, não era de molde a favorecer os hábitos mundanos. Mas no começo do século, a crescente valorização das letras e a espécie de aliança que elas então fizeram com o mundanismo, contribuíram para que surgissem alguns salões de caráter acentuadamente literário.¹⁰¹

A literatura não foi somente uma prática de fruição, de diversão e de escapatória alienante dos problemas reais, mas, acima de tudo, o que se produziu nesse período, constituiu a união entre a arte literária e a crítica social.

Nesse sentido, é importante ressaltarmos que a cidade do Rio de Janeiro passava por um processo de modernização de inspiração europeia. Com isso, as camadas populares – mendigos, vadios, capoeiras, enfim, elementos que promoviam as mais variadas manifestações relacionadas à cultura popular – vinham sendo retiradas do centro da cidade por um projeto arquitetado pela elite da cidade, que buscava fazer do Rio um protótipo de cidade europeia. Ou seja, o início do século XX foi um tempo de mudanças, de transformações socioeconômicas e urbanísticas, que atingiam negativamente as classes populares, sobretudo no caso da cidade do Rio de Janeiro, onde a maior parte da população estava alijada do jogo político formal. Isso ficava evidente através da Constituição de 1891, que excluía, dentre outros, analfabetos, mulheres e praças do direito ao voto, embora resguardasse alguns direitos civis. Com isso, grande parte dessas pessoas buscava uma organização situada à margem dessas formalidades, como se fez evidente no caso da Revolta da Vacina, em 1904.

¹⁰¹ BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil 1900*. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 60.

Art. 70 - São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei.

§ 1º - Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados:

1º) os mendigos;

2º) os analfabetos;

3º) as praças de pré, excetuados os alunos das escolas militares de ensino superior;

4º) os religiosos de ordens monásticas, companhias, congregações ou comunidades de qualquer denominação, sujeitas a voto de obediência, regra ou estatuto que importe a renúncia da liberdade Individual.

§ 2º - São inelegíveis os cidadãos não alistáveis.¹⁰² (Constituição Federal do Brasil, 1981)

Esse projeto de modernização da sociedade brasileira foi intensificado pelo autoritarismo, gerando sérios conflitos entre as autoridades e os habitantes das regiões atingidas. A Revolta da Vacina, em novembro de 1904, foi o grande exemplo de conflito nesses moldes. Em primeiro lugar, o elemento desencadeador da revolta sem dúvidas é a questão da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola, que permitia que os agentes designados para a aplicar o fizessem mesmo que contra a vontade dos indivíduos. Isso gerou um grande conflito entre parte da população e os policiais – que depois contou com o apoio da Guarda Nacional. Os conflitos iniciados a partir do dia 10 daquele mês – foram intensos e só cessaram com a revogação da obrigatoriedade da vacina, no dia 16 de novembro de 1904, depois de ocorrerem muitos tumultos, tiroteios e confusões pela cidade.¹⁰³

Devemos ressaltar que essa Revolta se deu em um momento que a cidade do Rio de Janeiro passava ainda pelas profundas mudanças causadas pela modernização que falaremos mais adiante. As reformas na cidade vinham em curso desde 1903, durante a presidência de Rodrigues Alves, que promoveu um amplo programa de obras públicas, se valendo de empréstimos internacionais feitos pelo seu antecessor, Campos Salles. Com isso, uma considerável parte da população foi retirada de suas casas em função dessas reformas. No mês em que se deu a Revolta da Vacina estavam sendo erguidas as novas construções, fruto das demolições no centro para a abertura da Avenida Central, tanto que o entulho das obras serviu como arma para a população enfrentar os policiais.¹⁰⁴

¹⁰² BRASIL. *Constituição (1891)*. Lex: Constituição dos Estados Unidos do Brasil, de fevereiro de 1891. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm.

¹⁰³ Para uma análise mais detalhada sobre a Revolta da Vacina ver SEVCENKO, Nicolau. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

¹⁰⁴ PAMPLONA, Marco A. *Revoltas, repúblicas e cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na consolidação da ordem republicana*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 179-180.

Figura 1: Charge de Leonidas Freire (1882-1943) intitulada “*Guerra Vaccino-Obrigadeza!*...”



Fonte: O Malho de 29/10/1904.

Isso elenca o fato de que a capital federal passava por um período conturbado, no qual ficava transparente que as classes populares eram mais que um problema para as autoridades, que buscavam inserir o Rio de Janeiro aos padrões de modernidades pensados desde uma transformação do espaço geográfico a partir dos sujeitos que o ocupavam. Para o filósofo humanista Marshall Berman:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da Modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a Modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão permanente de desintegração e mudança, luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar”.¹⁰⁵

Nesse entendimento, a busca pelo moderno é pautada pela constante perseguição aos indivíduos: capoeiras, mendigos, vadios, eram costumeiramente molestados pela polícia, mantenedora da ordem que se queria estabelecer.¹⁰⁶

Nosso foco não é observar o cotidiano desses homens, desde o alistamento ao dia a dia nas guarnições, mas observarmos o que os periódicos traziam em suas crônicas diárias sobre o movimento.

A belle époque carioca

O Rio de Janeiro da *Belle Époque* – final do século XIX e primeiras décadas do XX – era uma cidade que ostentava riqueza, e onde os costumes imitativos europeus, franco-inglês, imperavam. A sociedade cedia favoritismo e idealização ao modelo de civilização e modernidade, igual ao europeu, com isso, tudo o que era brasileiro, era sinônimo de atraso.

¹⁰⁵ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007 p. 15.

¹⁰⁶ Ver BRETAS, Marcos Luiz. *Ordem na cidade: o exercício cotidiano da autoridade no Rio de Janeiro, 1907-1930*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

A cidade era a capital federal do Brasil, e foi subordinada a um processo de reforma civilizatório ao modelo parisiense, onde se sonhava uma possível Europa. Ainda no final do século XIX, o Rio de Janeiro era uma cidade com aspectos do período colonial, com ruas estreitas, vielas, becos sujos, onde se acumulavam os lixos. Para mascarar o atraso cultural e intelectual da maioria da população, o Rio passou por uma reforma de saneamento e urbanização, quase a semelhança de Paris, se inspirando em uma grande Exposição Universal que acontecera nessa cidade no ano de 1889; o assunto era o desenvolvimento, e Paris era modelo de cidade urbanizada com sua *art-nouveau*. Assim, o modo de agir e pensar do parisiense, foi incorporado ao dia a dia da cidade do Rio.

A urbanização da cidade trouxe consigo um aparente progresso tecnológico, que, no entanto, transformou radicalmente a vida dos habitantes de forma muitas vezes devastadora. Esse processo de modernização não apenas incorporava o desenvolvimento de novas infraestruturas, mas também acarretava a derrubada e desapropriação de antigas casas e prédios na Cidade Velha do Rio de Janeiro. A implantação de largas avenidas, iluminados bulevares e jardins era uma marca desse movimento, amplamente direcionado pelas elites dominantes. No entanto, essa modernização se revelou profundamente autoritária e agressiva em sua implementação.

O que poderia ter sido um marco de progresso social e urbanístico, na verdade, resultou em uma realidade polarizante. As elites impuseram essa transformação de maneira arbitrária e muitas vezes insensível às necessidades e às histórias das pessoas que viviam na Cidade Velha. As demolições e desapropriações forçadas não apenas apagaram a arquitetura histórica, mas também perturbaram as comunidades que haviam se desenvolvido ao longo de gerações.

O deslocamento das camadas populares do centro do Rio para os subúrbios foi uma consequência direta desse processo de reurbanização. O afastamento físico foi, na verdade, uma manifestação do distanciamento social e econômico que as elites estavam buscando. O resultado foi a marginalização das comunidades deslocadas, que foram privadas de seus laços sociais, culturais e econômicos estabelecidos na Cidade Velha. Essa marginalização gerou uma série de desafios, desde o acesso limitado a serviços básicos até a perda de identidade e pertencimento.

Figura 2: Os Garantidos



- Eh! Eh! O tá prefeito está danado p'ra botá casa a baixo!
— Quê! É só no centro da cidade, as casa dos graúdos? Nois cá no jogo da Bola podemos *desançar* e *drumi* *asssegados* lá quô o Papá Grande, lá do catete, si Deus quisé...

Fonte: *O Malho*, 9/07/1904, número 95.

Em vez de promover uma cidade mais integrada e inclusiva, o processo de modernização do Rio de Janeiro perpetuou desigualdades sociais profundas. As avenidas suntuosas e os bulevares iluminados serviam como símbolos visíveis do fosso entre as elites e as camadas populares. A urbanização que poderia ter sido uma oportunidade para a construção de uma cidade mais justa e igualitária, na verdade, exacerbou as divisões sociais e econômicas.

No mapa abaixo, observa-se a cidade do Rio, na época desta reforma (1903 - 1906) na gestão do então prefeito da cidade Pereira Passos, um engenheiro que estudou em Paris e viu as reformas na Cidade Luz de perto. Notam-se as principais vias abertas durante a reforma, sendo que a Avenida Central (hoje Avenida Rio Branco) atravessava a Cidade Velha até a parte norte das docas, onde o porto era o local de comércio mais intenso. Para isto, a reforma ocasionou a derrubada de grande parte das construções do proletariado da Cidade Velha:

Figura 3: Mapa da cidade do Rio na época da reforma



Fonte: Atlas da FGV: Primeira República (1889-1930) - A reforma Pereira Passos e a Revolta da Vacina.

A cena da *Belle Époque* no Rio de Janeiro foi moldada pelas aspirações da burguesia carioca, que almejava uma transformação do Brasil em um país europeizado e civilizado, à imagem das nações modernas e ricas. Esse cenário, no entanto, foi permeado por profundas disparidades sociais, destacando as diferenças gritantes entre as elites e as camadas populares. Enquanto os bairros ocupados pela burguesia testemunhavam uma melhoria notável em diversos aspectos, incluindo serviços públicos, a periferia vivenciava uma realidade muito diferente.

As elites julgavam-se encarregadas pelo cuidado do patrimônio cultural da nação, donas da razão, sendo julgadas superiores, por estarem em sintonia com a cultura universal. Já as camadas populares, desprovidas de conhecimento científico, foram consideradas o atraso. Corrobora com a citação de Mônica Pimenta Velloso:

O endeusamento do modelo civilizatório parisiense é concomitante ao desperdício de nossas tradições... Vive-se o apogeu da ideologia cientificista que transforma a modernidade em um verdadeiro mito, cultuado pelas nossas elites. Mais uma vez a cultura popular é identificada com negativismo, na medida em que não compactua com os valores da modernidade.¹⁰⁷

A virada do século representou um momento de transição nos valores vividos pela sociedade. Passava-se por muitas mudanças, e o avanço da tecnologia deixava a todos perplexos, e, quem tinha acesso a este progresso mais de perto, eram as elites. O ideal da nova república era mostrar ao mundo um Brasil belo, modificado, com pessoas cultas e nobres. Assim se firmaram os preconceitos, calcados neste pensamento. Com a reforma, as elites foram morar em bairros nobres da zona sul do Rio, como Glória, Laranjeiras e Botafogo. Os antigos casarões abandonados no centro, assim como também alguns galpões de madeira que pertenciam a estrangeiros portugueses, eram ocupados pela população mais humilde. Estas moradias não tinham rede de esgoto, e muito menos, janelas nos quartos, e ficaram conhecidos como cortiços.

Cada vez mais a cidade se modificava, se urbanizava, e os automóveis começavam a fazer parte da cena urbana. A tecnologia passou a fazer parte do cotidiano. Aparecerão a fotografia, o telefone e o cinema, porém apenas uma pequena parte da população poderia aproveitá-los.

A moda se tornaria um fator de grande relevância para a elite, que tenta a todo o custo, criar um estilo de se vestir diferente das camadas populares. É desta época a lei que proibia qualquer cidadão de andar sem sapatos e sem paletó (em referência ao negro escravo ou ao alforriado pobre). Era o tempo das senhoras elegantes, vestidas com finos trajes e o chapéu era sinônimo de maior respeito e *status*.

As elites procuravam reafirmar sua identidade, não apenas pela sua forma de se vestir, mas também por meio da linguagem utilizada, da palavra, pois era uma maneira de se distinguir das camadas populares, que a seu ver, possuíam um palavreado vulgar. Tentavam manter um linguajar coloquial, difícil, intelectual. Outra meta estabelecida para igualar o Rio de Janeiro a Paris era que a cidade ideal teria que ser uma cidade higiênica.

Nos cortiços, porém, a disseminação das doenças infecciosas permaneceu inalterada. Os brancos não podiam se envolver com os assuntos dos negros, pois este era caricaturizado e desqualificado. As camadas pobres eram consideradas doentes e ligadas à sujeira, ou mesmo à criminalidade, chegando ao ponto, de em seus comerciais para venda de produtos de beleza e higiene sugerir que a pele negra poderia ficar branca se os negros usassem determinados produtos de maquiagem.¹⁰⁸

¹⁰⁷ VELLOSO, Mônica Pimenta. *As tradições populares na "belle époque" carioca*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1988. p. 8-9.

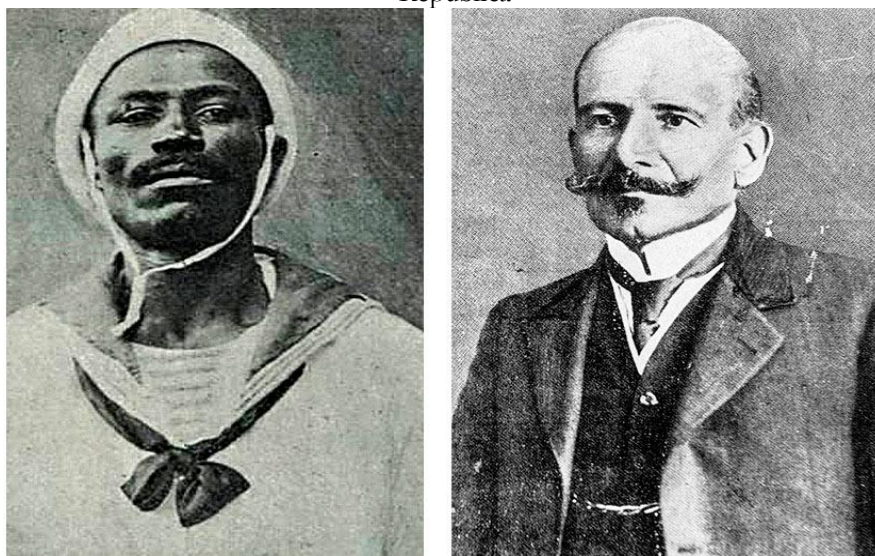
¹⁰⁸ VELLOSO. *As tradições populares na "belle époque" carioca*, p. 17-18.

Com o passar do tempo e da mudança na cidade, a moderna burguesia da cidade passa a frequentar as festas populares, incluindo os teatros da Praça Tiradentes, antes desprezados. É a procura pelo forasteiro, por inquirir inovações; e é precisamente este exotismo que vai esmaecer as rígidas barreiras impostas pelas elites da belle époque para com a cultura popular. Inicia-se assim uma intercomunicação.¹⁰⁹ Para que seja possível a classe popular aproximar-se mais da elite.

Na Baía de Guanabara, um grito de “Viva a Liberdade!”

A Revolta dos Marinheiros de 1910 é um assunto que nos últimos anos ganhou uma atenção significativa. No dia 22 de novembro de 2022, completou cento e doze anos da ocorrência da Revolta da Chibata, coordenada pelo marinheiro João Cândido Felisberto. Um levante na Armada brasileira com a participação apenas de praças, boa parte deles negros, se esculpe em um tema de grande relevância, ainda mais porque estamos falando de um período em que a abolição era razoavelmente recente no país. O Rio de Janeiro entrou em pânico. Quando correu a notícia de que, da Baía de Guanabara, quatro navios de guerra apontavam seus canhões para a cidade, os cariocas fizeram as malas às pressas para fugir da morte. Na Estação Central do Brasil, os trens para longe da capital da República partiram lotados. Nos bondes com destino aos subúrbios, os passageiros viajaram espremidos, muitos pendurados no lado de fora.

Figura 4: João Cândido, apelidado de Almirante Negro; e Hermes da Fonseca, o presidente da República



Fonte: O Malho – n: 429, ano:1910.

¹⁰⁹ VELLOSO. *As tradições populares na “belle époque” carioca*, p. 25.

Figura 5: Notícia da Revista Careta, retratando a saída da população do Rio de Janeiro



Fonte: Revista Careta, n: 133, ano: 1910, data: 17/12/1910.

Datada de 1908, para conduzir o epílogo da construção de navios de guerra delegados pelo governo brasileiro, centenas de marinheiros foram acometidos à Grã-Bretanha. Em 1909, João Cândido igualmente para lá foi enviado, onde teve conhecimento do movimento explodido pelos marinheiros russos em 1905, reivindicando melhores conjunturas de trabalho e alimentação (a revolta do Encouraçado Potemkin,¹¹⁰ que tornou-se filme do diretor Sergei Einsenstein em 1925).

Nessas circunstâncias, a noite de 22 de novembro de 1910, houve a Revolta da Chibata. Muitos navegantes se rebelaram e se instauraram nos quatros navios da Marinha, dentre os Minas Gerais e São Paulo, vigorosas máquinas de armada da era. Eles não tinham fomento político. O enorme pendão, eram os lastimosos castigos corporais aplicados aos acusados de indisciplina. Dos castigos, o mais violento eram as chicotadas – portanto, eram os mesmos que fazia com os escravos na época da Colônia e do Império. Por causa das chibatadas, as deserções no mundo naval eram diárias, porque:

A chibata, por exemplo, remetia as práticas de Antigo Regime, no qual havia um espetáculo para a punição, como vai ocorrer posteriormente nas chibatadas aplicadas no marinheiro Marcelino Rodrigues. Além disso, a aplicação do castigo era também um mecanismo para garantir a permanência de um número de marinheiros suficientes para a manutenção da guarnição. Uma vez que determinada falta ou indisciplina de um marinheiro fosse enquadrada como crime,

¹¹⁰ A tripulação do encouraçado Potemkin se amotina contra o regime tirânico e brutal dos oficiais da embarcação. As manifestações que resultam disso, na cidade de Odessa (Ucrânia), acomete com que polícia e civis entrem em choque. O acontecimento estimou o conhecido “A Revolta de 1905” ou “Domingo Sangrento”, considerado um “ensaio” da revolução de 1917.

esse poderia vir a ser preso, desfalcando o contingente já diminuto das guarnições.¹¹¹

Sincronicamente, o marechal Hermes da Fonseca foi partir com tudo para cima dos revoltosos. O presidente declarara o Palácio do Catete havia apenas uma semana e sabia dos riscos que corria ao começar o mandato fazendo concessões e, por assim, enfraquecendo o próprio governo.

Quem o conteve foi Pinheiro Machado. A imprensa oposicionista alegava que o presidente, sem muita experiência na vida política (tirando um breve momento como ministro da Guerra), era uma marionete nas mãos do senador gaúcho, o governante mais prestigiado da época.

Como o governo era silencioso aos clamores, os marinheiros decidiram atuar de uma maneira mais audível. Atacaram os comandantes dos navios, matando alguns deles, assumiram os timões e viraram os canhões para o Rio. Depois de fazer aqueles primeiros disparos, os marujos apresentaram um ultimato ao presidente da República, o marechal Hermes da Fonseca: se os castigos desumanos não fossem proibidos, a capital iria pelos ares.

Figura 6: Marujos rebeldes no encouraçado São Paulo mostram cartaz com dizeres “viva a liberdade”



Fonte: Revista Careta: ano 1910, número 131 data 03/10/1910. Biblioteca Nacional Digital.

¹¹¹ MARINHO, Michel Costa. *A anistia aos marinheiros revoltosos e o caráter repressor do Estado brasileiro (1910-1911)*. 2011. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História – Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2011), p. 9. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/425>. Acesso em: 25 out. 2023.

O que não se sabe o entorno por trás da revolta de 1910, estava o que hoje é chamado de racismo estrutural.¹¹² Segundo dados da época, até 90% dos marujos tangiam a serem negros, sendo, filhos e netos de antigos escravos. A Lei Áurea¹¹³ fora assinada apenas 22 anos antes. A eles cabia o trabalho mais árduo dos navios militares, incluindo a limpeza e as caldeiras. Havendo gente de menos, ainda tinham que acumular funções.

O eixo da problemática foi a não orientação do seguimento tecnológico e social das décadas finais do século XIX e inicial do século XX, pela Marinha. A sociedade não estava preparada para as mudanças que ocorreram nesse período. O perfil desses novos marinheiros deveria ser muito diferente do das pessoas que o processo de recrutamento de então obtinha, que era bom para navios veleiros, em que bastava ser forte e corajoso para enfrentar as agruras da vida no mar e das manobras com as velas, no alto dos mastros, algumas vezes durante tempestades. A brutalidade do ambiente a bordo dos grandes veleiros não era adequada para esses técnicos. A chibata que era mantida, de forma equivocada, como tradição do passado, para manter a ordem nesse ambiente de brutos e até tolerada por muitos deles, que às vezes se tratavam com igual rigor, era inaceitável para os técnicos.

Inúmeros oficiais iam em contradição a essa prática de chibatada, mas tinham seus diálogos derrotados pelos que não viam outra forma de manter a disciplina, diante do que ocorria a bordo dos navios. Contudo, a Marinha demorou a prolongar o tempo que não podia mais aceitar recrutas com o perfil que era adequado com a época que havia ficado para trás. Ocorreu, além disso, o costume de conceber condenados enviados pela polícia e as famílias até alistavam na Marinha os filhos que julgavam incorrigíveis. Assim, com a criação da Companhia Correccional por meio do artigo nº 328, incluído nos Códigos disciplinar e Penal da Armada em 1890, fica definido:

Considerando que há necessidade da criação de uma Companhia Correccional cujo fim seja segregar as praças de conduta irregular e mau procedimento habitual das morigeradas e cumpridoras de seus deveres, em benefício da segurança e garantias dessas, como também em prol da disciplina, ordem e boa marcha do serviço, tanto nos navios como nos corpos e dependências da Marinha; Considerando ainda que o restabelecimento do castigo severo, abolido por ocasião do advento da República e aplicável unicamente às praças arroladas na referida companhia dentro de um limite restrito, é uma necessidade reconhecida e reclamada por todos os que exercitam autoridade sobre o marinheiro, tanto mais quanto não é possível corrigir e melhorar pelos mesmos processos benévolos por que o são as praças que compreendem a sua nobre e alta missão. Decreta: é criada uma companhia correccional.¹¹⁴

Como a escravidão foi revogada sem que assegurasse aos negros os seus direitos fundamentais, a grande pluralidade teve que se satisfazer com os ofícios que nenhuma pessoa os queria. A Marinha era um desses empregos. A Constituição da época abarcava os negros como cidadãos inferiores. No capítulo que engloba à cidadania, a Carta de 1891 refere-se que não tinham direito ao voto os mendigos, os analfabetos e os subalternos da Marinha e do Exército. A destarte, os oficiais da Marinha, grupo responsável pelo comando das embarcações, eram majoritariamente brancos. O desejo das famílias abastadas da Primeira República era que todo filho homem se tornasse médico, advogado, engenheiro ou almirante.

¹¹² O conceito de racismo estrutural mostra que o que existe é um movimento da sociedade como um todo para tirar da população negra e dar à população branca. O racismo é estrutural porque se apresenta como um alicerce em cima do qual se constroem as relações políticas, econômicas e sociais no país.

¹¹³ Nascida em 13 de maio de 1888, a lei mais popular do Brasil decretou a libertação de todos os escravos do Império e implodiu o sistema socioeconômico que consolidava desde o “Descobrimento” do Brasil.

¹¹⁴ Decreto nº 328, 12 de abril de 1890. *Brasil, Leis, Decretos*. Códigos Penal e Militar da Armada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

Nas levas periódicas do pessoal admitido na marinha figurava gente da pior espécie: ladrões, assassinos, portadores das mais diversas taras etc. era o material humano que constituía parte da guarnição dos navios. Ademais, em virtude de regulamentação errada, o marujo não podia dar baixa senão quinze anos depois de sua incorporação, de modo que muitos indivíduos perniciosos ou reincidentes em faltas disciplinares, embora punidos sucessivamente, eram mantidos até completarem o tempo exigido pela lei (...) O Governo tratou de modernizar a Esquadra, mas não reformou a mentalidade dos marinheiros e o sistema de seleção dos mesmos, deixando em uso os processos do século passado.¹¹⁵

O embate racial junto de marujos negros e oficiais brancos fora nitidamente que os jornais do Rio de Janeiro denominaram o marinheiro João Cândido – Almirante Negro – de principiante do conflito. José Eduardo Macedo Soares trata desses marinheiros de baixo escalão, a partir de um discurso radicalizado. O “oficial da Armada” relatava que a marinha era formada por “50% de negros, 30% de mulatos, 10% de caboclos e 10% brancos ou quase brancos”, imputando aos negros aspectos e características inatas, como o de que “traziam a tara da incapacidade de progredir” e de que tinham “a mais propícia cultura do vício e do crime”.¹¹⁶ Para tanto, os jornais oposicionistas, fraternais à Revolta da Chibata, o apelido era uma forma de realçar que ele tinha sua competência, pois era capaz de liderar o tremendo encouraçado Minas Gerais sem ter ido à afamada Escola Naval. Para os jornais governistas, críticos do motim, era uma forma de ironizar o marinheiro negro que tinha a insolência de se portar como se fosse almirante. Utilizando-se de todas as novas técnicas disponíveis – como fotos e caricaturas – os jornais e revistas cariocas exploraram de forma maciça os acontecimentos, carregando-os de todo o tipo de comentários, muitos deles ajudando a reforçar estereótipos sobre o movimento e seus participantes.

Em o *Correio da Manhã* confirma-se que o fato ultrapassou os limites de recepção entre os leitores de jornais: “Depois da revolta da esquadra, João Cândido tornou-se a conversa de todas as rodas”. Também revistas como *Careta* e o *Malho*, foram responsáveis por incluir em suas páginas personagens que anteriormente não seriam considerados para suas páginas de destaques.

Em contraposição, podemos perceber que eles almejam o que ainda não era considerado como “dignidade humana”, porém, suas lutas por liberdades são interpretadas como um outro nível de análise da cidadania, como demonstra Almeida (2014) pelos marinheiros “rebeldes”, em relação à condição de escravos, clamando o respeito como pessoa, contestando os maus-tratos:

Os marinheiros exigiam liberdade, isto é, liberdade de possuírem seus próprios corpos e de serem respeitados como sujeitos e trabalhadores (ou militares). Este é um dos primeiros sentidos de cidadania: o direito de ser respeitado como pessoa, para além preconceitos e posses. Portanto, a punição corporal perdia a sua legitimidade – bem como outras formas de maus tratamentos – já que os oficiais não tinham o direito de bater em homens livres, cidadãos, a serviço da Armada brasileira.¹¹⁷

Dessa maneira, os castigos corporais vigentes, podemos analisar como uma forma de tirar a liberdade de seus próprios corpos – corpos de pessoas que detêm a dignidade humana – contudo, nasce uma relação de escravidão na Marinha do Brasil.

¹¹⁵ MOREL, Edmar (org). *A Revolta da Chibata*: subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. p. 75.

¹¹⁶ “Um Oficial da Armada” (José Eduardo Macedo Soares). Op.cit. p. 86.

¹¹⁷ ALMEIDA, Sílvia Capanema Pereira de. *Marinheiros nacionais, e a ideia republicana*: circulações, revoltas e apropriações. *Antíteses*, v. 7, n. 13 p. 47-59, jan/jun. 2014. p. 54. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses>. Acesso em: 20 abril 2023.

O levante da esquadra revoltada

A presente carta abaixo, ecoa os anseios de uma classe que não estava disposta a permanecer silenciada diante das injustiças. Ela evoca um chamado à ação e à transformação, uma busca por igualdade e por um tratamento humano e digno. A Revolta da Chibata, encabeçada por João Cândido e seu corajoso grupo de marinheiros, representa um capítulo significativo na luta por direitos básicos e pelo reconhecimento da humanidade de todos os indivíduos, independentemente de sua posição social. Esses navios, com seus imponentes canhões erguidos em direção à sede do governo federal, no Rio de Janeiro, simbolizavam a determinação dos marinheiros em reivindicar justiça e dignidade.

“Ilmo. e Excmo. Sr. presidente da República Brasileira, Cumpre-nos, comunicar a V.Excia. como Chefe da Nação Brasileira: Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podendo mais suportar a escravidão na Marinha Brasileira, a falta de proteção que a Pátria nos dá; e até então não nos chegou; rompemos o negro véu, que nos cobria aos olhos do patriótico e enganado povo. Achando-se todos os navios em nosso poder, tendo a seu bordo prisioneiros todos os Oficiais, os quais, tem sido os causadores da Marinha Brasileira não ser grandiosa, porque durante vinte anos de República ainda não foi bastante para tratarmos como cidadãos fardados em defesa da Pátria, mandamos esta honrada mensagem para que V. Excia. faça os Marinheiros Brasileiros possuírem os direitos sagrados que as leis da República nos facilitam, acabando com a desordem e nos dando outros gozos que venham engrandecer a Marinha Brasileira; bem assim como: retirar os oficiais incompetentes e indignos de servir a Nação Brasileira. Reformar o Código Imoral e Vergonhoso que nos rege, a fim de que desapareça a chibata, o bolo, e outros castigos semelhantes; aumentar o soldo pelos últimos planos do ilustre Senador José Carlos de Carvalho, educar os marinheiros que não tem competência para vestir a orgulhosa farda, mandar por em vigor a tabela de serviço diário, que a acompanha. Tem V.Excia. o prazo de 12 horas, para mandar-nos a resposta satisfatória, sob pena de ver a Pátria aniquilada. Bordo do Encouraçado São Paulo, em 22 de novembro de 1910. Nota: Não poderá ser interrompida a ida e volta do mensageiro. Marinheiros. Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1910.”¹¹⁸

A revolta foi liderada pelos marinheiros negros João Cândido Felisberto, André Avelino, Francisco Dias Martins e Manoel Gregório do Nascimento. Para Edmar Morel, pesquisador da revolta, Francisco Dias Martins, popular pelo apelido Mão Negra, foi o elaborador do levante, já João Cândido, quem pegou a frente e os seguiu.

No dia 16 de novembro de 1910, oficiais do encouraçado Minas Gerais acharam garrafas de cachaça a bordo e imputaram o marinheiro negro Marcelino Rodrigues Menezes de ter levado a bebida alcoólica no navio.¹¹⁹ Menezes obteve 250 chibatadas. Como de praxe, o bárbaro reunia a presença dos oficiais, que acompanhavam bem-vestidos de seus uniformes e luvas brancas. Enquanto o carrasco executava as chibatadas, os marinheiros observavam com tristeza seu companheiro pendurado, nu da cintura para cima, agonizando com os violentos golpes da chibata. Como analisa MARINHO (2011) mostrando como o castigo físico era cotidiano e considerado justo pela oficialidade, mesmo com as mudanças nos regulamentos e leis que vinham acontecendo ao longo dos anos na marinha brasileira.

¹¹⁸ Carta dos Marinheiros ao Presidente da República. Retirada na Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro.

¹¹⁹ Ministério da Marinha, Leis, Decretos. *Códigos Penal e disciplinar da Armada*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1914. “Código disciplinar para a Armada”, Título I, capítulo I: “Das contravenções da disciplina militar e das penas correcionais”.

Dessa vez não haveria próxima. Então no dia 22 do mês de novembro na cidade do Rio de Janeiro e em Niterói, os canhões dos marinheiros foram ouvidos, e se levantaram contra os oficiais assassinando alguns, pegando o comando do encouraçado Minas Gerais e dos mais modernos navios da esquadra da Marinha brasileira.

Segundo Marinho, 2011, p. 18) a Revolta aconteceu dois ou três dias antes do previsto devido as 250 chibatadas sofridas pelo marinheiro Marcelino Rodrigues. João Cândido assumiu o comando do Minas Gerais, se tornando o primeiro marinheiro a liderar uma esquadra. No encouraçado, os marinheiros atacavam os oficiais com “socos, golpes de baioneta, tiros” e bradavam as palavras “Liberdade” e “Abaixo a Chibata”.¹²⁰

Os encouraçados Minas Gerais e São Paulo tinham acabado de ser construídos nos portos ingleses e estavam entre os navios de guerra mais poderosos do mundo. Além disso, havia ainda, o encouraçado Deodoro, o cruzador Bahia e outras quatro embarcações de porte médio cooperando com o levante. Mais de dois mil homens estavam motivados a enfrentar as autoridades brasileiras contra a opressão dos oficiais brancos com a maruja negra. A magnitude das embarcações fica explícito quando analisamos os números: apenas o Minas Gerais tinha a bordo 887 praças e 107 oficiais, além de 8 carrascos para aplicarem as punições aos marinheiros.

Apesar de ter sido abolida nos sumos das forças armadas do mundo, os castigos físicos ainda permaneciam no Brasil. A insatisfação dos marujos chegou ao seu ápice depois que os oficiais receberam aumentos salariais, mas não os marinheiros. Portanto, os encouraçados que o governo brasileiro tinha encomendado, o “Minas Gerais” e o “São Paulo”, precisava de uma grande quantidade ainda maior de homens, sobrecarregando os marinheiros. Dessa forma, o aumento dos salários dos oficiais e a criação da nova tabela de serviços que não alcançou a todos, os marinheiros incitam o protesto. Não só isso, mas também o aumento dos soldos:

A questão do aumento dos soldos, por exemplo, mostra que a Revolta tinha outras reivindicações, não se limitando a questão dos castigos corporais. A questão de incluir o aumento dos soldos como reivindicação vem em função do projeto apresentado pelo senador José Carlos de Carvalho na Câmara dos Deputados, em setembro de 1910, no qual era solicitado o aumento dos soldos das praças da Marinha e do Exército.¹²¹

¹²⁰ MOREL. *A Revolta da Chibata*: subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910, p. 82.

¹²¹ MARINHO. *A anistia aos marinheiros revoltosos e o caráter repressor do Estado brasileiro (1910-1911)*, p. 20.

Figura 7: Primeira página do jornal Correio da Manhã, no dia 24 de novembro de 1910



Fonte: Jornal Correio da Manhã, nº:3415; ano: 1910, disponível em Biblioteca Nacional Digital.

O marechal Hermes tolerou às observações do senador Pinheiro Machado, mas se privou a conceder a fala com os revoltosos. As negociações foram feitas por senadores e deputados. Motivados por Ruy Barbosa, os parlamentares consentiram que, para que os marujos entregassem as armas, o governo precisava conceder-lhes a anistia, de modo que não fossem punidos pelos crimes de tomar as embarcações e matar os comandantes. Por meio de um radiograma, já no dia 23 de novembro, as primeiras reivindicações dos marinheiros amotinados eram expostas: “Não queremos a volta da Chibata. Isso pedimos ao Presidente, Ministro da Marinha. Queremos resposta já e já. Caso não tenhamos resposta, bombardearemos cidade e navios que não se revoltarem. Guarnição Minas, São Paulo e Bahia”.¹²²

¹²² BRAGA, Cláudio da Costa. Op. cit. p. 129.

Figura 8: Caricatura da revista “O Malho” de novembro de 1910, mostrando a anistia para os marinheiros rebelados



Fonte: Revista o Malho, n: 429, ano 1910 – data: 03/12/1910

Contradizendo o presidente da República, o senador Severino Vieira (BA) apresentou ao Congresso Nacional um projeto de lei programando a anistia.

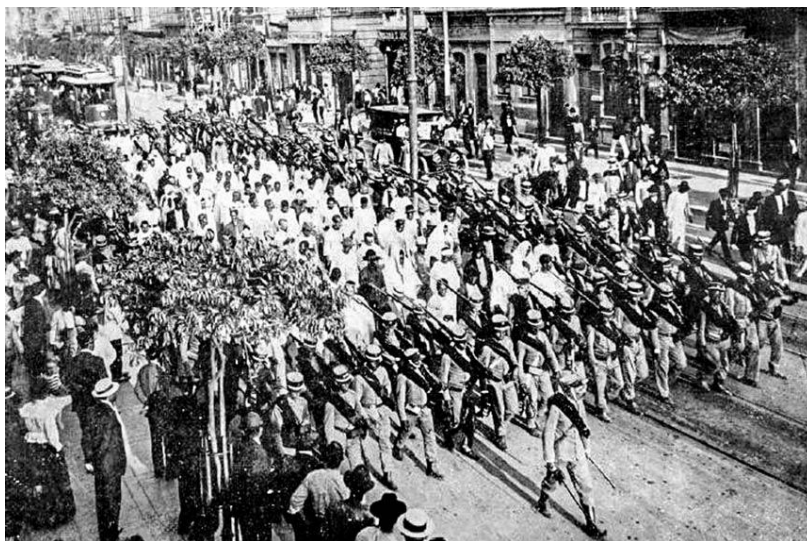
– Voto a favor do projeto porque no movimento atual só enxergo uma greve de operários da nação reclamando melhoria das condições de existência material e moral – disse o senador João Luiz Alves (ES).

– A anistia correta é regular, é jurídica, desde que ela oferece aos insurgentes uma medida para pôr termos a um conflito insolúvel – afirmou Ruy Barbosa, tentando convencer o governo de que não se tratava de uma humilhação. – Nas guerras internacionais, os Bonapartes capitulam à frente de dezenas e centenas de milhares de homens sem que se possa atribuir à covardia ou ao medo a inspiração que os leva a erguer a bandeira da paz e se submeter às exigências do inimigo. Nesse caso, aceitar as condições é ceder à razão humana, sem desonra nem quebra do decoro da autoridade.¹²³

A anistia foi aprovada no Congresso por unanimidade. Sem chance, o presidente teve que aprová-la. Os 2.300 marinheiros se entregaram em 26 de novembro. Em troca, conseguiram a abolição dos castigos corporais. Por mérito, desembarcaram posando para os fotógrafos dos jornais e dando entrevista para os repórteres. Depois de quatro dias de terror, a Revolta da Chibata terminava e o Rio de Janeiro finalmente respirava.

¹²³ Ver Senado Federal: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/em-1910-marujos-denunciaram-chibata-na-marinha-e-racismo-no-brasil-pos-abolicao>.

Figura 9: Marinheiros são detidos após fim da Revolta da Chibata



Fonte: Revista O Malho. Ano: 1910, nº: 431. Data: 17/12/1910.

A paz, todavia, acaba. Dois dias depois de sancionada, o marechal Hermes, que não esquecera o motim da marujada, baixou uma norma autorizando a Marinha a demitir todos os homens tidos como indisciplinados. Os marinheiros entenderam que a anistia não era de verdade.

Ao que tudo indica, o presidente queria forçar uma nova rebelião. Para evitar o mesmo da Revolta da Chibata, ordenou que retirasse a munição dos navios de guerra. Em 9 de dezembro, inconformados com a anistia enganosa, alguns marinheiros que não haviam participado da Revolta da Chibata se rebelaram na Ilha das Cobras, onde havia instalações da Marinha. De imediato e ignorando a bandeira branca logo levantada pelos amotinados, as forças do governo foram a pequena ilha.

Em 9 de dezembro, a rebelião esperada na ilha das Cobras. Um primeiro tiro foi lançado. As luzes da ilha foram desvanecidas e os marinheiros iniciaram a procura os oficiais. No escuro, disparando tiros de fuzis, eles gritavam: Viva a liberdade. Morram os oficiais.¹²⁴ Pequena guerra perdurou a madrugada, a manhã do dia seguinte e só parou ao entardecer, com a morte da maioria dos amotinados. Por todos os lados, junto aos canhões e metralhadoras destruídas, havia corpos de marinheiros. As forças fiéis aos oficiais estavam preparadas e esmagaram os rebeldes, por isso:

No mesmo dia, por volta das 22h30m, houve um toque de corneta de “Batalhão Naval, avançar em acelerado” e duas companhias partiram em direção ao pátio aos gritos de “viva a liberdade” na Ilha das Cobras. Essa revolta teve a participação de soldados do Batalhão Naval tendo como líder Jesuíno da Lima Carvalho, um cabo da esquadra, gaúcho, que sabia ler e escrever. Depois de reunir todos no pátio, Jesuíno “ordenou que os flancos fossem guarnecidos, que arrombassem o paiol e distribuíssem o armamento, que libertassem todos os presos e os armassem e, finalmente, tomou posse do telégrafo para manter um canal de comunicação com os anistiados em novembro e o próprio governo.”¹²⁵

¹²⁴ Fonte: Biblioteca Nacional – Hemeroteca.

¹²⁵ NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008, p. 62.

Figura 10: A Revolta vista pelo olhar do jornal Correio da Manhã



Fonte: Jornal Correio da Manhã, nº: 3419, data: 1910 – Biblioteca Nacional.

Contudo, o marechal Hermes utilizou essa segunda revolta para conquistar o Congresso Nacional a aprovação do estado de sítio.¹²⁶ Vale ressaltar que a unanimidade não foi alcançada na votação, em parte devido às preocupações expressas por Ruy Barbosa. O influente político alertou que a aprovação do estado de sítio poderia potencialmente abrir caminho para mais atos arbitrários por parte do governo, o que levou Ruy Barbosa a votar contra a medida. A seguinte proposta era: “Artigo 1º: Ficam declarados em Estado de Sítio, até trinta dias, o território do Distrito Federal e o Estado do Rio de Janeiro. Revogadas as disposições em contrário.”¹²⁷

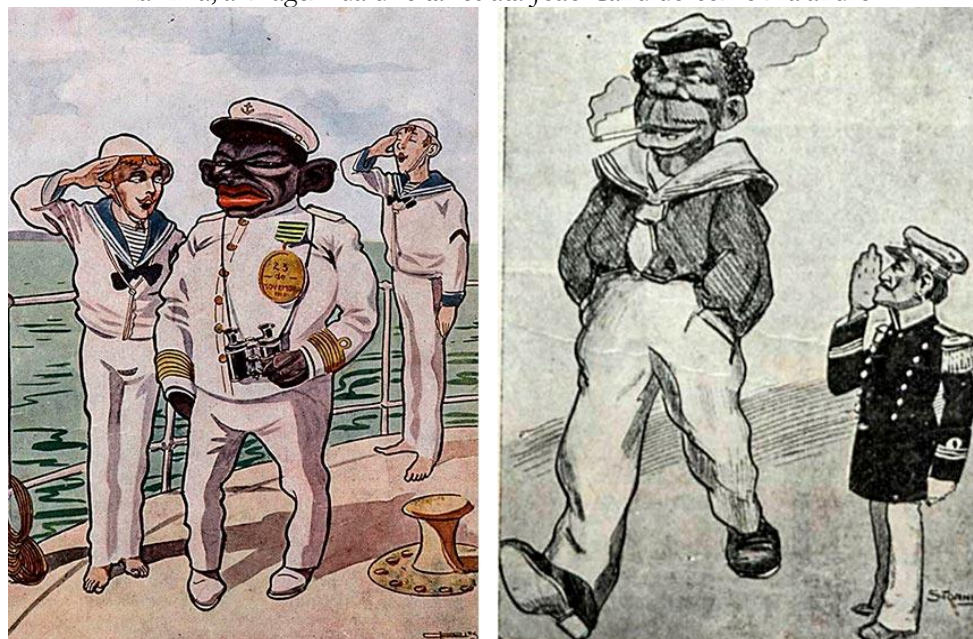
O estado de sítio estabelece um prazo de trinta dias, mas foi prorrogado e durou até maio de 1911, quando o Congresso foi reaberto. Nos dias seguintes, sem processo judicial ou defesa, muitos marujos acabaram perseguidos e presos. Foram levados a força para os além do Acre, na qual iriam trabalhar como escravos na extração da borracha, na extensão de linhas telegráficas e na construção de estradas de ferro. Alguns morreram em masmorras militares. João Cândido foi preso assim que chegou em solo e levado ao quartel-general do Exército.

Poucos dias após os eventos mencionados, embarcações foram conduzidas para alto-mar, sob acusações de estar sendo tramada uma terceira revolta. A cena que se desenrolou teria abalado até mesmo os militares mais desprovidos de sensibilidade: em uma cela, foram encontrados 16 corpos de marujos, vítimas da asfixia. A visão desses corpos inertes representava uma trágica manifestação da violência brutal que havia irrompido. Em outro canto, os dois únicos sobreviventes, João Cândido e o soldado naval João Avelino, estavam em um estado de choque indescritível. Com isso, terminava uma das mais sangrentas rebeliões militares já testemunhadas no Brasil.

¹²⁶ Certos direitos individuais ficam suspensos e o governo ganha mais poderes para repelir as investidas dos inimigos.

¹²⁷ *Revista de Informação Legislativa*, 1965, p. 62.

Figura 11: Charges de 1910 mostram que seria ridículo se negros comandassem brancos na Marinha; a imagem da direita retrata João Cândido como malandro



Fonte: Revista Careta nº 132 - 1910 e O Malho/Biblioteca Nacional Digital)

O historiador Álvaro do Nascimento, nos afirma que, ao contrário da história narrada pelos políticos, os marinheiros revoltosos não eram aqueles ríspidos e primitivos que tinham que ser domesticados com chibatadas:

– Os marinheiros, na realidade, demonstraram capacidade e inteligência na Revolta da Chibata. Eles tiveram consciência de classe, conseguiram criar um movimento organizado, planejaram o motim durante pelo menos um ano e, para agir, escolheram o preciso momento em que o país e o mundo político estavam mais fragilizados, logo após o racha nacional provocado pela Campanha Civilista [a candidatura presidencial de Ruy Barbosa, que foi derrotado pelo marechal Hermes em março de 1910], sem contar que conduziram sozinhos, sem a necessidade dos superiores, aqueles grandes navios de guerra. Os marinheiros queriam que a Marinha toda fosse reformulada, de modo que eles próprios recebessem mais educação e os oficiais aprendessem a comandar sem violência.¹²⁸

Possesso, Ruy Barbosa acusa todos os abusos, inclusive a falsa anistia. Diante das repetidas ofensas à lei, afirmou que o marechal Hermes da Fonseca havia reduzido a Constituição brasileira à condição de abandonadíssima defunta. Apesar das denúncias, os oficiais que comandaram as execuções não foram acusados, presos ou condenados. Alguns, ao contrário, foram até promovidos.

João Cândido, o Almirante Negro, foi poupado. Logo após a revolta, passou um tempo na cadeia e outra num manicômio. Expulso da Marinha e vivendo na pobreza, acabou passando o resto de sua vida vendendo peixe e obtendo ajuda financeira de marinheiros gratos pelo fim da chibata. João Cândido morreu em 1969, aos 89 anos de idade.¹²⁹

¹²⁸ NASCIMENTO. *Cidadania, cor e disciplina na revolta dos marinheiros de 1910*.

¹²⁹ Fonte: prod.museuafrobrasil.org.br.

Os escritores que pretenderam descrever a insurreição foram barrados pela ditadura do Estado Novo (1937-1945). O livro que tirou o movimento do esquecimento foi *A Revolta da Chibata*, publicado pelo jornalista Edmar Morel em 1958. Foi Morel quem deu esse nome ao motim. Como não era considerado um episódio histórico, nem sequer tinha nome definido – ora aparecia como *Revolta dos Marinheiros*, ora como *Revolta de João Cândido*.

Com a ditadura militar (1964-1985), o tema tornou a ser proibido. A produção de Morel foi retirada das bibliotecas. Em 1974, a música *O Almirante Negro*, de João Bosco e Aldir Blanc, recebeu censura e, para ser concedida ao público, teve que ser modificada para *O Mestre-Sala dos Mares*.¹³⁰ Nos versos da música, a expressão – *Almirante Negro* – precisou ser substituída por – *Navegante Negro* –, e *A Revolta da Chibata* só começaria a entrar nos livros escolares na década de 1980.

Considerações finais

Ao longo do tempo, as formas de compreender o que é a História e o papel de quem a conta, incluindo as definições teóricas, tiveram mudanças significantes. Inúmeras questões incluíram a natureza do trabalho do historiador e do literato para o uso das fontes, entre outras discussões pertinentes e expressivas. Analisando as principais correntes historiográficas, de acordo com o tempo em que foram construídas, percorremos no interior desse artigo, inúmeros postulados e periódicos para demonstrar a possibilidade de identificar traços da época de 1910. Interpretações. Escolhas. Vemos que os debates, ao contrário do que um olhar pouco atento possa intuir, estão longe de chegar ao final. O caminho prossegue tornando-se cada vez mais intenso.

Narrar, ou recontar, a chamada *Revolta da Chibata*, com um olhar atento ao seu tempo histórico com seus aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais, representa uma tarefa árdua. Como em outros movimentos populares, esse episódio foi fixado por interrupções e prosseguimentos. Alguém já disse que viver é perigoso. Importante seria analisar que escrever também é. Retomar, buscar as versões, dar voz aos protagonistas, ou não, notáveis ou anônimos é uma tarefa repleta de complexidades.

Inúmeras questões se sobrepõem, formando pilhas e mais pilhas de perguntas nem sempre em equilíbrio. Nas diferentes experiências vividas pela humanidade em tempos e em espaços diversos, qual o enredo predominante? Frase reveladora da sabedoria popular que, reunida à consideração feita pela antropóloga Lília Moritz Schwarcz, a “História é sempre risco”, ganha sentido valioso e reflexivo.

Portanto, somente em 23 de julho de 2008, o governo brasileiro entendeu que as causas da revolta eram legítimas e concedeu anistia aos marinheiros envolvidos.¹³¹ O que demonstra a grande espera por um reconhecimento tanto da parte política do Brasil quanto da parte da Marinha. E os avessos dentre a *Revolta da Chibata*, dessa *Belle Époque* Tropical, vai muito além do Impressionismo e *Art Nouveau*.

¹³⁰ <https://www.lettras.mus.br/joao-bosco/663976/>

¹³¹ Ver LEI Nº 11.756, DE 23 DE JULHO DE 2008.

A DIALÉTICA DA ALIENAÇÃO E DO ENCANTAMENTO NA FLÂNERIE DE POE NÃO CONTO O PREDICAMENTO

Saide Feitosa da Silva¹³²
Eduardo Guimarães Souza¹³³

Abstract

The article explores the duality of modern cities, drawing on Italo Calvino's idea that “cities, like dreams, are built of desires and fears.” Through an analysis of Edgar Allan Poe's short story - The Predicament, the text examines the urban contrasts that shape modernity: technological and architectural progress versus marginalization and social disorder. Additionally, the article engages with perspectives from authors such as Luciana Nascimento, who highlights the impacts of the Industrial Revolution on metropolitan areas, and Walter Benjamin, with the figure of the flâneur as an observer of urban tensions. Poe's story is presented as a metaphor for the urban experience, blending elements of fascination and chaos. In essence, the article reflects on the contradictions of urbanization, capturing the nuances of modernity in its aesthetic, social, and cultural dimensions.

Keywords: Modern cities, Flâneur, Edgar Allan Poe, Short story

*“As cidades, assim como os sonhos,
são construídas por desejos e medos”¹³⁴*

Como podemos captar em Ítalo Calvino *As Cidades Invisíveis*, as urbes são construções complexas e paradoxais, moldadas tanto por fantasias quanto por temores. No contexto moderno, essa dualidade se manifesta distintamente. As cidades são frequentemente projetadas para materializar os sonhos de progresso, prosperidade e inovação. Arranha-céus, centros financeiros e infraestrutura avançada refletem a ambição por qualidade de vida. Concomitantemente, todavia, essas cidades abrigam receios subjacentes de exclusão e vulnerabilidade. O crescimento rápido pode levar a uma expansão desequilibrada, onde áreas pobres e ricas paralelamente coexistem, produzindo um cenário de contrastes extremos.

A modernidade traz consigo uma série de regras e sistemas que podem parecer absurdos e enganosos, como mencionado por Calvino. Zonas citadinas são delimitadas por planejamentos que tanto beneficiam interesses próprios, e políticas de urbanização podem resultar na marginalização de comunidades desfavoráveis. As expectativas projetadas pela tal modernidade frequentemente ocultam realidades duras, mascarando as dificuldades nas periferias, onde os serviços básicos são míngua ou inexistentes.

Aliás, a ideia de que todas as coisas escondem outras é particularmente relevante na análise das cidades modernas. As fachadas elegantes de prédios corporativos podem esconder condições insalubres de trabalho. Bairros prestigiados podem estar próximos de áreas degradadas, evidenciando uma divisão social profunda. Esta camuflagem de realidades adversas sob o verniz do progresso é um dos tons que se arrasta de início ao fim dentro do espectro sociocultural manejado pela modernidade com suas dualidades que se rabiscam em diferentes cores.

¹³² Universidade Federal do Acre (UFAC) - saidefsilva@gmail.com

¹³³ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - eduardoguimaraes@letras.ufrj.br

¹³⁴ Ítalo Calvino, *As Cidades Invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. (São Paulo: Companhia das Letras, 1990), 23.

A verdadeira natureza das cidades modernas é, portanto, um mosaico de esperanças e temores, onde as forças do progresso e do caos estão diametralmente em conflito, criando um ambiente urbano tão fascinante quanto complexo, coincidentemente. É nessa ótica labiríntica da cidade da luz e das sombras, que nosso flâneur, na obra de Edgar Allan Poe, vai introjetar o sentido viciante e virtuoso da urbe moderna, a partir de seu reflexo espetacular, objeto de nosso estudo, a cidade gótica de Poe em seu conto *O Predicamento*.¹³⁵

Polifonicamente, em consonância com Calvino, a escritora Luciana Nascimento, em seu ilustre livro *Cidades Modernas, Vitrines das Multidões*,¹³⁶ aborda as transformações urbanas e sociais ocorridas durante a Revolução Industrial com o surgimento das metrópoles nos séculos XIX e XX. A pesquisadora fluminense assevera que as cidades representam uma ruptura drástica com a antiga ordem medieval, florescendo a conformação urbana como conhecemos hoje. Esse pressuposto elege as cidades como palcos para uma série de mudanças e debates, incluindo sua rápida expansão, o êxodo rural e o crescimento das populações citadinas.

Por sinal, a industrialização juntamente com as novas formas de organização do trabalho e o desenvolvimento de novas expressões artísticas, literárias e culturais, opunham-se aos inúmeros desafios enfrentados naquele ambiente aprazível e extremado, fascinante e alienador. A pobreza, a desigualdade social, a falta de moradia, os problemas de saneamento e a criminalidade representavam o outro lado de uma mesma moeda; se havia virtude, luzes, opulência, existia também, sua imagem inversa, o vício, as sombras, a indulgência, como podemos ratificar nas palavras de Nascimento:¹³⁷

Apesar de toda a expansão e evolução da tecnologia, o crescimento urbano foi repleto de contradições, apresentando um lado perverso e caótico, que, com o crescente aumento das populações, acarretava falta de moradia, problemas de abastecimento de água, falta de esgotos e a decorrente insalubridade.

Nessa conjunção, a vida cultural e econômica a partir do século XIX molda a cidade como um conjunto de signos que cria uma imagem da modernidade e está diretamente associada à noção de reformas sociais e à produtividade substanciada pelo capitalismo. Assim, as imagens do encanto e do temor circunscrevem a cidade na escrita de muitos literatos durante os séculos XIX e XX. Com Poe não foi diferente. Ele também explorou essas malhas subterrâneas, mas igualmente cativantes das urbes modernas, como no conto *O Predicamento*. Antes de explorarmos essas vias sinuosas de mão dupla, vale discorrer um pouco sobre o notório escritor estadunidense.

Poe e sua experiência urbana

Edgar Allan Poe, nascido em 1809 em Boston, Massachusetts, faleceu em 7 de outubro de 1849, em Baltimore, Maryland, Estados Unidos. A causa de sua morte ainda é um mistério e motivo de especulação. Ele é considerado um dos escritores mais influentes de seu tempo.¹³⁸ Conhecido por suas obras que exploram temas de horror, mistérios [policiais] e as mais extremadas condições humanas, Poe frequentemente sobreleva em suas narrativas uma profunda fascinação pelas cidades e seus aspectos paradoxais.

¹³⁵ Edgar Allan Poe, *A Predicament*. [1838]. S.l. Alice and books, s.d. Disponível em: <https://www.aliceandbooks.com/book/download/a-predicament/edgar-allan-poe/552/1652>. Acesso em 22 out. 2023.

¹³⁶ NASCIMENTO, Luciana Marino do. A cidade moderna: vitrine das multidões. *Textos e Debates*, Boa Vista, Universidade Federal de Roraima, v. 1, n. 8, p. 36-42, jul. 2005. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/2828/1619>. Acesso em: 20 jun. 2024.

¹³⁷ NASCIMENTO. A cidade moderna: vitrine das multidões, p. 40.

¹³⁸ SILVERMAN, K. *Poe: Mournful and Never-ending Remembrance*. Harper Perennial, 1991.

Poe viveu durante um período de grande transformação nos Estados Unidos, marcado pelo crescimento das cidades e pela industrialização. Essa experiência urbana é capturada em várias de suas obras, onde as cidades são retratadas tanto como centros de avanço tecnológico quanto como cenários de desordem e corrupção, como nas duas novaiorques erigida por seu conterrâneo Stephen Crane em *Maggie: uma garota das ruas*.^{139, 140, 141} Seus textos frequentemente exploram as complexas dinâmicas sociais e psicológicas que emergem das paisagens urbanas. Vale mencionar algumas obras como forma de exemplificar sua facilidade em compor a complexidade dos diversos cenários das urbes modernas.

Em contos como *O Homem da Multidão*,¹⁴² Poe retrata a cidade como um espaço de anonimato e alheamento. O narrador observa as massas que transitam pelas ruas de Londres, identificando uma figura misteriosa que simboliza a solidão e a desconexão no meio da multidão. Este enredo enlaça a experiência do flâneur descrita por Walter Benjamin, onde a observação da vida urbana reflete as tensões entre a coletividade e o isolamento.

Outro exemplo é o conto *A Queda da Casa de Usher*,¹⁴³ onde, embora a narrativa não ocorra em um ambiente urbano, as descrições da residência e do seu entorno espelham a decadência moral que Poe via nas cidades. A casa de Usher pode ser vista como uma metáfora para a desintegração das estruturas sociais e urbanas da época, remetendo as preocupações de Poe com a fragilidade da modernidade.

Poe também explorou os temas de criminalidade e corrupção em ambientes urbanos. Em *O Roubo da Carta*,¹⁴⁴ ambientado em Paris, o escritor tece uma complexa trama de intriga e inteligência, destacando a cidade como um espaço onde o intelecto e a astúcia são necessários para sobreviver. A Paris de Poe é um labirinto de segredos e conspirações, ilustrando como a urbanização pode criar um ambiente tanto de oportunidade quanto de emboscadas.

Além disso, em *O Predicamento*, Poe constrói uma narrativa onde a protagonista se vê presa em uma situação bizarra e mortal dentro de uma antiga mansão em Edina, antigo nome de Edimburgo. A história simboliza a dualidade da cidade moderna, onde o fascínio pelo progresso e pela descoberta pode subitamente transformar-se em desespero.

¹³⁹ Paralelamente, é possível depreender algumas ideias sobre a transformação urbana nos Estados Unidos a partir da leitura de *Maggie: A Girl of the Streets* de Stephen Crane, embora haja diferenças significativas entre a obra de Crane e a de Poe. Stephen Crane, em seu romance antológico, descreve principalmente as desventuras nos guetos de Nova York, destacando os impactos negativos da industrialização e do crescimento urbano, como a pobreza, a violência e a degradação moral. Sua obra é um exemplo clássico do naturalismo, que busca retratar a realidade de forma crua e objetiva, mostrando como os ambientes urbanos podem moldar e destruir vidas, assim como no conto de Poe.

¹⁴⁰ SILVA, Saide Feitosa da. *Nova Iorque das Ruas e do Texto: Uma Leitura De Maggie: A Girl Of The Streets, De Stephen Crane*. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - PIPGLA - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

¹⁴¹ CRANE, S. *Maggie: A Girl of the Streets*. D. Appleton & Company, 1893.

¹⁴² POE, Edgar Allan. *O Homem da Multidão*. In: _____. *Tales of Mystery and Imagination*. Disponível em: <https://www.aliceandbooks.com>.

¹⁴³ POE, Edgar Allan. *A Queda da Casa de Usher*. In: _____. *Tales of Mystery and Imagination*. Disponível em: <https://www.aliceandbooks.com>.

¹⁴⁴ POE, Edgar Allan. *O Roubo da Carta*. In: _____. *Tales of Mystery and Imagination*. Disponível em: <https://www.aliceandbooks.com>.

A obra de Poe, portanto, oferece uma visão rica e multifacetada das cidades, capturando suas promessas de avanço e renovação, bem como os vícios de uma desordem decadente. Suas descrições continuam a ser apreciadas por sua capacidade de refletir as entranhas das complexas realidades citadinas. A seguir construímos um breviário de *O Predicamento* para melhor situar os leitores.

Um enredo extremado em tons flâneurísticos

Para os menos familiarizados com o título do conto, *O Predicamento* refere-se a uma situação difícil, embaraçosa ou complicada, muitas vezes envolvendo um dilema moral ou físico. Em português, ‘predicamento’ não é um termo amplamente conhecido, porém serve perfeitamente para descrever a situação surreal e angustiante vivida pela protagonista do conto.

A narrativa explora a conformação moderna citadina e o fascínio flanurístico da personagem principal. O texto começa com Zenobia, uma escritora de romances góticos, decidindo explorar a cidade em busca de inspiração. Ela é acompanhada por seu poodle e sua empregada Pompey, e se deixa levar pela faceirice das ruas, revelando um interesse flanurístico, típico dos observadores urbanos que vagueiam sem rumo, inebriando-se com a paisagem citadina.

Zenobia, em sua exploração, depara-se com uma imponente catedral, cuja presença no cenário urbano realça o contraste entre a arquitetura gótica e a cidade em transformação. A catedral, com sua grandiosidade e atmosfera misteriosa, atrai Zenobia, que decide adentrar o edifício. A personagem, movida pela curiosidade e inquietação típicas dos flâneurs, inicia sua jornada pelos interiores do recinto.

A subida de Zenobia à torre é carregada de simbolismo, representando sua busca por uma visão mais abrangente da cidade, um desejo de transcender as limitações da vida cotidiana. Esse movimento vertical sugere uma tentativa de alcançar um ponto de vista superior, tanto literal quanto alegoricamente, sobre a conformação da cidade moderna.

Ao chegar ao topo da torre, Zenobia encontra um gigantesco relógio, que se destaca como uma metáfora do tempo moderno e sua impiedosa marcha ininterrupta. O relógio, com seus mecanismos complexos e intrincados, representa a modernidade tecnológica que caracteriza a contemporaneidade. Fascinada pela estrutura, Zenobia se envolve fatalmente com o ponteiro do relógio. Este momento, carregado de sátira grotesca, parodia o encontro do indivíduo com as forças avassaladoras do progresso.

Enquanto o ponteiro desce lentamente, cortando sua cabeça, Zenobia narra o processo com uma impassividade absorta. Este elemento subverte o terror gótico em sátira sombria, um recurso estilístico típico de Poe. A descrição clínica do momento em que o ponteiro decepa sua cabeça contrasta com a gravidade da situação, destacando o humor macabro do conto. A narrativa destaca a tensão entre a busca por inspiração e a realidade brutal do progresso técnico, encapsulando a dualidade da experiência urbana, elementos melhor explorados no tópico conceitual e analítico seguinte onde encerramos nosso estudo.

Uma dialética da flânerie em o predicamento

Dentro da perspectiva de flâneur abordada em nosso estudo, Walter Benjamin¹⁴⁵ argumenta que esse conceito emergiu na França do século XIX, descrevendo um tipo de observador urbano que perambula ao esmo pelas ruas da cidade, absorvendo a atmosfera e a vida cotidiana local. O flâneur é um indivíduo que se dedica à observação do lugar e de seus habitantes, sem um objetivo específico,

¹⁴⁵ BENJAMIM, Walter *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994.

mas com uma atenção aguçada aos detalhes e às nuances do ambiente urbano. Para Benjamin, a rua se torna sua morada, onde, entre as fachadas dos prédios, ele se sente tão familiarizado quanto um burguês ou um proletário dentro de seus lares.

Benjamin aprofunda essa ideia, enfatizando que ele representa uma nova forma de engajamento com o espaço urbano, característica da modernidade. O flâneur é mais do que um simples transeunte; é o tradutor intrépido da cidade, alguém que lê a paisagem urbana como um texto e encontra significado nas suas manifestações mais corriqueiras. Esse olhar atento salienta as condutas dissimuladas da vida cotidiana e as transformações sociais e econômicas que moldam a municipalidade. Benjamin sugere que o flâneur é, em certo sentido, um precursor da sociologia urbana, pois seu ato de observar constitui uma forma de entendimento da complexa malha social citadina. Sobre esse ente moderno, Benjamin¹⁴⁶ assevera: “Deste modo, se o flâneur se torna sem querer detetive, socialmente a transformação lhe assenta muito bem, pois justifica a sua ociosidade. Sua indolência é apenas aparente. Nela se esconde a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor”.

Ademais, dentro da ordem moderna de conformação das urbes, Maria Stella Bresciani, no livro *Londres e Paris no Século XIX: O Espetáculo da Pobreza*,¹⁴⁷ explora as dinâmicas sociais, econômicas e culturais de duas das maiores cidades europeias durante o século XIX, abordando eventos relevantes como a Revolução Industrial, mudanças na estrutura social, crescimento demográfico e os desafios enfrentados pelas classes economicamente vulneráveis. Bresciani observa que a presença da multidão nas ruas de Londres e Paris durante o século XIX foi considerada pelos contemporâneos como um acontecimento vanguardista, porém inquietante.

Aliás, Bresciani aprofunda a análise sobre a multidão, destacando como essa presença era vista não apenas como um sintoma das mudanças sociais, mas também como uma força potencialmente disruptiva. A renomada historiadora argumenta que as multidões simbolizavam o impacto das transformações econômicas e industriais, evidenciando a crescente disparidade entre grupos sociais e a precariedade dos mais pobres. Além disso, Bresciani explora como a aglomeração de pessoas nas ruas refletia o tumulto e a incerteza de uma era de rápida urbanização, trazendo à tona questões de ordem pública, saúde e segurança que desafiavam as autoridades e moldavam a experiência urbana do século XIX.

Assim como nas cidades analisadas por Bresciani, Edgar Allan Poe apresenta um quadro singular da cidade de Edina, que pode ser interpretada como uma representação das complexidades urbanas modernas. Edina, com suas construções imponentes e ruas labirínticas, exala um encanto gótico que fascina, e ao mesmo tempo, assombra o narrador. Esse vislumbre é exemplificado pelo conceito de flâneur de Walter Benjamin, que descreve um observador urbano divagando pelas ruas a observar as miudezas da vida cotidiana e os detalhes da cidade. Logo, o narrador de Poe, no caso a narradora-personagem, pode ser visto como tal, imerso nas profundezas da cidade, envolto tanto em uma atmosfera resplandecente quanto nebulosa.

À vista disso, a cidade de Edina não é apenas um palco de opulência; ela também carrega um ar obscuro, produzido pela mesma modernidade que a embeleza. A visão de Bresciani complementa essa dualidade ao explorar as relações sociais, econômicas e culturais das metrópoles europeias durante o século XIX. Essa inquietação é visível em Edina, onde a modernidade traz consigo não apenas o esplendor, mas também os elementos perturbadores que acompanham o crescimento urbano desenfreado. As ruas de Edina, com seus contrastes, refletem essa tensão entre progresso e marginalização, um tema central nas considerações de Bresciani que se estendem as obras de Poe.

¹⁴⁶ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. p.38.

¹⁴⁷ BRESCIANI. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*.

A descrição meticulosa que Poe faz de Edina revela uma cidade imersa em contradições. A narradora se vê atraída pelas maravilhas arquitetônicas e pelos copiosos detalhes da cidade, mas também se depara com cenas que evocam sentimentos de desolação. A grandiosidade das estruturas e o labirinto de vielas criam um ambiente que é ao mesmo tempo fascinante, porém claustrofóbico. Essa dualidade ecoa o pensamento de Benjamin sobre a experiência urbana, onde o flâneur se deleita com a beleza da cidade enquanto percebe sutilmente, a presença das forças sombrias que a moldam. A modernidade, com todas as suas promessas de inovação, também traz à tona os elementos perturbadores que Poe habilmente incorpora em suas narrativas.

Edina, assim, torna-se um microcosmo da cidade moderna, onde o luxo e o lixo coexistem em um harmonioso desequilíbrio. A riqueza de detalhes que Poe fornece, aliada à sua habilidade em criar atmosferas opressivas, permite-nos vislumbrar uma cidade que é tanto uma maravilha arquitetônica quanto um cenário de decadência moral. Benjamin, Bresciani e Nascimento, inicialmente, nos oferecem lentes conceituais para entender essa complexidade: enquanto Benjamin explora o fascínio e a alienação do observador urbano, Bresciani destaca as consequências sociais da modernidade. Edina, conforme descrita por Poe, é um lugar onde esses elementos se entrecruzam, criando uma narrativa rica em significados e repleta de contrastes que refratam a própria essência das cidades modernas.

Pontualmente no que concerne a perspectiva da flânerie, a cidade, com sua mistura de ordem e caos, oferece ao passante uma experiência *sui generis* e multifacetada. Desde o início do conto, a narradora demonstra um desejo irresistível de explorar o espaço ao seu redor. Sua entrada na antiga mansão e a subsequente investigação dos quartos e da torre remetem à curiosidade e o fascínio característicos do flâneur.¹⁴⁸ “I could not resist the overwhelming desire to enter, I walked into the cavern and proceeded to reconnoitre the spot.”¹⁴⁹ Esse trecho refrata a atração da andarilha pelo desconhecido e seu impulso de descobrir os segredos do lugar.

Essa busca pelo desconhecido é um traço marcante da flânerie, onde ele é impelido a vagar ao léu, guiado pela curiosidade e pelo anseio de absorver distintas experiências. A mansão, com seu ar enigmático e promessas de achados secretos, serve como um microcosmo da cidade em si – um labirinto de histórias à espera de serem reveladas. Ao adentrar a mansão, a narradora não apenas explora um edifício físico, mas também embarca numa jornada de introspecção e descoberta pessoal, típicas dessa vivência. Esse escrutínio do palacete pode ser visto como uma metáfora para a própria investigação da cidade.

A atenção aos detalhes arquitetônicos e históricos do ambiente é um aspecto crucial da flânerie. A narradora, ao descrever os cômodos e a estrutura da mansão, exemplifica essa característica. “On one side of the room was a large folding door, apparently communicating with the main body of the house. Throwing this open, I discovered a small room, such as is often found in the turret of old mansions.”¹⁵⁰ Essa observação pormenorizada demonstra a capacidade do flâneur de se conectar com os aspectos físicos mais pertinentes do espaço, apreciando a história e arquitetura que o cercam.

¹⁴⁸ Fizemos nossa tradução para facilitar a compreensão de todos os leitores.

¹⁴⁹ “Não pude resistir ao desejo avassalador de entrar, caminhei para dentro da caverna e prossegui para reconhecer o local.”

¹⁵⁰ “Do outro lado do quarto havia uma porta grande de dobradiça, aparentemente comunicando-se com o corpo principal da casa. Ao abrir isso, descobri um pequeno cômodo, como frequentemente encontrado na torre de antigas mansões.”

Como aludido, Walter Benjamin descreve o flâneur como um observador metuculoso que se perde na multidão e nos detalhes da cidade. A mansão, com suas portas dobráveis e pequenos cômodos, oferece um espaço repleto de particularidades que convidam à contemplação. Essa minúcia na descrição simboliza a tentativa da narradora-personagem de se conectar com o ambiente, reconhecendo-o não apenas como um cenário, mas como um ente cheio de vida.

A interação da personagem com o grande relógio na torre é outro exemplo. Ao contemplar a intrincada engenhosidade daquele grandioso mecanismo, ela ruma sobre o impacto da tecnologia na vida urbana. “While I gazed upward at the gigantic clock, I could not help but think of the labor and ingenuity which must have been expended in its construction.”¹⁵¹ Esse momento de reflexão destaca como o flâneur não apenas observa passivamente, mas também considera as implicações mais relevantes na sua peregrinação.

Por outro lado, como o reverso de uma mesma medalha, na obra de Poe, a tecnologia pode simbolizar a ambivalência tanto de progresso quanto de alienação. O relógio gigante, com sua precisão mecânica e sua inevitável marcha rumo à decapitação da protagonista, pode ser visto como uma alegoria da implacabilidade da vida moderna. Essa reflexão sobre a tecnologia e suas consequências podem aludir às preocupações contemporâneas, como formam a industrialização e a crescente complexidade urbanística à época, temas explorados por Bresciani e Nascimento ao discutir a configuração das cidades modernas.

Sob o olhar caótico citadino de Bresciani, a experiência de isolamento e perigo enfrentada pela narradora pode ser vista como uma metáfora para os riscos da flânerie. Ele, ao se aventurar por territórios desconhecidos, pode experimentar eventos deletiosos, mas também se deparar com situações ameaçadoras. “I shouted with all my might, and looked about me for an avenue of escape. I could find none – and I felt a mortal terror steal over my frame.”¹⁵² A incapacidade de se comunicar com sua empregada Pompey e a sensação de terror sublinham a vulnerabilidade da narradora-flâneur em meio à vastidão do ambiente urbano.

Essa sensação de perigo e isolamento é emblemática da flânerie nas grandes cidades, onde a imensidão do espaço pode levar a sentimentos de desorientação. Bresciani discute como a metropolização e a industrialização criaram espaços onde o indivíduo pode se sentir vulnerável, refletindo o caos das urbes modernas. O flâneur, ao se aventurar pelos diversos cantos da cidade, frequentemente encontra não apenas a beleza e a novidade que busca, mas também os perigos e a incerteza que permeiam esses ambientes densamente povoados.

Nossa protagonista aprisionada na torre e enfrentando uma ameaça mortal, pode exprimir a experiência do flâneur que, ao se deixar envolver pelos encantos da cidade, acaba obscurecida por seus perigos ocultos. Essa dualidade, onde a busca pela descoberta e o fascínio pelo desconhecido podem resultar em situações de risco extremo, representa as tensões inerentes à modernidade. O conto de Poe, portanto, não apenas narra um evento de horror, mas também proporciona uma reflexão sobre a experiência urbana contemporânea, na qual a beleza e o caos se confrontam terminantemente.

¹⁵¹ “Enquanto eu contemplava o gigantesco relógio, não pude deixar de pensar no trabalho e na engenhosidade que devem ter sido empregados em sua construção.”

¹⁵² “Eu gritei com toda a minha força e procurei ao meu redor por uma via de escape. Não encontrei nenhuma – e senti um terror mortal tomar conta do meu corpo.”

Algumas Considerações

A análise de *O Predicamento* de Edgar Allan Poe sob a ótica do flâneur nos permite compreender a complexa interação entre o indivíduo e a cidade moderna. A figura do flâneur, tal como descrita por Walter Benjamin, serve como um prisma através do qual podemos observar as dinâmicas urbanas de alienação e de encantamento que permeiam a narrativa de Poe. A narradora-flâneur do conto transpira essa dualidade ao ser ao mesmo tempo atraída pelas maravilhas arquitetônicas e confrontada com os perigos mortais da cidade.

Poe utiliza a cidade de Edina para criar um microcosmo da experiência urbana moderna, onde a ostentação e a decadência coexistem em um delicado equilíbrio. As descrições atmosféricas da urbe gótica refletem tanto o fascínio quanto a desolação que o flâneur encontra em sua deambulação. Esse contraste entre o esplendor luxuoso e os perigos latentes ressalta a ambiguidade da modernidade, um tema central tanto na obra de Poe quanto nas reflexões de Benjamin, Nascimento e Bresciani sobre a urbanização do século XIX.

Aliás, *O Predicamento* enseja uma rica reflexão sobre a experiência urbana, ressaltando como a modernidade pode moldar tanto a paisagem física quanto a psique humana. Poe, através da lente do flâneur, expõe as intrincadas realidades da vida citadina, onde a busca por novidade e o constante trânsito podem resultar em uma compreensão mais profunda da cidade, mas também em uma confrontação com seus aspectos mais sombrios. Essa dialética da flânerie, fascinantemente explorada por Poe, continua a ressoar nas análises contemporâneas da vida urbana.

AUTORES

ADELZITA VALÉRIA PACHECO DE SOUZA é Doutora em Linguística Aplicada – Interação e Discurso / 2021 - UFRJ; Pós Doutora em Psicologia / 2023 - UFRRJ; Mestrado em Psicologia / 2017-UFRRJ Pedagogia OE/ADM/ Profa Magistério – Disciplinas Pedagógicas /1990 -FEUC; Psicopedagoga / Univ. Gama Filho; Arteterapeuta/ UCAM; Atuando na Docência do Magistério Superior desde 2007/UFAC. E-mail: adelzita.souza@ufac.br. Orcid: 0000-0002-8993-9596.

AMANDA VIEIRA DE SOUZA é Licencianda em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi bolsista CAPES pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: amandavieira@letras.ufrj.br.

BRENDA DOS SANTOS CERQUEIRA - Graduada em Direito pelo Centro Universitário Augusto Motta (Unisum). Graduada em Letras Português-Literaturas pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atuou como Bolsista de iniciação científica durante 4 anos, sob a orientação da Professora Doutora Luciana Marino do Nascimento. E-mail: brendacerqueira98@hotmail.com.

CLEILTON FRANÇA DOS SANTOS - É Doutor em Linguística Aplicada (2022) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestrado em Letras: Linguagem e Identidade (2016) e Graduação em Letras Português-Espanhol (2000), ambos pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Atualmente é professor ativo permanente da Universidade Federal do Acre, lotado no Colégio de Aplicação. Tem experiência no Ensino de Língua Espanhola e Formação de Professores. E-mail: cleiltonfranca@yahoo.com.br.

DOUGLAS ESTRELA é graduando em Letras-Espanhol pela Faculdade de Letras da Universidade a federal do Rio de Janeiro.Rj/ Brasil. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). E-mail: douglas.estrela@letras.ufrj.br.

EDUARDO GUIMARÃES SOUZA é graduando do Curso de em Inglês pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/ Brasil. Bolsista de iniciação científica. E-mail: eduardoguimaraes@letras.ufj.br.

FERNANDA FRANCISCO DE LIMA é graduanda em Letras Português-Espanhol pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: fernandafdelima@letras.ufrj.br.

JORGE EDUARDO MAGALHÃES DE MENDONÇA é Pós-Doutor em LA pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2022). Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (2020). Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2011). Especialização em Literaturas Brasileira (1999) e Portuguesa (2001) pela UERJ. Licenciou-se em Letras (Português e Literatura) pela Faculdade de Humanidades Pedro II (1997). É professor da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro (desde 1998) e da Prefeitura Municipal de São Gonçalo (desde 2002), Faculdades Integradas Campo-Grandenses - FEUC (desde 2019). Membro da Academia Luso-Brasileira de Letras (Cadeira 03 -Patronímica Antônio Correia de Oliveira). Trabalhou como Professor Visitante da Universidade de Aswan - Egito. E-mail: jemagalhaes@yahoo.com.br.

JOSÉ CABRAL MENDES possui Graduação em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Acre; Mestrado em Letras: linguagem e identidade pela Universidade Federal do Acre – UFAC e Doutorado em Linguística Aplicada pelo Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Investigação e Prática Pedagógica no Ensino da Língua Espanhola, Estágio Supervisionado, Ensino de línguas e literaturas. Atualmente, é professor orientador no Programa Institucional de Residência Pedagógica – PRP, da área de Letras Espanhol da Universidade Federal do Acre – UFAC, Campus Rio Branco. E-mail: jose.mendes@ufac.br. Orcid: 000-0002-2856-8699.

JUCILEIDE SOUZA DA SILVA é graduada em Comunicação Social e Licenciatura em Letras Espanhol pela Universidade Federal do Acre. Pós-graduanda do Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-Brasileira e Indígena (Ufac). É professora de Língua Espanhola na Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes do Acre (SEE/AC). Desenvolve pesquisas na área de ensino de línguas estrangeiras modernas (LEM), metodologias ativas e educação das relações étnico-raciais. E-mail: jucileide.silva@sou.ufac.br.

JULIA VITÓRIA VIEIRA LUCAS é graduanda em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de pesquisa. Membro do Centro Acadêmico da Faculdade de Letras. E-mail: julialucasletras@ufrj.br.

LUCIANA MARINO DO NASCIMENTO é graduada em Letras-Português pela Universidade Federal de Minas Gerais e mestre em Estudos Literários pela mesma Universidade. Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Venceslau Brás. Pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e pela Universidade de Aswan – Egito. Docente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do magistérios superior da Universidade da Força Aérea (Unifa). E-mail: zen.sansara@uol.com.br. Orcid: 0000-0001-7774-6837

LUCIANO MENDES SARAIVA – Graduado em letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Acre; Especialista em Planejamento e Gestão Escolar pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande; Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre. Docente de Língua e Literatura Espanhola da Universidade Federal do Acre. Doutor junto ao Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Experiência na área de Línguas, culturas e literaturas espanholas. Orienta estudos voltados para o ensino de oralidade, leitura, escrita e cultura. Membro integrante do Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas (GEADEL) da UFAC. Editor Chefe da revista acadêmica GEADEL. E-mail: luciano.saraiva@ufac.br. Orcid: 0000-0001-7437-6340.

SAIDE FEITOSA DA SILVA é Professor Adjunto do Centro de Educação, Letras e Artes (CELA) da Universidade Federal do Acre (UFAC), atuando no curso de Licenciatura em Letras Inglês. Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com pesquisa em Estudos Culturais, Análise do Discurso e Ensino de Línguas (2022). Mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ (2018), especialista em Psicopedagogia (2005) e licenciado em Letras - Inglês pela UFAC (1999). Possui experiência em Literaturas de LI, Linguística Aplicada e Ensino de Línguas, com foco na formação de professores, Fonética e Fonologia da LI e Metodologias de Ensino. E-mail: saidefsilva@gmail.com.

VALTENIR SOARES DE ABREU possui Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Roraima; Graduação em Letras pela Faculdade Venda Nova do Imigrante; Especialização em Informática na Educação pelo Instituto Brasileiro de Pós-Graduação e Extensão; Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Roraima; e Doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem experiência em docência na Educação Básica e no Ensino Superior. Pesquisa temáticas relacionadas às minorias sociais, inclusão, educação antirracista, além de atuar na Comissão de Heteroidentificação. Atualmente, é diretor de Assuntos Acadêmicos da Pró-Reitoria de Ensino e Graduação da Universidade Federal de Roraima. E-mail: valtenir.abreu@ufrr.br. orcid: 0000-0003-0670-0932.

WILLIANICE SOARES MAIA possui graduação em Letras Português e graduação em Letras Espanhol pela Universidade Federal do Acre e Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá. Especialista em Coordenação Pedagógica e Planejamento e Libras. Mestre em educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul e Doutora pelo Programa Interdisciplinar em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora das línguas: Portuguesa, Espanhola e Libras do Instituto Federal de Alagoas e está coordenadora do Curso de Letras Português do na mesma Instituição. E-mail: willianice.soares@ifal.edu.br.

PAULO CÉSAR VIEIRA DE TOLEDO é graduando em Letras Português-Inglês pela Faculdade de Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de pesquisa. E-mail: pcvieiradetoledo013@gmail.com.